

INICIATIVA 3

Comunicação, Arquitetura e Design

Gestão, Internacionalização
e Desenvolvimento



Ficha Catalográfica

**INICIAÇÃO – Revista de Iniciação Científica, Tecnológica e Artística.
Comunicação, Arquitetura e Design.
Gestão, Internacionalização e Desenvolvimento.**

v. 1, n. 1 – outono, 2022 – São Paulo: Centro Universitário Senac.

Quadrimestral
ISSN 2179-474X

Portal da revista INICIAÇÃO

<http://www1.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistainiciacao>

E-mail: revistaic@sp.senac.br

Prezados Leitores,

A Revista Iniciação, em seu novo formato quadrimestral, apresenta artigos multidisciplinares, reunidos em sessões correspondentes aos temas gerais, que antes regiam a sequências das publicações temáticas do Programa de Pesquisa do Centro Universitário Senac.

Desse modo, este primeiro número apresenta cinco artigos, distribuídos em duas sessões específicas: Comunicação, Arquitetura e Design, e Gestão, Internacionalização e Desenvolvimento.

Os três primeiros artigos são resultados de pesquisas que focam em temas sensíveis que envolvem o bem-estar, o acolhimento e a superação de preconceitos, dentro de cenários muito distintos, porém sintonizados em questões contemporâneas, que discutem o combate à desigualdade e à discriminação, a tolerância às diferenças, a inclusão e a igualdade de gênero.

Em *Design de livros infantis: possibilidades de expansão para atividades com crianças hospitalizadas*, Juliana Martins França e Gisela Belluzzo de Campos propõem repensar formatos de publicações gráficas destinadas a crianças em situação de internação hospitalar. Neste contexto, pesquisando em cases reais, as pesquisadoras identificam, através de depoimentos e relatos, o quanto livros, cujo projeto editorial contempla atividades de criação de brinquedos, resultam em melhora do paciente após o desenvolvimento das atividades propostas.

Enzo Graziano Mansur e Lázaro Eliseu Moura, autores de *Reid Miles & Blue Note Records a voz do jazz e design tipográfico a resistência contra a opressão nazista*, resgatam a parceria e a produção da renomada gravadora Blue Note Records com Reid Miles, cujo legado como designer e fotógrafo tornou-se um fenômeno dos mais celebrados pelos amantes do jazz e do design de capas de disco das décadas de 50 e 60. Se a obra do artista é compreendida como a síntese gráfica do jazz, ela também assume papel fundamental na discussão proposta pelos autores sobre as influências históricas desta produção e sua interpretação em relação ao conceito nazista da arte e da música degeneradas, reflexo do conservadorismo do governo hitlerista.

Recursos Humanos e relações de gênero - uma análise dos indicadores de Direitos Humanos no Centro Paula Souza, o terceiro artigo desta tríade, traz à discussão práticas que promovam e divulguem posturas adotadas por instituições sobre a igualdade e equidade de gênero. A pesquisa de iniciação científica em questão, desenvolvida por autores Lorayne Ribera Guedes e Gustavo Menon, aplica os indicadores de gênero e de direitos humanos no Centro Paula Souza, a partir das diretrizes da Global Reporting Initiative (GRI), observando os impactos destas práticas na sociedade.

Por fim, os dois últimos artigos têm como objeto de estudo casos de produção relacionados a produtos alimentícios, com foco em gestão e transformação de cenários e de economias. O primeiro deles, dos autores Ana Beatriz Rezende Andreucci, Victor Ragazzi Isaac, Fernando Marcos de Oliveira, Breno Koci Guelssi, discorre sobre *O fenômeno das microcervejarias na região da Serra da Mantiqueira Mapeamento das cervejarias*, discutindo o surgimento de microcervejarias, nas cidades turísticas da Serra da Mantiqueira, fenômeno recente e sinalizador de oportunidades de negócio relacionado à produção artesanal e de pequena escala. No segundo, o foco na relação

entre os restaurantes de luxo e os produtores locais destaca os ganhos e benefícios adquiridos através desta aproximação, ampliando as redes de negócios locais e favorecendo o pequeno produtor a inovar e ampliar sua produção. Este trabalho, denominado *O papel da qualidade do relacionamento do produtor local com os restaurantes de luxo para o surgimento de conhecimentos e inovação*, foi desenvolvido por autores Sophia Peloggia Viana, Victor Ragazzi Isaac, Vítor Araújo Rabelo.

Agradecendo a todos os autores contemplados nesta publicação, a todos os avaliadores que colaboraram com seus pareceres, considerações e sugestões, e a toda equipe técnica que providenciou a edição desta revista, saudamos o público leitor desta publicação, a quem desejamos uma ótima e estimulante leitura!

Myrna de Arruda Nascimento

Editora

Conteúdo



Comunicação, Arquitetura e Design:

- Design de livros infantis: possibilidades de expansão para atividades com crianças hospitalizadas; 06
Juliana Martins França, Gisela Belluzzo de Campos

- Reid Miles & Blue Note Records a voz do jazz e design tipográfico a resistência contra a opressão nazista; 24
Enzo Graziano Mansour, Lazaro Elizeu Moura

Gestão, Internacionalização e Desenvolvimento:

- Recursos Humanos e relações de gênero - uma análise dos indicadores de Direitos Humanos no Centro Paula Souza; 56
Lorayne Ríbera Guedes, Gustavo Menon

- O fenômeno das microcervejarias na região da Serra da Mantiqueira Mapeamento das cervejarias; 79
Ana Beatriz Rezende Andreucci, Victor Ragazzi Isaac, Fernando Marcos de Oliveira, Breno Koci Guelssio

- O papel da qualidade do relacionamento do produtor local com os restaurantes de luxo para o surgimento de conhecimentos e inovação; 95
Sophia Peloggia Viana, Victor Ragazzi Isaac, Vítor Araújo Rabelo

Design de livros infantis: possibilidades de expansão para atividades com crianças hospitalizadas

Children's book design: possibilities for expanding activities with hospitalized children

Juliana Martins França, Gisela Belluzzo de Campos

Universidade Anhembi Morumbi. UAM

Bacharelado em Design Gráfico

jmartinsfranc@gmail.com, gbcampos@anhembi.br

Resumo. Esta pesquisa visa, em um primeiro momento, analisar pontos de construção do *design* de livros infantis e suas particularidades. A segunda intenção é investigar a inserção deste projeto editorial estudado no contexto de crianças em situação de internação hospitalar e observar como a apresentação do livro pode implicar na prática de criação de brinquedos e atividades como uma forma de expansão artística do livro para outras superfícies. E, por fim, entender o quanto todos esses compilados potentes de *design*, arte e educação podem influenciar no bem-estar da criança internada. A pesquisa baseia-se em *cases* reais por meio dos quais foi possível selecionar livros para serem analisados e estudados considerando seu projeto editorial e as atividades de criação de brinquedos desenvolvidas a partir da história e bibliografia relacionadas. Os depoimentos também contam com relatos de melhora do paciente após o desenvolvimento da atividade, contribuindo, assim, com informações importantes sobre a real eficácia do projeto editorial dentro do hospital.

Palavras-chave: *design* editorial, livros infantis, brinquedo, hospital.

Abstract. *This research aims, at first, to analyze points of construction of children's book design and their particularities. The second intention is to investigate the insertion of this editorial project studied in the context of hospitalized children and observe how the presentation of the book can imply the practice of creating toys and activities as a form of artistic expansion of the book to other surfaces. And, finally, to understand how all these powerful compilations of design, art and education can influence the well-being of the hospitalized child. The research is based on real cases through which it was possible to select books to be analyzed and studied considering their editorial project and the activities of creating toys developed from the history and related bibliography. The testimonies also have reports of the patient's improvement after the development of the activity, thus contributing with important information about the real effectiveness of the editorial project within the hospital.*

Key words: *editorial design, children's book, toy, hospital.*

Introdução

Lendo, a criança é capaz de desenvolver sua criatividade e seu pensamento crítico, mas, para que isso aconteça, é necessário oferecer livros que se adequem as suas necessidades ergonômicas, que sejam estimulantes e supram seus interesses. Esclarecida esta necessidade, entende-se que o designer possui papel importante com a tarefa de conceber projetos editoriais adequados a este público.

Entendendo a importância de um projeto editorial infantil bem executado, pode-se criar livros realmente relevantes para a educação e bem-estar da criança que o manipula e o usa como um refúgio imaginário criativo, sensorial e mágico.

A partir disto, tendo em vista a preocupação com estes projetos, esta pesquisa propõe-se, primeiramente, a investigar e analisar a construção do *design* de livros infantis, dando atenção às particularidades editoriais que os potencializam.

Também buscamos entender quais janelas criativas, a partir da leitura deste livro especialmente produzido, se abrem para a criatividade da criança possibilitando expandir a história contada para outros formatos externos à publicação como atividades de desenho ou criação de brinquedo.

Por fim, entender como este compilado de ludicidade e fantasia pode ser benéfico para a criança que se encontra em situação de internação hospitalar.

2. Metodologia

A metodologia desta pesquisa foi dividida em três etapas: a primeira consistiu em procedimentos teóricos, de caráter qualitativo, por meio de consultas a bases bibliográficas, sobre conceitos, métodos, procedimentos e ferramentas de *design* gráfico para projetos editoriais infantis tais como: pesquisa de formatos, técnicas e materiais empregados. Outro aspecto investigado focalizou a importância de promover atividades lúdicas por meio dos livros e da contação de histórias para o bem-estar de crianças em situação hospitalar.

A segunda etapa consistiu na realização de uma entrevista com a coordenação do programa Encanta que realiza atividades de contação de histórias com crianças hospitalizadas da ONG Canto Cidadão, com a finalidade de registrar e esclarecer o método de utilização dos livros infantis em seus atendimentos.

E, por fim, a terceira etapa metodológica fundamentou-se na pesquisa documental contando com o acesso às fichas de registros¹ dos voluntários, concedidas pela ONG,

¹As fichas preenchidas pelos voluntários são obrigatórias e são realizadas ao final da sessão de atividades do dia em formulário no *Google Forms*. O preenchimento solicita informações como: data e local de atendimento, número de crianças e acompanhantes atendidos, livro utilizado no atendimento, tipo de atividade aplicada, registros fotográficos, resultados comportamentais das crianças atendidas para as atividades, depoimentos dos voluntários sobre o que aconteceu na sessão, o que não funcionou e sugestões para as sessões futuras. Devido à organicidade do preenchimento dos relatos, apontamos a carência de alguns dados tais como abordagem específica utilizada pelos voluntários para extrair os relatos das crianças sobre o aproveitamento e sentimentos despertados ao participarem do atendimento e faixa etária específica de cada criança atendida. A média de idade apresentada nesta pesquisa é baseada nos próprios parâmetros da pediatria dos hospitais que atendem de bebês a adolescentes. As atividades com os livros normalmente são realizadas por crianças entre 3 e 12 anos, segundo informações da ONG Canto Cidadão (fonte da informação: entrevista com Isabela Mello).

com o objetivo de analisar de forma qualitativa os dados, recolhendo informações sobre o livro em uso e aplicação de atividades propostas a partir da história contada. Com a análise destas consultas, foi possível selecionar os livros, utilizando critérios tais como: o projeto visual e sua adequação de acordo com os apontamentos de *design* que se encontram no decorrer desta pesquisa e a qualidade que estes livros possuem para servir de suporte ao desenvolvimento de atividades com as crianças; registros de relatos sobre o comportamento dos pacientes e dos acompanhantes a fim de obtermos parâmetros e informações sobre possível potencialização de bem-estar das crianças que desenvolveram a atividade. Com a investigação dos pontos citados acima, foi possível observarmos os resultados apontados ao fim desta pesquisa.

3. O livro infantil e suas janelas

A conexão com os livros e histórias faz parte da formação humana desde sua concepção. A poesia sempre será a primeira experiência literária humana, ancorada na sonoridade das palavras vindas das vozes que ouvimos desde o ventre. Já os primeiros livros com os quais a criança tem contato são sem páginas, escritos na pele, no ritmo do jogo, nos olhares, na voz (REYES, Yolanda). Com o desenvolvimento desta pesquisa, passa-se a enxergar o livro infantil como uma janela que, quando aberta, contribui para a ampliação de repertório para que a criança se decifre, funcionando como alternativa de nutrição emocional e cognitiva e como equipamento básico para habilitar mundos possíveis na medida de cada ser humano (REYES, 2018). Quando a criança cresce, faz-se necessário nutrir seu interesse pela leitura, realizando “a manutenção das janelas abertas” e usando os livros como instrumento essencial para incentivo da educação, para que assim seja possível construirmos um futuro mais otimista e colorido. Caldin (2003, p. 51) explica este conceito:

A função social da literatura é facilitar ao homem compreender – e, assim, emancipar-se – dos dogmas que a sociedade lhe impõe. Isso é possível pela reflexão crítica e pelo questionamento proporcionados pela leitura. Se a sociedade buscar a formação de um novo homem, terá de se concentrar na infância para atingir esse objetivo.

4. O *design* do livro infantil

Entender a construção de um projeto editorial foi o ponto de partida desta pesquisa, destrinchando suas etapas até apontar o livro infantil e suas especificidades. A construção de um projeto editorial sólido é munida de muitas camadas e o designer comporta papel fundamental na natureza física do livro, seu visual e sua forma de apresentação (HASLAM, 2007). É muito importante que o projeto esteja em um contexto palatável ao usuário (LUPTON, 2008) e que, ao concebê-lo, o designer consiga colocar sua devida atenção em todos os detalhes, desde a entrelinha utilizada na fonte até o aproveitamento da dobra para criar projetos interessantes, estimulantes e apaixonantes. Para maior entendimento, separamos alguns tópicos indispensáveis no processo de construção do *design* de livros, trazendo ênfase em pontos essenciais para a construção do livro infantil. Romani (2011, p. 13) complementa dizendo que nos livros infantis é encontrada a maior variedade de experiências gráficas, pois estes estão livres da clássica diagramação para livros, como predomínio da narrativa visual.

Conhecendo e organizando o texto

No primeiro contato de produção ativa com o livro faz-se necessário que o designer tenha lido sobre o conteúdo que irá diagramar (HASLAM, 2007) para que possa entender do que se trata, sua historicidade, contexto cultural em que se passa a história e quais as especificidades e pontos-chaves dentro da narrativa que podem ser expandidas para aquele *design*, criando conexão entre sua parte textual e visual.

Feita esta pesquisa e levantamento de ideias, faz-se necessário organizar o conteúdo antes da execução do layout (HASLAM, 2007), entendendo como será dividido, onde as ilustrações serão aplicadas, no caso de *pop-ups* onde serão acomodados e como o texto será distribuído nas páginas. Para organização deste processo de distribuição do layout, o espelho, que proporciona uma visão panorâmica da paginação, é fundamental para que o projeto flua com mais facilidade. Para o livro infantil, é importante usarmos os fundamentos do *design* a nosso favor, uma vez que a combinação de palavras e imagens deve capturar a imaginação do jovem leitor. Muitos livros infantis trabalham com o princípio da repetição, permitindo, assim, que a criança antecipe os eventos futuros (HASLAM, 2007).

Formato

A decisão do formato do livro deve ser feita logo no início do projeto e não é uma decisão isolada, o conteúdo deve ser levado em consideração (ROMANI, 2011), pois é o elemento que proporciona o primeiro contato com o leitor e a primeira impressão para a criança. O formato tem o poder de transmitir uma prévia do conteúdo que será encontrado trazendo carga lúdica, incentivando a fantasia e gerando expectativas. Romani (2011, p. 28) também aponta a importância do tamanho empregado no livro como uma ferramenta de articulação lúdica.

[...] Uma prévia do que ele encontrará na narrativa, bem como o tamanho do livro expressa a ação: dos livros pequenos se espera uma narrativa mais sutil e meiga, formatos menores transmitem charme e delicadeza, ao contrário dos formatos maiores.

No caso dos livros infantis, é importante prever o manuseio do objeto, projetando cuidadosamente sua ergonomia. Cantos arredondados, peso e tamanho são características que podem ser trabalhadas de forma que facilitem o manuseio da criança e evitem acidentes.

A dobra também é um recurso que pode ser explorado no *design*, passando a colaborar com as particularidades do projeto editorial do livro, atribuindo significados e compondo sua linguagem (ALMEIDA; CAMPOS, 2020), podendo empregar sua função na demarcação dos cadernos na orientação do espaço e tempo da narrativa, na expansão das ilustrações e serem trabalhadas como recurso figurativo, agregando riqueza interpretativa à composição do projeto. É possível empregar valores de significado à dobra, sendo capaz de torná-la até mesmo a protagonista no livro, um personagem tão ativo e visual quanto os ilustrados. Ela pode ser trabalhada através da continuidade da ilustração, transitando de uma página a outra, podendo obter outros formatos, como a dobra sanfonada ou contribuindo como plano de figuração, empregando-se papel de signo, símbolo e figura de linguagem. Almeida e Campos

(2020) apontam que as dobras colaboram com o enriquecimento interpretativo das mensagens visuais de uma obra, oferecendo não só organização e ritmo à obra, mas também potência como elemento compositivo dentro do *design*.

Tipografia

A tipografia funciona como um convite para aquela experiência proposta pelo livro. A escolha tipográfica deve ser meticulosamente fundamentada de acordo com a proposta que o projeto possui, levando em consideração seus conceitos, particularidades e historicidade. Neste processo de escolha existem seis considerações principais a serem feitas quando se manipula o espaço tipográfico: comprimento da linha, caracteres por linha, espaço entre palavras, ajuste de largura, espaçamento de letras e crenagem/kerning (HASLAM, 2007). O conjunto dos tipos dentro do espaço da página e o plano tipográfico que pode ser denso ou aberto, rígido ou irregular (LUPTON, 2008) influenciam ativamente o conjunto visual da página.

Lourenço (2011) realizou sua pesquisa voltada à compreensão dos aspectos a serem considerados na escolha tipográfica para livros infantis, chegando à conclusão de que não existe regra estabelecida para esta escolha, entretanto, pode-se considerar alguns fatores importantes, tais como:

- Legibilidade, que está diretamente atrelada às entreletras e entrelinhas (onde os tipos tendem a ser maiores e a entrelinha é positiva);
- Maior tamanho da fonte para facilitação do reconhecimento do caractere de forma individual, uma vez que a criança entende com mais facilidade letra-por-letra ou sílaba-a-sílaba, acompanhando a leitura com os dedos;
- Atenção ao desenho das letras. Caracteres como "a", "o" e o "g", ou "i" e "l" possuem similaridades que podem confundir a criança, caso o tipo não possua boas características de distinção. O mesmo conceito deve ser aplicado às letras espelhadas como "b" e "d" ou "p" e "q". Pode-se evitar caracteres que se fundam, como "Il";
- Tipos com ascendentes e descendentes maiores facilitam a compreensão da criança;
- A tipografia escolhida deve ser limpa e clara, facilitando o entendimento do pequeno leitor.

Ilustração e imagem

Não faz muito tempo que a ilustração ganhou espaço nos livros em geral. Ramos (2011) explica que a partir do século XIX, com a melhora das técnicas de reprodução, destacando-se a litografia, as imagens passaram a ganhar mais corpo no interior do livro, com isso, a ilustração passou a ter efeito potente, adquirindo caráter comunicacional pelos seus aspectos compositivos: a cor, o material e a forma. Para a criança, a ilustração é um recurso de suma importância no livro, pois facilita a visualização da situação que está sendo contada. Quando o recurso ilustrativo não é

utilizado, é necessário maior esforço imaginativo por parte da criança, tendendo a cansá-la mais rápido.

O significado da ilustração está relacionado ao contexto em que é inserida e seu tamanho também influencia na percepção da mensagem (ROMANI, 2011). Elas funcionam como um ativador emocional, transportando o leitor a um mundo de imaginação.

Todos necessitamos da simbolização do real para nos desenvolvermos, e o mundo da infância está repleto de signos e símbolos que sustentam a existência adulta, daí a importância que os livros ilustrados adquirem ao mostrar como esses símbolos podem ser representados. (RAMOS, 2011, pag.16)

Para a construção do livro infantil, podemos abordar dois formatos que são muito explorados: O livro-álbum e o livro-imagem. O livro-álbum possui sua construção fundamentada na conexão e complementaridade entre a ilustração/imagem e o texto, passando a atribuir grande importância à ilustração e ao *design* do objeto (RAMOS, 2011). Pode-se dizer que a grande maioria dos livros infantis incorporados no dia a dia são livros-álbums que trazem a soma de diversos elementos trabalhando o enriquecimento da narrativa proposta, elaborando vínculo com a criança e apresentando pluralidade de linguagem.

Já o livro-imagem é composto de uma narrativa proposta apenas pelas ilustrações e imagens, sua forma dispensa palavras (RAMOS, 2011). Este tipo de livro conta com espaço de interpretação do leitor para decodificar a história e geralmente é criado a partir de histórias já conhecidas, como contos de fadas, abrindo espaço para que a criança possa formular sua própria interpretação, criando uma história muito singular a cada vez que é lida.

De maneira geral, a imagem carrega grande importância para o livro infantil. Ela compõe, agrega espacialidade e tempo à história, possui grande peso de transmissão cultural e constrói um elo com o pequeno leitor através da conexão existente entre ele e a linguagem visual.

Cor

Lupton (2008) aponta que a cor pode exprimir uma atmosfera, uma realidade ou codificar uma informação e Romani (2011) complementa dizendo que a cor saturada é simples, quase primitiva, sendo a preferida pelos artistas e pelas crianças. Quanto mais saturada, mais carregada será sua expressão e emoção.

A cor possui papel fundamental na construção do livro infantil, com ela é possível traçar conexões direcionadas à criança, intensificando a relação emocional e ampliando seu repertório visual. Livros infantis geralmente são coloridos e repletos de estímulos e experiências sinestésicas, entretanto, nada impede que o livro seja preto e branco, assim como nos primórdios, quando as ilustrações provinham da xilogravura.

Composição e diagramação

Na construção do livro, é necessário realizar a escolha de um grid para enquadramento das informações. Esta etapa é indispensável para que o projeto fique organizado hierarquicamente. Segundo Lupton (2008), ele pode operar como segundo plano, discretamente ou firmar-se como um elemento ativo. Em um projeto editorial infantil, o grid não é um elemento rígido para a composição. Livros para a criança possuem maior flexibilidade na sua diagramação e cabe ao designer entender qual a necessidade daquela história e equilibrar a criatividade com a legibilidade.

Também é interessante colocar os fundamentos de *design* em prática na construção do projeto. Entender que elementos assimétricos são mais ativos que os simétricos e podem trazer dinamismo à composição da página. Atentar que a repetição dos elementos tais como círculos, linhas e grids cria ritmo, ou que seu tamanho e intensidade geram surpresas (Lupton, 2008), enriquecem e fundamentam as escolhas projetuais, possibilitando conceber um livro rico em contexto visual e que sirva de repertório cultural para a criança que está desfrutando dele.

5. Como explorar os diversos materiais e técnicas no livro infantil

Construir um projeto editorial infantil é lidar com um mundo de possibilidades gráficas e sensoriais. É certo que ao abrir esta porta, o designer obtém a possibilidade de oferecer experiências sinestésicas através da variação de estímulos nas páginas. Pode-se instigar a curiosidade e a surpresa do leitor utilizando processos que são provenientes de outras fontes além dos recursos digitais advindos de ilustrações chapadas e imagens sem texturas, com isso, geramos uma compensação ao olhar do observador com a qualidade projetual daquela superfície a qual ele está manipulando. Refletindo e investigando sobre quais recursos podem integrar riqueza estética, esta pesquisa foi conduzida a soluções simples, porém eficientes, nas quais o designer pode concentrar atenção para desenvolver livros que engajem seu pequeno leitor.

Outro recurso valioso que pode ser empregado nos projetos editoriais infantis é a diversificação de técnicas ilustrativas através do *pop-up*. Os *pop-ups* são muito difundidos entre os livros infantis e são ilustrações com recortes tridimensionais que se movimentam de acordo com a abertura e fechamento da página. Este mecanismo propicia à história movimento e tridimensionalidade, deixando o projeto interativo e dinâmico, atraindo a atenção da criança, instigando sua curiosidade e ocasionando aumento de sua expectativa em relação ao objeto oferecido.

Como já mencionado nesta pesquisa, a ilustração dispõe de grande importância na experiência da criança com o livro. Faz-se importante definir sua linguagem gráfica e, a partir desta decisão, é possível trabalhar com um leque de técnicas, sendo a textura uma delas. Romani (2011) ressalta que os pequenos leitores adoram interagir, manipular ou passar a mão nas texturas. É possível fazer experimentos com fotografias e escaneamento de objetos para empregar texturas reais nas composições e expandir os processos para além de texturas sintéticas digitais. Empregar o enriquecimento visual e tátil através da apropriação de recursos genuinamente infantis como desenhos em lápis de cor, giz de cera, tinta, manipulação com colagem e técnicas mistas e utilizando diversificação de materiais pode evocar sensações diversificadas no leitor.

6. Como expandir o conteúdo do livro para outras superfícies

As crianças fazem do brinquedo uma ponte para seu imaginário, um meio pelo qual externam suas criações e suas emoções (Oliveira, 2010). O brincar possui papel fundamental para a recuperação da criança hospitalizada, Aragão e Azevedo (2001) informam em sua pesquisa que o brincar é benéfico, possibilitando relaxamento e a compreensão da situação vivida pela criança, fazendo com que atividades lúdicas cumpram funções terapêuticas no contexto hospitalar. Com isto, baseando-se nas diretrizes aplicadas nos atendimentos em brinquedotecas realizados pelos voluntários da ONG Canto Cidadão, e, compreendendo a importância social, emocional e até mesmo física para a saúde da criança, esta pesquisa considera a criação de brinquedos como um dos artifícios que possam ser utilizados para expandir o livro para outros formatos externos ao próprio objeto.

Através da metodologia aplicada nas brinquedotecas de hospitais pelos voluntários da ONG Canto Cidadão é possível observar que a mediação da história, apresentando o livro físico para as crianças, de modo a facilitar a visualização do contexto da história através das ilustrações e do próprio projeto gráfico, é um recurso de eficácia para o objetivo de humanização da experiência hospitalar. Somando o recurso anterior ao oferecimento de materiais para a construção de objetos lúdicos, com os quais as crianças possam recriar o conteúdo apresentado em formato de brinquedos é um caminho que tem se mostrado efetivo dentro do objetivo de proporcionar momentos de bem-estar e expansão criativa da criança, humanizando a experiência de sua internação.

É possível trabalhar com diferentes materialidades e propostas. Através das análises de registro dos atendimentos (cedidos pela ONG Canto Cidadão) dos voluntários que realizaram atividades com crianças em hospitais, e do repertório pessoal desta pesquisadora, enquanto condição de voluntária atuante da ONG em questão, observa-se que existem possibilidades de aplicação deste tipo de atividade.

Nesta pesquisa focaremos em dois formatos distintos. No primeiro, pode-se preparar materiais que possuem um objetivo de brinquedo pré-determinado para o livro apresentado em questão, como, por exemplo: mediar o conto do pinheirinho de Natal e apresentar uma atividade com dobraduras de uma árvore de Natal (como criação pré-determinada).

Na segunda opção, pode-se ler, por exemplo, a fábula "a lebre e a tartaruga" e dispor materiais para a confecção do brinquedo, entretanto, oferecendo uma proposta de criação não direcionada, deixando a ideia do conteúdo do brinquedo que será criado a cargo da criatividade da criança. No que diz respeito à materialidade, pode-se oferecer diversos tipos de materiais pré-preparados ou não, como sucata, materiais recicláveis, papeis, EVA, lápis de cor, tinta, papel crepom, entre outros. É importante que a criança tenha insumos suficientes e adequados para a construção do brinquedo e a escolha destes itens parte do princípio de conhecimento do livro apresentado e entendimento das possíveis possibilidades que aquela atividade possa ter quanto a sua ludicidade. Se o livro mediado é o "dos três porquinhos", a partir das referências visuais encontradas no livro, é provável que o brinquedo construído seja o próprio personagem, então pode-se oferecer à criança materiais cilíndricos para recriar seus corpinhos e tinta rosa para se pintar o porquinho ou também preparar pequenas peças as quais a criança possa usufruir no seu ato criativo, como oferecer as orelhas e

focinhos dos porquinhos pré-recortadas com EVA, facilitando o desenvolvimento da atividade para as crianças mais novas.

7. A ONG Canto Cidadão e o programa Encanta

Fundada em 2002, nascida a partir de um programa de rádio, gerenciado pelos fundadores, atualmente sob comando do diretor-fundador Felipe Mello, o qual chamava-se Canto Cidadão e tratava de assuntos como voluntariado e palhaçaria, a ONG começou com as dinâmicas de palhaçaria em hospitais, os doutores cidadãos, e a partir disto foi ampliando suas atividades para outros públicos dentro das instituições de saúde. A instituição Canto Cidadão categoriza suas atividades como artísticas, atividades estas que são aplicadas pelos próprios voluntários, dentro do ambiente hospitalar.

Para esta pesquisa, foi de suma importância a colaboração da ONG Canto Cidadão, em especial de Isabela Mello, coordenadora do programa Encanta, que colaborou disponibilizando informações através dos formulários de atendimento (que a cada visita, seja esta presencial ou online, são preenchidos pelos voluntários, registrando as atividades aplicadas e todos os relatos relevantes da visita em questão) e também colaborou com esclarecimentos por meio de uma entrevista que possibilitou o acesso a todas as informações desta seção.

O Encanta, que é o foco desta pesquisa, é um programa sociocultural de atividades lúdicas em hospitais, que trabalha com uma metodologia de seis passos, tais como: Contação da história com o apoio de imagens, ou seja, os livros; Recontação da história através da própria criança que foi a ouvinte no primeiro momento; Oferecer a atividade de desenho para que a criança externe a história recebida de forma bidimensional; A criação tridimensional de um objeto, no caso o brinquedo; A representação da história ouvida utilizando as produções de desenhos e brinquedos feitas pelas crianças; E a finalização do encontro.

Os passos descritos anteriormente não precisam ser realizados de forma linear, são aplicados por voluntários treinados, com foco em contação de histórias e, geralmente, através da mediação com livros. Seu intuito principal é estimular o interesse das pessoas pelas histórias e por atividades culturais. Também trabalha em prol da democratização da cultura por meio da arte, histórias e literatura.

Dentro dos hospitais, trabalham a crença do poder de cura através das histórias, transportando o ouvinte para o mundo fantástico dos livros. Durante a pandemia, essas visitas foram transformadas em visitas virtuais, chamadas de saraus, em que histórias baseadas em livros são contadas através da atuação roteirizada, sem a apresentação do livro. Segundo Isabela, é visível a diferença de interação e envolvimento da criança quando o livro não é apresentado e a história é contada somente via oral, sendo assim, pode-se concluir através deste comparativo qualitativo, que a utilização do livro em sua materialidade é algo que faz muita falta no ambiente virtual, pois ele trabalha de forma complementar a atuação do voluntário e enriquece a experiência, agindo como um referencial imagético visual para a criança, ajudando em seu engajamento com a história e transformando-a em algo visualmente palpável.

Figura 1. Card orientativo de método de atuação dos voluntários do programa Encanta



Fonte: Isabela Mello, ONG Canto Cidadão

Santos, Guevara, Soares, Ribeiro e Moura (2017) apontam em sua pesquisa que a leitura possui finalidade terapêutica e dizem também que seus benefícios no processo de recuperação do paciente podem ser percebidos nos momentos de motivação, interação e trocas que despertam a esperança, e, ao provocarem risos e emoções, ativam o intelecto. Segundo Isabela (2021), é possível presenciar a efetivação destes conceitos citados acima no dia a dia das atividades do Encanta. Através da análise qualitativa de 236 registros² (cedidos pela ONG) foi possível entender que através da atuação o voluntário constrói vínculos com a criança, seus acompanhantes e com a equipe do próprio hospital. As professoras do hospital A.C. Camargo, de acordo com Isabela, aprovam a metodologia aplicada e incentivam as atividades, enfatizando a importância da humanização hospitalar que a experiência da leitura proporciona.

²Documentos relativos a visitas nas brinquedotecas de hospitais realizadas pelos voluntários da ONG Canto Cidadão, cedidos pela Sta. Isabela Mello, coordenadora do programa Encanta.

O hospital é um dos lugares onde a leitura pode e deve ser praticada, tornando-se um ambiente de vivências prazerosas e momentos de conhecimento e prazer em contato com a linguagem narrativa. Nesse sentido, a contação de histórias, a leitura nos leitos, dentre outras atividades, são práticas que permitem ações complementares ao processo de humanização e das ações educativas. Assim, a mediação de leitura favorece a troca de experiências e vivências, a aquisição de novos conhecimentos, aproxima os pacientes que não podem se locomover para outros espaços, oportuniza vivenciar momentos lúdicos e ter contato com o universo literário-imaginário. Trata-se de práticas leitoras em que se utilizam textos verbais e não verbais para atuarem como coadjuvantes no processo de tratamento de pessoas acometidas por enfermidades originadas de patologias diversas. (SANTOS, GUEVARA, SOARES, RIBEIRO e MOURA, 2017, p. 12)

As atividades mediadas pelos voluntários são desenvolvidas na brinquedoteca propositalmente como incentivo à criança a sair do quarto e passar a ter contato com outros estímulos, entretanto, quando isso não é possível, o voluntário realiza o atendimento no quarto do paciente que não pode se locomover para a área externa. Para a criança hospitalizada, a situação de internação apresenta a ela a impossibilidade de seguir com suas tarefas cotidianas, além disso, ela passa a enfrentar a dor e o sofrimento causados pela doença e pelos procedimentos médicos, sendo essa nova condição a responsável pela ativação de fantasias com o sentimento de medo.

É possível trabalhar a superação do medo através da leitura de contos e fadas, Romaro e Fernandes (2009) apontam em sua pesquisa que a criança hospitalizada passa por etapas similares à jornada do herói (ingrediente primordial para a construção dos contos). A primeira etapa é a revolta, seguida da etapa do estado de apatia e depressão e, por fim, a mais esperada, que é o enfrentamento, considerada a grande vitória. Lendo o conto de fadas, a criança projeta os sentimentos, angústias e sua situação no personagem, passando a ter maior compreensão de sua própria história. O herói na história também pode passar a ser representado, através do papel de salvador, pelo profissional que está acompanhando seu quadro clínico.

Os contos de fadas para a ONG Canto Cidadão preenchem um grande espaço de importância conceitual para a sua atuação e método, pois eles carregam consigo profundos sentimentos e interpretações com potencial terapêutico para a criança que será atendida, trabalhando com ela narrativas de identificação, ludicidade e superação, possibilitando que ela associe sua jornada de superação diretamente com a da história apresentada. Com isso, Isabela (2021) finaliza, fazendo o apelo para que a acessibilidade dos livros e da leitura para todas as crianças seja potencializada e facilitada e, principalmente, que o ato ancestral de contar histórias não seja abandonado.

8. Cases de livros e atividades aplicadas em atendimentos hospitalares e análise de seus projetos editoriais

Um dos objetivos desta pesquisa é apresentar *cases* reais de implementação do projeto editorial infantil com crianças em situação de internação hospitalar. Partindo desta seleção situacional, foram escolhidos três livros infantis que foram analisados de acordo com os conceitos de *design* estudados nesta pesquisa. Logo após, serão apresentadas as atividades aplicadas a partir do livro e por fim seus resultados. Para que este tópico fosse possível, houve colaboração da ONG Canto Cidadão, cedendo seus registros de visitas – documento preenchido pelos voluntários a cada visita realizada no hospital, contendo informações de atividades aplicadas, livros utilizados, quantidade e faixa etária de crianças, quantidade de acompanhantes e profissionais também atendidos, registros de feedback de acompanhantes, profissionais e crianças e registros fotográficos do programa Encanta entre 2018 e 2021. Ao total, 236 depoimentos foram analisados de forma qualitativa e três *cases* foram selecionados, levando em consideração projetos editoriais adequados, de acordo com os parâmetros já apresentados nesta pesquisa, registro com informações completas e adequadas de atividades aplicadas, feedback dos atendidos e documentação fotográfica.

O monstro das cores

É possível observar que o livro *O monstro das cores*, de Ana Llenas, é um livro de capa dura, tridimensional que trabalha com o recurso de *pop-up* para suas ilustrações no decorrer de todo o livro. De narrativa simples e fluída, o recurso das cores é trabalhado, separando-as por seções a fim de estabelecer relação de cada cor a sensação sentida pelo personagem, trazendo o elemento surpresa a cada página e dando ritmo à história. A autora opta por utilizar cores primárias, traçando conexão com repertório do pequeno leitor.

O livro diversifica seus materiais, não só fisicamente, com a implementação de linha de crochê e barbante em sua composição, mas também de forma digital, trabalhando suas ilustrações com recursos de recorte e colagem, presença de tipos diferentes de papéis e superfícies e técnicas de pintura, tais como lápis de cor, giz de cera e aquarela. Sua linguagem é simplificada e infantil, com pinturas similares a de uma criança pequena e a disposição dos elementos é trabalhada de forma assimétrica, trazendo movimento para a história visual que está sendo contada.

Sua diagramação textual é baseada em pequenos blocos de texto centralizados aplicados nas poucas áreas de respiro das páginas, não contendo um grid constante. Por fim, sua tipografia conta com tamanho considerável a fim de facilitar a leitura da criança, trabalhando o entreletra e entrelinhas de forma considerável. Os blocos de textos contam com linhas curtas que não são enfadonhos. Os caracteres “a” e “o” e “g” e “p” contam com características anatômicas distintas umas das outras, facilitando a compreensão da criança na hora da leitura.

Figura 2. Páginas com aproveitamento de texturas, pequenos blocos de texto e uso das cores como narrativa da história.



Fonte: livro O Monstro das Cores

A confecção de brinquedos a partir do livro “o monstro das cores” ocorreu no Hospital Campo Limpo (20/10/2019) contando com a participação de 17³ crianças. A atividade proposta foi recriar o monstrinho colorido, personagem principal do livro e, para a montagem, foram oferecidos rolos de papel higiênicos, EVA, papéis coloridos, cola e canetinhas. Houve relatos registrados⁴ de que o responsável pela criança que se encontrava impossibilitada de sair do quarto devido ao balão de oxigênio se retirou do ambiente para tomar um banho, quando percebeu que a criança atendida pelos voluntários se encontrava confortável e entretida com a atividade que estava sendo aplicada a partir do livro.

Figura 3. Monstrinhos de referência para o desenvolvimento da atividade



Fonte: arquivo da ONG Canto Cidadão

³A quantidade de crianças apontada nesta pesquisa é contabilizada a partir do total de participantes para a atividade com a história em questão e não de uma data específica, como vamos observar na análise do livro “os três porquinhos” que vem a seguir, que apresenta o montante de 59 crianças em três datas diferentes.

⁴Importante reafirmar que os relatos mencionados nesta pesquisa foram extraídos a partir dos registros de depoimentos dos voluntários sobre o que foi conversado, presenciado, ouvido espontaneamente e observado do comportamento das pessoas atendidas na atividade. Nenhuma entrevista direta com as crianças, pacientes e acompanhantes foi realizada.

Os três porquinhos

Existem inúmeras versões de livros dos três porquinhos, a versão analisada foi publicada pela Yoyo Books e faz parte de uma coletânea de contos de fadas *pop-up*. O livro é leve, pequeno e de cantos arredondados, o que facilita a manipulação e fornece segurança para a criança. Sua tipografia conta com uma fonte levemente arredondada, de ascendentes longas e entrelinha espaçada, entretanto, os caracteres como “a” e “o” não possuem diferenciação evidente, o que pode causar dificuldade no entendimento da criança. O livro trabalha com pequenos blocos de texto de forma interativa, concentrados em um círculo redondo nos cantos inferiores das páginas. O círculo é fixado apenas pela sua ponta superior, podendo ser levantado, revelando ilustrações e causando surpresa ao leitor.

O livro não trabalha com margens, suas ilustrações são grandes e vetoriais, de formas arredondadas e cores simples, facilitando a associação de crianças menores por sua familiaridade. Sua paleta cromática simplificada agrega um amarelo saturado que prende a atenção e trabalha de modo complementar ao azul do lobo, já o rosa, exclusivamente para os porquinhos, trabalha como ponto de destaque e atenção dentro da composição e, por fim, uma paleta de cinza, neutralizando os demais elementos. A técnica mais utilizada no livro é trabalhar camadas semelhantes a colagens através das leves sombras aplicadas em partes, tais como dentro da boca do lobo, trazendo riqueza visual à composição.

Figura 4. Livro Pop Up trabalhando as cores, tridimensionalidade e surpresa do leitor



Fonte: livro Os Três Porquinhos

Para a história “os três porquinhos” foram recolhidos três registros de visitas utilizando o livro em questão. Duas delas aconteceram no hospital Campo Limpo (09/06/2019 e 04/08/2019) e a terceira no hospital Cruz Azul (08/02/2020), totalizando entre as três unidades 59 crianças participantes da mediação de histórias e oficinas de criação dos brinquedos. Os voluntários que desenvolveram as atividades no Hospital Campo Limpo, juntamente com as crianças, confeccionaram porquinhos de rolinho de papel higiênico e tinta guache e dobradura do rosto do porquinho, além da aplicação de outras atividades como pinturas de desenho temático do livro. Já no Hospital Cruz Azul foram confeccionados porquinhos de garrafa PET e EVA. Ambos os

casos foram oferecidos às crianças partes pré-confeccionadas dos porquinhos para facilitar a interação de crianças mais novas na atividade. Houve relatos registrados de que as crianças foram interativas, ficaram empolgadas com as atividades propostas e se descolaram de seu leito até a brinquedoteca para participar.

Figura 5. Porquinhos de garrafa PET e de rolinhos de papel higiênico desenvolvidos nas visitas aos hospitais Cruz Azul e Campo Limpo



Fonte: arquivo da ONG Canto Cidadão

O gato xadrez

O gato xadrez, de Isa Mara Lando, é um livro pequeno, maleável e leve, de fácil manipulação para crianças pequenas. Sua história e composição são simples, dando enfoque para a complexibilidade das ilustrações que trabalham texturas diversas através da colagem e manipulação fotográfica e aplicação de fundos em giz de cera, material apreciado e muito utilizado pelos pequenos leitores.

O livro também explora a dobra como um elemento narrativo, como na imagem a seguir, onde o gato pula de uma página para outra e suas listras mudam de acordo com a transição, dando movimento à história e ao próprio gatinho. O gato xadrez é um livro que utiliza as áreas de respiro de suas páginas para acomodar seu texto, dispondo de pequenas frases de tamanho considerável para facilitar a leitura da criança e trabalhando apenas com caracteres maiúsculos, entrelinha espaçada e espaço confortável entre as palavras, facilitando a leitura palavra-por-palavra da criança que está recém-alfabetizada, dando lugar para que acompanhe com os dedos cada caractere de frase.

Figura 6. Páginas do livro O Gato Xadrez explorando a dobra como elemento figurativo e texturas



Fonte: livro O Gato Xadrez

Após a mediação do livro "o gato xadrez", no Hospital Cruz Azul (13/07/2019), atendimento realizado para cinco crianças, os voluntários ofereceram a confecção de gatinhos em dobradura. A atividade foi simples, mas bem recebida pelos participantes. Nos registros foram encontrados relatos de que as crianças atendidas ficaram encantadas e participativas com a atividade proposta. Também foi registrado o relato de um acompanhante do paciente, informando que havia mais de sete dias que a criança não saía do quarto, ciclo que foi rompido quando, animada com a leitura e a oficina de brinquedo, a criança se deslocou até a brinquedoteca para participar.

Figura 7. Gatinho de dobradura confeccionado na oficina realizada no Hospital Cruz Azul



Fonte: arquivo da ONG Canto Cidadão

9. Resultados obtidos

Esta pesquisa se propôs a instigar o designer a compreender as particularidades que o desenvolvimento do projeto editorial infantil demanda e, a partir disto, apontar alguns caminhos que podem ser considerados a fim de elevar a assertividade na concepção do objeto livro infantil. Dentre estes apontamentos, encontram-se pontos que dizem respeito à importância do projeto pensado para a criança, tais como: o desenvolvimento de ilustrações que tracem conexões com o texto e com o projeto editorial como um todo, o aproveitamento abundante das dobras e do espaço da folha, o “projetar” consistente entre a história e o formato do livro e a seleção cuidadosa da tipografia priorizando a legibilidade e entendimento da criança. Foi refletido e entendido sobre o quão importante é para a criança que estes livros apresentem experiências sinestésicas concedidas através das cores, texturas e estímulos sensoriais. Todos os pontos apresentados nas seções 4 e 5 desta pesquisa foram minuciosamente pesquisados em bases bibliográficas consistentes e respectivamente analisados nos cases selecionados, levando em conta cada especificidade apontada nos tópicos. Com este processo, foi possível observar estes livros como referências concretas de projetos de *design* com escolhas editoriais adequadas (baseado nos apontamentos desenvolvidos nesta pesquisa) que trabalham a potencialização das particularidades do livro infantil.

Já as análises das atividades foram realizadas com base na seção 6 desta pesquisa. Esta parte da pesquisa desenvolveu-se com o intuito de entendermos quais janelas criativas o livro pode abrir para a criança, assim, instigando-a a naturalmente realizar a expansão do projeto editorial do livro que lhe foi apresentado para outras superfícies por meio da confecção de brinquedos artesanais baseado na história apresentada no livro. O resultado deste processo de expansão pode ser observado detalhadamente na seção 8 desta pesquisa.

Também foi possível observar como resultado, através de toda a base bibliográfica e pesquisa documental qualitativa de dados disponibilizados pela ONG Canto Cidadão, e também por meio das relações das atividades realizadas com o livro, a criação de brinquedos e os registros dos relatos de elevação de sentimentos positivos dos pacientes, de que o livro é benéfico e necessário para a saúde e desenvolvimento das crianças em situação de internação hospitalar e que pode ser expandido para outros formatos através de atividades com foco na criação de brinquedos artesanais, como foi observado por meio dos cases apontados. A atividade proporciona à criança um compilado de fantasia e ludicidade que naturalmente potencializa seu sentimento de bem-estar, oferecendo distração e oportunidade de externar seus sentimentos e criatividade, assim como apontado nas bases bibliográficas. A difusão da dignidade infantil, acesso à leitura e humanização hospitalar são os conceitos que regem esta pesquisa a fim de conscientizar profissionais da área a desenvolver projetos cuidadosos e conscientes de que estão agregando, não apenas o repertório visual da criança, mas também a participação de sua construção social, além de potencializar o bem-estar físico e mental do leitor que terá acesso àquele projeto gráfico editorial.

10. Referências

- ALMEIDA, Simone Cavalcante; CAMPOS, Gisela Belluzzo. **Pensando *design* gráfico de literatura para a infância no Brasil**. São Paulo: Extraprensa, 2019
- ALMEIDA, Simone Cavalcante; CAMPOS, Gisela Belluzzo. **Representação da dobra no *design* gráfico de livros ilustrados para infância**. São Paulo, 2020
- ARAGÃO, Rita Márcia; AZEVEDO, Rita Zoega Soares. **O brincar no hospital: Análise de estratégias e recursos lúdicos utilizados com crianças**. Campinas: Revista Estudos de Psicologia, 2001.
- CALDIN, Clarice Fortkamp. **A função social da leitura da literatura infantil**. Florianópolis: Encontros Biblis, 2003.
- LOURENÇO, Daniel Alvares. **Tipografia para livro de literatura infantil: Desenvolvimento de um guia com recomendações tipográficas para designers. Dissertação (Pós-Graduação em *design*)**. Universidade Federal do Paraná, Curitiba, 2011.
- LUPTON, Ellen; COLE PHILLIPS, Jeniffer. **Novos fundamentos do *design***. São Paulo: Cosacnaify, 2008.
- HASLAM, Andrew. **O livro e o designer II. Como criar e produzir livros**. Tradução de Juliana A. Saad. São Paulo: Rosari, 2007.
- MEFANO, Ligia. **O *design* de brinquedos no brasil: Uma arqueologia do projeto e suas origens**. Dissertação de mestrado (Pós-Graduação em *Design*). Rio de Janeiro, 2005.
- MELLO, Isabela. **Entrevista concedida a Juliana Martins França**. São Paulo, 21 ago. 2021.
- OLIVEIRA, Paulo Salles. **O que é brinquedo**. São Paulo: Brasiliense, 2010.
- RAMOS, Graça. **A imagem nos livros infantis: caminhos para ler o texto visual**. Belo Horizonte: Autêntica, 2011.
- ROMANI, Elizabeth. ***Design* do Livro-Objeto Infantil**. São Paulo: 2011.
- ROMARO, Rita Aparecida; FERNANDES, Francisca Eva de Sousa. **O conto de fada como recurso terapêutico no contexto hospitalar**. Revista Psicopedagogia online, 2009.
- SANTOS, Glória de Fátima; GUEVARA, Isabel; SOARES, Karina; RIBEIRO, Tamiles; MOURA, Winny. **Ler faz bem à saúde: leituraterapêutica em ambientes hospitalares**. Revista PROEX. Volume 5, número 7, pag. 9 a 18, janeiro - junho: 2017.
- SANTOS, Tamires Maria Lima Gonçalves. **Memórias brincantes: O *design* de brinquedos artesanais das marisqueiras do bairro paripe em Salvador-BA**. Dissertação (Pós-Graduação em desenho, cultura e interatividade). Universidade Estadual de Feira de Santana, Bahia, 2015.

Reid Miles & Blue Note Records a voz do jazz e design tipográfico a resistência contra a opressão nazista

*Reid Miles & Blue Note Records: The Voice of Jazz and Typography Design
The Resistance Against the Nazi Opression*

Enzo Graziano Mansour, Lazaro Elizeu Moura

Centro Universitário Senac - Santo Amaro
Departamento de Design - Bacharelado em Design Gráfico
enzograzianomansour@gmail.com, lazaro.emoura@sp.senac.br

Resumo. Este artigo acadêmico trata-se de uma breve adaptação do trabalho de conclusão de curso em design gráfico que apresenta a análise tipográfica das capas de vinil produzidas pelo designer estadunidense Reid Miles, durante o período em que trabalhou para Blue Note Records (1955-1967). Dado o recorte, o artigo apresentará de forma sucinta – visando a melhor qualidade do formato proposto – a obra de Miles como sendo a síntese gráfica do jazz, com foco em sua produção de capas elaboradas por meio da manipulação de seu arsenal tipográfico. A análise busca compreender a construção da identidade visual do gênero musical, traçando conexões por meio de suas possíveis influências históricas, padrões de composição e significado das fontes utilizadas. Neste caso, o início da análise ocorre na apresentação das contribuições tipográficas da escola de arte moderna alemã, a Bauhaus. A fim de se aprofundar o entendimento sobre os efeitos da escola de Gropius no campo das artes, foi estudado – aquilo que para esta pesquisa é considerado – o eixo antagônico ao modernismo alemão: as exposições *Entartete Kunst* [Arte Degenerada] e *Entartete Musik* [Música Degenerada], ambas criadas e defendidas pelo conservadorismo do governo hitlerista. Por fim, devido aos inúmeros e inesperados efeitos da trajetória traçada, uma coleção de sete peças gráficas foi gerada com intenção de destacar a obra de Miles, bem como seus passos para que essa um dia fosse possível. Vale lembrar que por tratar-se de uma adaptação da monografia aos moldes deste artigo, os capítulos responsáveis pela apresentação de detalhes técnicos e informações aprofundadas acerca do recorte tipográfico estabelecido e a metodologia completa utilizada foram reservados à pesquisa original e na mesma podem ser conferidos.

Palavras-chave: tipografia; Bauhaus; arte degenerada; modernismo; capa de disco; Reid Miles.

Abstract. *This academic article is a brief adaptation of the graduation work in graphic design that presents a typographic analysis of the vinyl covers produced by the American designer Reid Miles, during the period he worked for Blue Note Records (1955-1967). Given this historical cut, this article presents in a succinct way - aiming at the best quality of the proposed format - the work of Miles as the graphic synthesis of jazz, focusing on his production of covers created through the manipulation of his typographic arsenal. The*

analysis seeks to understand the construction of the visual identity of the musical genre, drawing connections through its possible historical influences, composition patterns and meaning of the sources used. The investigation begins with the emergence of the German modern art school, the Bauhaus. In order to deepen the understanding of the effects of the Gropius school in the field of arts, the antagonistic axis to German modernism was studied: – what is considered for this research – the exhibitions Entartete Kunst [Degenerate Art] and Entartete Musik [Music Degenerate], both created and defended by the conservatism of the Hitler government. Finally, due to the numerous and unexpected effects of the trajectory traced, a collection of seven graphic pieces was generated with the intention of highlighting Miles' work, as well as his steps to make it possible one day. It is worth remembering that, because it is an adaptation of a monograph to the molds of an article, the chapters responsible for the presentation of technical details and in-depth information about the established typographic cut and the complete methodology used were reserved to the original research and can be checked in it.

Key words: *typography; Bauhaus; degenerate art; modernism; album cover; Reid Miles.*

Introdução

A tipografia é a roupagem atribuída à narrativa. Hoje, faz-se presente como talvez nunca antes. Trava com o texto uma relação ora complementar ora inversa, podendo, por vezes, revelar tanto quanto as palavras que carrega. O efeito da tipografia, a análise do impacto psicofisiológico sobre o espectador, além do potencial enriquecimento da obra e seu conjunto, são pontos fundamentais para o desenvolvimento desta pesquisa.

No decorrer desta monografia, é preferível pensar e analisar a tipografia como sendo: forma, contorno, imagem; ferramenta de expressão político-ideológica; objeto provocador, produto estimulante da sensibilidade humana; informação intrínseca, trajetórias históricas inerentes, discursos ocultos planejados, mensagens subliminares e de duplo sentido.

Partindo da linha de pensamento de Hochuli (2013), as fontes, além de sua primeira e verdadeira função, que é servir de meio de transporte para as línguas, também são capazes de transmitir efeitos. A presente dissertação se distancia da finalidade primordial atribuída à tipografia para abordar um ponto chave: a versatilidade do efeito tipográfico e sua capacidade de sintetizar uma forma de expressão artística referente a um campo distinto. Tal fenômeno é verificado por meio do estudo da síntese do jazz ao campo gráfico por meio da exploração da anatomia e história da tipografia.

O objeto de estudo é a análise tipográfica das capas de vinil produzidas pelo designer estadunidense Reid Miles – figura determinante na consolidação da identidade visual da Blue Note – entre 1955 e 1967. Visando a elucidação da fundamentação teórica citada, foi realizada uma investigação sobre as possíveis influências de Miles, dado seu estilo, época de atuação e biografia.

A partir dos desdobramentos desta investigação, pode-se analisar a importância e a disparidade de significados inerentes aos elementos tipográficos encontrados. Esta pesquisa apoia-se sobre a fala de Robert Bringhurst (2005) ao dizer que: se a tipografia faz algum sentido, ele é visual e histórico. Sendo assim, a consolidação da identidade visual e a síntese gráfica do jazz se dão tanto pela obra de Miles quanto por suas influências – influências essas moldadas pelo contexto histórico. É preciso considerar que, em certos períodos, determinadas escolhas tipográficas foram alvo de condenação pública.

A apuração acerca das possíveis influências de Miles inicia-se na escola de arte moderna alemã, a Bauhaus. Neste caso, o início da análise ocorre na apresentação das contribuições tipográficas da escola de arte moderna alemã, a Bauhaus. A fim de se aprofundar o entendimento sobre os efeitos da escola de Gropius no campo das artes, foi estudado – aquilo que para esta pesquisa é considerado – o eixo antagônico ao modernismo alemão: as exposições *Entartete Kunst* [Arte Degenerada] e *Entartete Musik* [Música Degenerada], ambas criadas e defendidas pelo conservadorismo do governo hitlerista.

Os capítulos desenvolvidos buscam sugerir algumas das possíveis relações entre os acontecimentos abordados, como: as exposições nazistas *Entartete Kunst* e *Entartete Musik*, a perseguição a artistas e músicos modernos – especialmente personagens do

universo jazzista –, e o concerto de Benny Goodman em 1938 como evento rompedor da erudição do Carnegie Hall.

Além do produto textual elaborado por esta pesquisa, destinado à exposição dos acontecimentos estudados, a narrativa foi sintetizada em uma coleção de sete peças gráficas. Essas buscam explorar a linguagem tipográfica de Miles, bem como o percurso de figuras importantes para a construção das estradas que o mesmo um dia trilhou.

Como forma de aclarar o conceito elaborado pelo autor, as peças gráficas foram reunidas em uma exposição, simulada por meio da reprodução tridimensional digital do *Jüdisches Museum Berlin* [Museu Judaico de Berlim].

Em suma, os significados históricos inerentes à forma tipográfica utilizada por Miles no jazz são projetados como protagonistas deste artigo. Nesse caso, são denunciadores de um passado persecutório, revelando que a anatomia das fontes, bem como a atuação de seus criadores, um dia fora caçada. O enredo a ser apresentado trata-se da análise acerca do desenvolvimento da identidade visual do jazz – considerando o recorte estipulado – por meio da forma tipográfica e seus efeitos.

1.1 Herbert Bayer: a universalidade tipográfica bauhausiana

A contribuição da Bauhaus para o campo das artes é imensurável. As influências dessa escola são certamente notáveis, uma vez que suas manifestações transparecem em áreas diversas do saber, graças à sua ideologia modernista e postura vanguardista associadas a um contexto histórico de instabilidade social, política e econômica. O impacto de seus professores e estudantes é de dimensão global e deve-se em parte ao germinar das sementes modernistas plantadas há mais de cem anos. Colhemos hoje os frutos do trabalho desses visionários profissionais de um século atrás.

Este capítulo leva em consideração que, por tratar-se de um tema de grande interesse por parte da comunidade acadêmica, já foi produzido um volume de material muito satisfatório acerca da história e deslocamentos da escola. Neste presente texto, busca-se apenas apresentar os pontos que tenham relação com o recorte tipográfico estipulado e outros conteúdos que possam contribuir para a elaboração do produto final.

Um dos principais elos entre a Bauhaus e o tema proposto por essa pesquisa é o designer austríaco, Herbert Bayer, um importante contribuinte para o campo das experimentações da tipografia bauhausiana. Bayer foi aluno da Bauhaus entre 1921 e 1925, em Weimar e Dessau. Após a mudança para Dessau, Gropius o nomeou mestre júnior, possibilitando sua atuação como diretor da recém-fundada oficina de impressão e publicidade na Bauhaus Dessau, de 1925 a 1928.

Cada professor da Bauhaus era muito fiel às suas respectivas convicções, e não houve de ser diferente quanto a Bayer. Enquanto professor de tipografia, dispunha de opiniões consideradas inovadoras até para os dias de hoje. Em seu livro "Bauhaus 1919-1928", publicado pelo MoMA em 1938, o autor defendeu a abolição das versais, uma proposta polêmica visto que na língua alemã todo substantivo utiliza uma versal como primeiro caractere (ex: *der Apfel ist süß* [a Maçã está doce]).

"why should we write and print with two alphabets? both a large and a small sign are not necessary to indicate one single sound. A = a we do not speak a capital A and a small a. we need only a single alphabet, it gives us practically the same result as the mixture of upper- and lower-case letters, and at the same time is less of a burden on all who write-on school children, students, stenographers, professional and business men. it could be written much more quickly, especially on the typewriter, since the shift key would then become unnecessary." (BAYER, 1938, p.149).

Outro ponto era a instauração do emprego de fontes sem serifa na Bauhaus, ao invés do arcaico e complicado alfabeto gótico, conforme dito por Bayer (1938). Em ambos os casos, Bayer foi mais que um simpatizante, acabou por propor um experimento tipográfico que descartasse o uso de versais e cultuasse as fontes sem serifas, a geometrização das formas, o abandono do adorno e sobretudo, a universalidade.

O protótipo de 1925, "Sturm Blond", trata-se da elaboração de um alfabeto criado utilizando apenas retas e círculos. O formato final dos caracteres se dá por formas geométricas elementares, o quadrado, a circunferência e o triângulo. A metodologia reducionista transparece a universalidade e os demais valores bauhausianos.

Figura 1. Herbert Bayer. Universal Typeface, 1925.



STURM blond

Fonte: A autoria própria.

Os expoentes da tipografia alemã modernista influenciaram, mais do que a si mesmos, toda uma geração de designers especializados no campo de desenho das letras. A importância dos estudos e propostas de Herbert Bayer, Jan Tschichold, Paul Renner – e outros – para o campo da tipografia reverberam até o presente momento, assim como suas técnicas, conceitos, ideologias e fontes.

Para esta pesquisa, uma vez em Nova Iorque, as contribuições de Bayer, nesse caso principalmente as tipográficas, podem ter vindo por influenciar o campo do design gráfico norte-americano, de maneira que o modernismo de suas formas e estilo pudessem ser futuramente explorados por designers revolucionários de gêneros modernos, como Reid Miles.

"His pioneering experiments in typography, layout and design helped elevate the style and tone of American advertising. Arriving in New York in 1938 as a refugee from Nazi Germany, he made an immediate impact here as the designer of a comprehensive exhibition on the Bauhaus for the Museum of Modern Art, followed by two other exhibitions dealing with the art of World War II." (GLUECK, 1985).

Era de se imaginar que o nascimento de uma instituição vanguardista em um período socioeconômico tão delicado apresentasse adeptos e opositores. Presente no documentário de Frank Whitford (1994), o comentário do arquiteto Philip Johnson define bem esse momento: A Bauhaus significou algo para o mundo inteiro. O mito se espalhou, e a Bauhaus podia ser boa ou má, dependendo de qual era a sua opinião.

A Bauhaus foi uma instituição perseguida pelo nazismo, sendo o partido nazista um grupo de ideologia antagônica aos ideais modernistas. O nacionalismo e as imposições tiranas buscavam definir o gosto do povo alemão em todas as esferas, incluindo o que o mesmo deveria – ou não – consumir.

A frase de Frank Whitford sintetiza, a importância da Bauhaus: "A face do século XX se formou em uma pequena cidade provinciana na Alemanha, em uma escola revolucionária de arquitetura e arte, em um momento de inquietude política e de caos econômico. Foi chamada Bauhaus." (BAUHAUS, 1994).

1.2 Entartete Kunst [Arte Degenerada]

Na década de 1930, ideais nazistas eram atrelados a um estado de puridade. O conceito de nacional-socialismo fomentava o desejo de ver nascer uma nova Alemanha, uma nação purificada, um território de aparência imortal. Seguidores do movimento nazista acreditavam no surgimento de um forte e harmonioso Reich.

A Entartete Kunst [Arte Degenerada] foi uma exposição organizada por Adolf Ziegler, pintor e presidente da Câmara de Artes Plásticas do Reich. A exibição foi realizada na cidade de Munique, Alemanha, no dia 19 de julho de 1937, com o intuito de declarar a oposição do Partido Nacional Socialista ao movimento modernista e expressionista. Tal posicionamento por parte do regime nazista justifica o nome atribuído à mostra de arte, opinião diretamente influenciada pela preferência artística pessoal de Hitler, além de seu enorme apreço pela arte clássica grega e romana.

Segundo a Enciclopédia Itaú Cultural (2021), os nazistas classificam como "degenerada" (entartet) toda manifestação artística que insulta o espírito alemão, mutila ou destrói as formas naturais ou apresenta de modo evidente "falhas" de habilidade artístico-artesanal. Em termos visuais, é degenerada toda obra de arte que foge aos padrões clássicos de beleza e representação naturalista, em que são valorizados a perfeição, a harmonia e o equilíbrio das figuras. Nesse sentido, a arte moderna, com sua liberdade formal de cunho fundamentalmente anti naturalista, é considerada "degenerada" em sua essência.

"Lasar Segall, Marc Chagall, Otto Dix, Pablo Picasso, Paul Klee, Piet Mondrian, Wassily Kandinsky, Eugen Hoffmann, Otto Freundlich, Ernst Ludwig Kirchner, Erich Heckel, Emil Nolde, Hans Christoph Drexel "estavam entre os 112 artistas que tiveram obras selecionadas para a mostra Arte degenerada"." (MAC; SEGALL, 2018, p. 76).

Perseguições provenientes da Arte Degenerada portavam uma ideologia de feição mais profunda. Na década de 1920, o juízo da população da República de Weimar foi inundado por pensamentos racialistas.

Segundo o texto "Arte Degenerada" do site Enciclopédia Itaú Cultural (2021), o termo entartet apresentado por Nordaus é elaborado pelo teórico racista Paul Schultze-Naumburg. Em seu livro *Kunst und Rasse* [Arte e Raça], o autor elabora a relação com o movimento de Arte Moderna utilizando fotografias de pessoas com deficiências físicas ou intelectuais (nome utilizado no período abordado) e pinturas de importantes artistas modernos. O intuito era provar de forma visual o espírito "degenerado" da produção moderna. O livro do teórico tornou-se mais do que um objeto de fundamentação dos ideais propostos pelo mesmo, contribuiu para o firmamento do uso dos adjetivos "degenerado" e "sadio". Esse conceito foi um grande facilitador para Hitler em 1933, devido à consolidação dos atributos pré-fixados no meio cultural como norma de diferenciação entre a arte de vanguarda e a arte clássica.

O teórico de Naumburgo acreditava que a arte era o espelho da saúde racial. Esculturas gregas eram tidas como o apogeu da beleza humana e como o ideal de perfeição anatômica almejado pelo arquiteto nazista. Qualquer forma de vida ou arte que fugisse a esse padrão estético deveria ser banida perpetuamente da nova Alemanha.

Exposições de arte de cunho racista, antisemita, psicofóbico, aporofóbico tornaram-se banais devido às diversas subseqüentes exposições organizadas por Hitler e seus subordinados. A arte degenerada era promovida como método de fundamentação para justificar os decorrentes homicídios em massa.

"Em 18 de julho de 1937, a *Haus der Deutschen Kunst* [Casa de Arte Alemã] e sua exposição "*Grosse Deutsche Kunstausstellung*" [Grande Exposição de Arte Alemã] são inauguradas. Elas mostram a nova "genuína arte alemã". (UNDERGÅGENS, 1992). Essa exposição consistia em apresentar as obras que os nazistas aprovavam. O objetivo de tal evento era ressaltar o contraste entre a *Entartete Kunst* e a *Grosse Deutsche Kunstausstellung*, de modo que os visitantes comparassem ambas as exposições afim de compreender o que era a "degenerada" e a "pura" arte alemã.

Enquanto a *Grosse Deutsche Kunstausstellung* ocorreu em um museu com salões espaçosos e iluminados por grandes claraboias, além de pinturas e esculturas cuidadosamente selecionadas, a exposição *Entartete Kunst* foi planejada para prejudicar a experiência do espectador. Manipulando negativamente a interpretação sobre os artistas modernos, o evento foi realizado em salas apertadas e mal iluminadas a partir de algumas pequenas janelas. As obras eram dispostas quase que sobrepostas, por vezes penduradas tortas ou até mesmo sem moldura. Os nazistas queriam eliminar tais artistas por meio da manipulação do público, algo que faria com que seus títulos, estilo e carreiras fossem questionados, descredibilizados, e por fim, banidos.

As consequências da exposição formalizam o cerceamento da liberdade de expressão e a perseguição aos pintores e professores modernistas, expressionistas ou a membros de qualquer outro movimento vanguardista da época. Assim como a caça à Bauhaus, até seu fechamento em 1933, nazistas utilizaram de discursos persuasivos e exagerados, bem como o termo entartete [degenerado], para tornar a Alemanha um lugar hostil e condenatório a tais grupos de artistas.

A perseguição a qualquer tipo de expressão artística que não atendesse aos pré-requisitos impostos pelo regime nazista, tidos pelo mesmo como “beleza pura”, possivelmente representou a síntese do acúmulo de frustrações pessoais profundas por parte de seu líder. Como posicionamento adverso ao de Hitler e proposição de uma nova perspectiva, um trecho da tese de doutorado do professor doutor Lazaro Elizeu Moura cabe para a conclusão do capítulo.

"Falar sobre figuras e formas, com suas aparências anômalas, torna-se um discurso perigoso ao colidir em termos ofensivos e frágeis, pois na visão de um artista, nem sempre essas imagens são interpretadas dentro do repertório das afrontas. Uma obra considerada feia, por manter seus elementos compositivos ou estruturais no conjunto da desordem e da desarmonia, pode ser a força motriz de um trabalho artístico." (MOURA, 2020, p. 45).

1.3 Entartete Musik [Música Degenerada]

O facciosismo racial dos nazistas não saciou-se apenas com o domínio sobre o campo das artes visuais, buscando repeti-lo por meio da perseguição a qualquer forma de música ou compositor que não portasse a idolatrada pureza alemã. Após quase um ano do lançamento da exposição de Adolf Ziegler, foi aberta ao público em 24 de maio de 1938, na cidade de Düsseldorf, a exposição Entartete Musik [Música Degenerada]. Segundo o artigo de Marita Berg (2013), dentre os estilos musicais atacados, a mostra elaborada pelo publicitário alemão e diretor do Teatro Nacional de Weimar, Hans Severus Ziegler, incluía o schlager, as operetas, a música atonal e especialmente a música de compositores judeus e o jazz, apresentado como “música de negros”.

"Music was essential for Nazi propaganda. In 1933 the Reichsmusikkammer was set up with the aim of regulating German musical life. Jewish musicians and composers were purged almost immediately and the performance of their works were banned. Jazz and swing music also suffered (though to a lesser extent initially), as did foreign composers. [...] Jewish artists could not possess licenses for performing in public and were no longer allowed into concert halls [...]" (McKEE, 2017).

"A capa do folheto da exposição deixava claro o que Ziegler queria dizer. Ela apresentava uma caricatura depreciativa de Jonny, um músico negro de jazz que era o protagonista da ópera Jonny spielt auf (Jonny começa a tocar), de Ernst Krenek, muito popular na época. Jonny tocava saxofone, “instrumento musical de negro” para os nazistas. [...] No panfleto, Jonny era mostrado como um negro com feições de macaco, que trazia uma estrela judaica em vez de um cravo na lapela. Ele era um um símbolo do que os nazistas consideravam “música degenerada”." (BERG, 2013).

Segundo Berg (2013), a ideologia de Ziegler se resumia a criticar os ouvintes de Jonny, alegando que eles haviam adoecido da mente e do espírito, além de serem considerados confusos e sujos. Esse foi o pensamento que serviu como base de orientação para a exposição.

De acordo com o documentário "Entartete musik: music suppressed by the Third Reich", dirigido por Beata Romanowski (1996), músicos como Erich Wolfgang Korngold, Viktor Ullmann, Ernst Krenek, Hanns Eisler, Berthold Goldschmidt, Arnold Schönberg, Erwin Schulhoff e Franz Waxman foram alguns dos centenas de compositores suprimidos que tiveram suas carreiras arruinadas – ou assassinadas – devido à sua raça, etnia ou estilo musical que ofendia a ideologia do Terceiro Reich.

O termo Negermusik [música de negro] era uma expressão depreciativa utilizada pelos nazistas com o intuito de qualificar o jazz e seus subgêneros – como o swing tocado por Louis Armstrong e Count Basie – como estilos musicais inferiores. A justificativa era que o jazz pertencia a uma raça considerada "inferior" e, sendo assim, deveria ser banido pelo regime nacional-socialista. Dessa forma, a exposição de Entartete Musik – assim como sua semelhante antecessora, Entartete Kunst – buscou ridicularizar o jazz e tratá-lo como uma forma de expressão degenerada, com o intuito de manipular os visitantes da exposição, afim de moldar o consumo da população alemã da época.

"The 'jazz' of the 'Jazz Age', i.e. some kind of combination of American Negroes, syncopated rhythmic dance-music and an instrumentation which was unconventional by traditional standards, almost certainly aroused universal approval among the avantgarde, less for its own merits than as yet another symbol of modernity, the machine age, a break with the past—in short, another manifesto of cultural revolution. The staff of the Bauhaus had itself photographed with a saxophone. A genuine passion for the sort of jazz which is now recognized as the major contribution of the USA to twentieth century music, remained rare among established intellectuals, avant-garde or not, until the second half of the century." (HOBSEAWM, 1995, n.p.).

De acordo com a matéria "Jazz under the Nazis" escrita por Guido Fackler (2021), líderes distritais do partido nazista, diretores de polícia e empresários locais começaram a emitir vários decretos proibindo o swing, jazz e swing (dança) em suas respectivas regiões, cidades ou estabelecimentos locais.

Conforme informa a matéria de Fackler (2021), apesar de todas as campanhas de difamação e proibição, bem como o encarceramento de alguns músicos e fãs de jazz, não se pode dizer que não houve cena jazzística alemã durante o Terceiro Reich. Sustentada por músicos profissionais e amadores, bandas de jazz, entusiastas do swing e colecionadores de discos, é mais correto dizer que o desenvolvimento do gênero foi severamente prejudicado pelas condições políticas.

A essa altura, qualquer forma de manifestação artística que flertasse com a modernidade, liberdade ou inovação, era vista pelo regime nazista como uma ameaça à preservação dos moldes da pureza e cultura ariana. Fosse o fechamento da Bauhaus em 1933, a exposição Entartete Kunst em 1937 ou a exposição Entartete Musik em 1938, acontecimentos que marcaram o cercamento da liberdade de criação e participação dos artistas vanguardistas – principalmente judeus e negros – em sociedade. Foram eventos arquitetados com o intuito de estabelecer um novo padrão de consumo alemão, por meio de discursos tendenciosos e tiranos, tendo como base a exclusão daqueles que não se

enquadrassem ao arquétipo ariano, assim era feita a higienização racial nos campos das artes.

Nesse período, ser nazista significava ter a facilidade de se ausentar da justificativa do que havia de errado com a música considerada impura e degenerada, mesmo a composição sendo tão expressiva e comprometida com as artes quanto a música purista alemã.

O documentário de Romanowski (1996) é concluído com uma mensagem precisa sobre os danos e efeitos da perseguição a músicos não arianos. Uma mensagem que evidencia a importância do legado musical sobrevivente, contribuindo para a conservação da memória de tais compositores.

"[...] would show the music lovers the brilliant and diversity of works from this era. Some have been performed in the past, [...] others have never been publicly heard. The names of more than 108 composers whose music was suppressed, exiled or killed have been excluded from their rightful place in the history of music. The release of this collection is not a model gesture in order to attempt to reajust the balance, nothing can replace what has been lost. But for the rich legacy that still survives, this may at least help achieve the prominence that they deserve." (ENTARTETE, 1996).

1.4 Benny Goodman: The Famous 1938 Carnegie Hall Jazz Concert

Em 16 de janeiro de 1938, – poucos meses antes da inauguração da exposição Entartete Musik – o lendário clarinetista de jazz Benny Goodman realizou um concerto no Carnegie Hall, em Nova Iorque. Uma noite que posteriormente viria a ser lembrada pelo concerto de música popular mais importante da história. Segundo Jazz at Lincoln Center (2018), essa apresentação foi a primeira em que o jazz – hard-swinging – contribuiu com a legitimação do gênero enquanto forma de arte. O evento também foi um marco do ponto de vista da integração racial, já que tratou-se da primeira apresentação de músicos negros e brancos juntos em um palco de prestígio.

Segundo Albert McCarthy (1981), Goodman exerceu – num momento chave da história do jazz – uma liderança musical com seriedade e sutileza, equilibrando-se entre a tradição mais autêntica da música afro-americana e o gosto do público dos Estados Unidos, além de celebrar musicalmente o reerguimento da sociedade norte-americana, após a crise econômica de 1929.

"Goodman e o estilo swing estavam em pleno apogeu, mas esse sucesso se restringia ao guetos negros, às salas de dança, aos clubes noturnos, a programas radiofônicos e aos estúdios de gravação. Nos "espaços sagrados" da cultura burguesa branca, o jazz não conseguira cidadania. Por esse motivo o concerto do Carnegie Hall constituiu um verdadeiro acontecimento histórico. Por outro lado, houve – além do incontestável valor artístico de Goodman – um motivo de ordem "social" para que o grande astro desse marco da história do jazz não fosse, por exemplo, Count Basie, Duke Ellington ou Louis Armstrong: estes eram músicos negros." (McCARTHY, 1981).

Ainda de acordo com McCarthy (1981), a ideia para o espetáculo surgiu em dezembro de 1937, no auge da carreira de Goodman. Famoso por suas apresentações na rádio e no Pennsylvania Hotel, o artista esvaziava as pistas de dança, atraindo o público com o som de sua orquestra. Com o estilo swing, o jazz se tornara a música mais popular dos Estados Unidos.

Além dos instrumentistas de sua orquestra, o King of Swing, como era conhecido, convidou importantes personalidades negras do jazz: Count Basie, Lionel Hampton, Lester Young, Johnny Hodges, Teddy Wilson, Harry Carney, Cootie Williams, Freddie Green, Walter Page, Buck Clayton e ainda a cantora branca Martha Tilton.

O espetáculo foi organizado pelo produtor musical, John Hammond, amparado por um enorme esquema publicitário: milhares de cartazes e anúncios luminosos foram espalhados por toda a cidade.

O objetivo do concerto era apresentar a reconstrução de vinte anos de jazz, com o intuito de reviver panoramicamente a evolução da música afro-americana. Tal panorama seria traçado desde as realizações da Original Dixieland Band até a moderna música de Duke Ellington.

“A notícia do concerto, quebrando a sobriedade e a tradição elitista do Carnegie Hall, voltado particularmente para a música erudita, causou sensação entre os amantes do jazz.” (McCARTHY, 1981). A insegurança de Goodman sobre o possível fracasso do show foi refutada por ingressos esgotados semanas antes do show.

Além do fundamental papel social empregado pelo show de Goodman, de acordo com a Jazz at Lincoln Center (2018), a gravação esquecida por Benny por 20 anos até o seu lançamento foi um dos LPs mais vendidos de todos os tempos, contribuindo para a consolidação das gravações ao vivo.

O final da década de 1930 é marcado tanto pela presença da segregação racial nos Estados Unidos quanto pela perseguição racial e artística por parte regime nazista alemão. Sendo assim, o “The Famous 1938 Carnegie Hall Jazz Concert” possui uma importância imensurável para com o rompimento das noções elitistas e racistas de americanos e alemães.

Como parte de uma das proposições ofertadas por essa pesquisa, a importância da relação entre o concerto histórico de 1938 de Goodman e a exposição Entartete Musik dos nazistas, se dá pela formação da antítese da ideologia “degenerada”: Benny Goodman, um clarinetista judeu, nomeado King of Swing – gênero esse banido pelo regime nazista – realizou, como dito anteriormente, o primeiro show de swing no Carnegie Hall – sala de espetáculos conhecida pela tradição de apresentações eruditas e de público composto pela elite branca de Nova Iorque –, introduzindo e firmando a identidade e cultura do jazz de forma política ao convidar jazzistas negros para participarem do concerto.

"Wynton Marsalis: — This concert is very important because it was a statement against segregation, against racism, it consolidated the position of jazz culturally, it presented the history of jazz, the history of segregation and racism that we have in west in general. It continuous and Benny Goodman is a very important figure because he risked his life to challenge that social convention and we all have a great debt to him, that he was willing to take that risk and used his platform to say: I don't think this is what our country should be about." (MARSALIS, 2020).

1.5 O efeito antagônico da ideologia degenerada, a relação antipodal entre nazismo e modernismo

Como capítulo conclusivo da primeira seção do artigo, a matéria "The unbearably annoying Bauhaus", de Bruce Sterling, inicia-se com uma frase a ser pensada: "Tough to be progressive when you're surrounded by Nazis." (STERLING, 2019). A censura, a tirania, a determinação sobre quais eram as noções de beleza e arte, além de seu consumo, impediram que artistas vanguardistas, a Bauhaus e seus professores, compositores judeus e jazzistas pudessem expor suas ideias em território nazista. Porém, esse capítulo busca apresentar o efeito antagônico da ideologia degenerada, fazendo com que a relação antipodal entre nazismo e modernismo fomentasse indiretamente a produção das obras de artistas exilados, ou o surgimento de novas figuras em outros territórios.

Vale ressaltar que trata-se apenas da análise por outra perspectiva. Proposição essa que não busca descredibilizar ou apequenar o sofrimento vivenciado por todos(as) aqueles(as) que foram oprimidos(as).

Em meio a censura nazista, alguns dos profissionais do meio artístico que fugiram para outros países – grande parte para os Estados Unidos – em busca de abrigo, puderam continuar sua produção, mesmo que afetados por tal perseguição. De acordo com o MoMA (2021), alguns exemplos de tais profissionais emigrantes são:

1. Walter Gropius veio aos Estados Unidos em 1937, após ter passado três anos na Inglaterra. Em 1944, tornou-se um cidadão americano, ficando permanentemente na América. Após a guerra, ele se juntou ao TAC (The Architects Collective), onde produziu inúmeras obras até o final de sua vida;
2. Em 1937, László Moholy-Nagy imigrou aos Estados Unidos e, no mesmo ano, tornou-se fundador e diretor da Nova Escola da Bauhaus em Chicago, onde ficou até 1939, quando a mesma fechou. Logo em seguida, fundou a Escola de Design, que foi renomeada para Instituto de Design em 1944, fazendo parte do Instituto de Tecnologia de Illinois cinco anos depois. Moholy-Nagy naturalizou-se como cidadão americano em Abril de 1946, vindo a falecer em Novembro do mesmo ano por Leucemia;
3. Em 1938, Herbert Bayer veio aos Estados Unidos por convite de Alfred H. Barr, diretor fundador do Museu de Arte Moderna. A função de Bayer seria aplicar suas teorias sobre o display de instalações para a exibição "Bauhaus: 1919-28 at MoMA". Bayer, então, permaneceu na América trabalhando como designer gráfico até o fim de sua carreira.

Assim como os professores da Bauhaus que emigraram para o território americano, alguns compositores de descendência judaica, como Franz Waxman e Erich Wolfgang Korngold, considerados degenerados, também se mudaram para os Estados Unidos. Em Hollywood,

Waxman e Korngold ficaram conhecidos por comporem, tocarem e conduzirem trilhas em seus próprios estilos para filmes americanos.

A censura não foi a única forma de fomento indireto das artes, a perseguição de judeus resultou na emigração de Alfred Lion e Francis Wolff para Nova Iorque em 1938, eram eles os futuros fundadores de uma das gravadoras mais significativas da história do jazz, a Blue Note Records – objeto de estudo da pesquisa.

O crédito se deve tanto ao nazismo como figura antípoda modernista quanto ao próprio modernismo. Para esta análise, pode-se dizer que assim como as guerras alimentaram a alma de Käthe Kollwitz e suas obras expressionistas, a censura nazista acabou por indiretamente estimular o modernismo e tudo que julgava ser degenerado, fazendo-os(as) acharem uma alternativa para produção artística.

2.1 Tipografia: o cerne do Ferramental Tipográfico

A cada tipógrafo(a) convém uma definição sobre tipografia e sua prática. Para Paula Scher "Typography is painting with words." (ABSTRACT: The Art of Design. Richard Press. Netflix, 2017.); para Robert Bringhurst "Typography is the craft of endowing human language with a durable visual form, and thus with an independent existence." (BRINGHURST, 2004, p. 11); para Ellen Lupton "Typography is what language looks like." (LUPTON, 2010, p. 2).

"A tipografia pode ser definida como a arte de dispor corretamente o material de composição de acordo com determinado objetivo, ou seja, organizar os tipos e distribuir os espaços intermediários de tal forma que se facilite ao máximo a compreensão do texto pelo leitor." (MORISON, 1929, np apud HOCHULI, 2013, p. 57).

Toda obra escrita passa pelo filtro da tipografia. Após sua criação, o texto escrito toma forma pelas mãos do tipógrafo. Esta dinâmica é tão bem estabelecida e assídua que faz-se quase impossível esquivar-se do contato com o trabalho tipográfico no dia a dia metropolitano

"The reader encounters typefaces in other forms as well as printing. His daily environment, in fact his entire living space, is filled with typographic characters of all kinds. Unlike printed matter, with which the reader can bring the written word into his field of vision according to his own desire and choice, lettering on buildings is forced into view without restraint." (FRUTIGER, 1980, p. 70).

"Introduced through the innocuous pages of a college textbook, typography will soon stalk you everywhere. You cease to find solace and sustenance at the supermarket; instead, you puzzle over the diamond-shaped tittles that dot the i's of the Triscuit logo. Passing by an ice-cream shop with a sign set in Papyrus and Comic Sans, you wander inside and order two scoops of dog poop. One day you step off the edge of the subway platform wondering whether the words "STAND BEHIND THE YELLOW LINE" are set in Akzidenz Grotesk or Helvetica." (THOMAS; LUPTON, 2017, p. 14).

A graça – há quem chame de beleza – das trivialidades é a atenção aos detalhes. A percepção sobre as minúcias da tipografia equivale à assimilação de um determinado elemento sonoro, das particularidades de um arranjo ou de um timbre musical específico.

A tipografia pode se moldar a qualquer tema e discurso. Uma forma livremente mutável, sendo suas limitações geralmente ocasionadas por aqueles(as) que a manejam e não por si própria. Para os possíveis – raros – casos em que as opções se esgotem devido a inadequação ao tema proposto, ainda há liberdade para criação de uma nova família tipográfica.

Vale recordar que a liberdade estética pessoal e suas preferências devem ser – como sugerido por Jost Hochuli (2013) – reservadas aos seus respectivos portadores, com fins de preservar o melhor entendimento acerca das questões apresentadas neste artigo. Faz-se pertinente retornar o olhar a essa tão antiga prática, que hoje jaz – para certa maioria – como elemento preso ao itinerário habitual, passando despercebidamente.

Busca-se por meio desse estudo o resgate sobre a percepção de tipos, além da realocação de seu estado de figurante, para o âmbito de protagonista. Tal objetivo foi planejado visando a reaproximação do espectador – leitor, usuário, cliente – com o campo do que se apresenta nas “entrelinhas” do texto – narrativa, mensagem –, um veículo comunicador plural ao invés de sua função singular preconcebida. Uma vertente sobre a aplicação de tipos diretamente influenciada pela obra de Reid Miles, essa que vem por ser o principal objeto de estudo da pesquisa.

2.2 Um grito contra a opressão através do Jazz: Blue Note Records

A união étnica em um período marcado por represálias contra aqueles que, por qualquer razão, fugissem aos moldes estabelecidos, é algo surpreendente. Nesse caso, a união em prol da liberdade artística entre judeus e negros produziu um grito que faz-se audível até o presente momento. Era preciso combater a ideologia nazista, expressa não só pela atrocidades cometidas pelo regime, mas também por sua produção cultural, incluindo-se aí as exposições Entartete Kunst e Entartete Musik. Tal combate, porém, não tinha o objetivo de injuriar as noções clássicas – ato que poderia vir a ser considerado hipócrita –, e sim defender o direito à liberdade de expressão artística moderna e todos os seus possíveis desdobramentos.

Nesta seção, a investigação acadêmica busca conectar a resistência artística – mesmo que essa não se denomine como tal – à gravadora Blue Note Records, um espaço conhecido pela generosa oferta da livre expressão artística, desde a escolha dos músicos, composições, arranjos até os detalhes tipográficos e disposição das fotos em suas capas – fator que muitos dizem ser o diferencial da gravadora. O título do documentário dirigido por Eric Friedler (2018), “Blue Note: It Must Swing” evidencia a única exigência por parte de Alfred Lion, uma brincadeira dado o seu forte sotaque alemão, título esse que queria dizer, que a música deveria swingar – fora isso, acreditava-se na liberdade de expressão de cada artista.

Da liberdade com a qual se gravavam as músicas que vieram a se eternizar como jazz standards pela Blue Note, o mesmo ocorreu com as capas dos designers que ali trabalharam, mais especificamente, o designer Reid Miles. Algumas dessas capas são tidas como marcos da identidade visual do jazz e são responsáveis por definir graficamente esse período. Há uma união entre as noções modernas propostas pelo jazz, e seus subgêneros, e a estética modernista alemã da Bauhaus. Tal união comprova o emprego adequado das noções e eventos expostos no capítulo "Ferramental Tipográfico", como: a oposição à Bauhaus e à sua postura ideológica, a perseguição aos judeus e ao jazz; o fato de fundadores da Blue Note terem buscado refúgio em território estadunidense – assim como os expoentes da Bauhaus e artistas modernistas alguns anos antes – e, finalmente, o combate ao fascismo por meio da exposição de seus respectivos credos.

2.3 Alfred Lion & Francis Wolff

Dois jovens judeus berlinenses, amigos de infância, profundamente apaixonados por jazz, fugiram para Nova Iorque devido às perseguições nazistas, e estabeleceram juntos o conceito daquilo que hoje se conhece como uma das gravadoras de jazz mais influentes da história do gênero, a Blue Note Records. Seus nomes são Alfred Lion e Jacob Franz Wolff. Fundada por Lion em 1939 – seis meses antes do estopim da Segunda Guerra Mundial –, e aderida por Wolff em 1941.

No documentário Blue Note Records: Beyond the Notes de Sophie Huber (2018), um comentário reiterado por diversas personalidades diz respeito aos dois maiores diferenciais da Blue Note em relação às demais gravadoras, sendo o primeiro a paixão pelo jazz como força motriz da empresa; e o segundo, a liberdade sobre a expressão artística dos músicos, elemento ímpar que transparece nas modernas gravações do selo, tanto nas composições e arranjos quanto nas formações das bandas. Uma companhia voltada para a genuína produção do estilo musical e sendo o lucro uma necessidade periférica.

"Don Was: — They were fans. They were avid fans. I think that were some records that they just wanted to hear, so they decided they were gonna make'em. And they didn't knew anything about making records. And I don't think they ever lost the purity and the innocence that came with it. I think that they understood the value of trust the musicians." (HUBER, 2018).

A liberdade e o desprendimento financeiro (não que a empresa tivesse uma verba ilimitada à sua disposição) permitiram que a gravadora sempre pudesse se renovar, transitar em outros estilos e descobrir novos artistas, sem ser condicionada por questões mercadológicas. A fala de Don Was no documentário de Huber (2018) exemplifica a vantagem da postura moderna da Blue Note – mais especificamente de Alfred Lion –, ao decidir que exploraria o bebop. Entre todos os artistas que poderia ter escolhido, a gravadora selecionou o pianista Thelonious Monk, um músico considerado muito específico para a época, que por meio de seus "crazy chords voicings" – como dito por Was – revolucionou totalmente a natureza da composição jazzística.

Alfred desenvolveu uma paixão pelo estilo musical de Monk, paixão essa que acabou se convertendo em obsessão, fazendo com que ele gravasse quatro sessões do pianista antes mesmo de lançar o seu primeiro 78rpm. Devido à modernidade de Monk para época, seus discos venderam muito pouco, pois o público não compreendeu sua maneira de tocar. Alfred resistiu e ficou com Monk por aproximadamente cinco anos, mas foi obrigado a abrir mão do jazzista, devido ao custo muito elevado para mantê-lo. Lion era um defensor de suas convicções, pois mesmo que não estivesse vendendo, ele levaria até o máximo que pudesse. E quem sabe se não fora por sua relutância, o mundo jamais poderia desfrutar da obra de Thelonious Monk.

"Lou Donaldson: — Without Blue Note we probably would never had heard about Monk. Because the other companies like Columbia and Capitol and those big companies, they wouldn't record Monk. He was around, they wouldn't record him. But Alfred did." (Ibid.).

Os músicos da Blue Note realmente tinham uma relação especial com Alfred Lion ou Al, como costumavam chamá-lo, assim como referiam-se a Francis Wolff como Frank. A visão de Al estava a frente de sua época, um visionário que se deixava apaixonar e explorar as mais longínquas noções que a modernidade poderia lhe oferecer. Assim fez ao abraçar o bebop, quando gravou o pianista Bud Powell, o trompetista Fat Navarro e outros músicos do subgênero. Alfred incentivava novos estilos e composições, pois não queria uma gravadora que apenas lançasse versões de standards, como as demais.

A possibilidade de experimentação musical, gráfica e artística em geral devia-se à liberdade cultuada por Lion e Wolff que fez da Blue Note Records uma espécie de palco para a ascensão da modernidade – e ruptura com as noções musicais da época.

"Lou Donaldson: — He just let us to do what we wanted to do and if he have a suggestion he might come around and say one or two things. He didn't knew much about music and he didn't bothered the musicians. He respected everybody, you know. He was a nice, nice person. Frank too. Frank was nice, very nice. Frank would be walking around taking photos, but when the music got good he start dancing, trying to dance. I love them, both of them. And they love me [...]." (Ibid.).

Um espaço em que, acima de tudo, era pregada a liberdade criativa, sentimento oposto ao do cerceamento das artes pelo regime nazista, conforme informado nos subcapítulos "Entartete Kunst" e "Entartete Musik". Uma atmosfera permissiva como essa, veio por garantir uma ótima relação entre Al e Frank com os músicos do selo.

"Michael Cuscuna: — Through the years, Alfred Lion and Francis Wolff develop a lot of very strong friendships among the musicians and I remember Bobby Hutcherson saying: You know, they never seems like outsiders, they didn't play an instrument, they have very heavy german accent, but they were just one of us. They hang with us and they would always go out to hear music and eat with the guys and hang out with the guys and they were very accepted by the musicians." (Ibid.).

Como conclusão deste subcapítulo, destaco a dedicação, os esforços e a contribuição de tantos anos dessa dupla pelo jazz, um feito notável. Além de suas influências póstumas, sendo essas de impacto e proporções imensuráveis, a Blue Note Records foi a porta de entrada para músicos modernos e incompreendidos, que hoje são tidos como mestres do gênero. A história de como dois judeus perseguidos em seu país de origem se refugiaram em Nova Iorque, e, por meio de seu contentamento com a liberdade musical do jazz, puderam enaltecer músicos negros em meio a uma época permeada pelo segregacionismo americano, é algo que, do ponto de vista desta tese, simboliza um relevante, porém tão pouco divulgado, movimento de vanguarda.

"Ambrose Akinmusire: — They are dealing with segregation. They are dealing, you know, with just over racism. So yeah, the music is political because the times here in the United States during the fifties and the sixties weren't politically charged." (Ibid.).

"Jason Moran: — They (Alfred Lion and Francis Wolff) were part of the movement just as much as Martin Luther King was, you know. They were the sounds of this movement." (ARTSEGE, 2018).

2.4 Alex Steinweiss, a correspondência entre conteúdo musical e design gráfico

Alexander Steinweiss foi um designer gráfico norte-americano conhecido por sua carreira, e mais especificamente por sua atuação como designer de capas. A importância da obra de Steinweiss para essa pesquisa reside em sua capacidade de relacionar o design de suas capas à narrativa musical contida em cada disco. Pode-se relacionar tal prática à proposição de Bringhurst (2005) supracitada (no subcapítulo "O tipógrafo"), acerca da essencial função do tipógrafo – nesse caso, designer – como intérprete. Dessa perspectiva, o designer seria um comunicador, uma espécie de tradutor do tom, andamento e estrutura lógica da narrativa, encarregado de revelar a ordem interna do texto – no caso de Steinweiss, da música presente nas ranhuras do vinil.

"Steinweiss não foi o primeiro artista comercial ou designer gráfico a projetar uma capa ilustrada para álbuns de discos de 78rpm mas, ao projetar capas, foi pioneiro na intenção de exercer uma correspondência semântica com o conteúdo musical dos discos." (REZENDE, 2012, p. 11).

Segundo a tese de doutorado do professor André Novaes de Rezende (2012), a Columbia foi criada pela CBS (Columbia Broadcasting System) com o objetivo de competir com a RCA Victor no ramo fonográfico, sendo a RCA uma grande companhia da época. Em 1939, com vinte e um anos de idade, Alex é contratado pela Columbia Records como diretor de arte. Pouco após sua entrada na gravadora, Steinweiss se deparava com uma questão: a pobreza visual das embalagens, além da disposição pouco atrativa dos discos nas lojas.

"Um álbum com capas de papelão, cobertas com um papel cinza ou pardo, onde estava impresso um pequeno retângulo, em que estavam escritos o nome da música, o nome da orquestra, o maestro e o nome da gravadora: Columbia Records. Nenhuma ilustração, nada. Se você entrasse em uma loja de discos, via que a loja nunca teria como vendê-los, pois eles guardavam os álbuns em estantes, como livros. E tudo o que você via era a lombada dos álbuns." (REZENDE, 2012, pp. 69-70).

Segundo Rezende (2012), Steinweiss costumava comparar as antigas capas da gravadora com lápides de um cemitério, as então apelidadas "tombstone covers", devido à sua insatisfação com a aparência das capas da Columbia até então.

Como antes mencionado, a disposição dos discos nas lojas era outro fator que desfavorecia a venda dos mesmos, pois não havia apelo visual ao consumidor. A infinidade de lombadas e encartes pardos tomava as prateleiras, remetendo ao ambiente de uma biblioteca.

Para Steinweiss, seu descontentamento em relação às tombstone covers e às lojas que as vendiam transfigurou-se naquilo que ele via como uma oportunidade de mudar o mercado. Em uma das reuniões da Columbia, Alex disse:

"Escutem, eu quero começar a fazer algo que as companhias de discos nunca fizeram. E, ao fazê-lo, quero atrair as pessoas ao seu produto, seja ele jazz ou música clássica, por meio de um design contemporâneo, incluindo o uso de cores." (REZENDE, 2012, p. 70).

A princípio, a devolutiva foi que tal ideia iria elevar os custos para a fabricação da embalagem, algo nunca antes feito pela gravadora. O contra-argumento de Steinweiss foi justamente a justificativa para sua proposta: o artista enxergou uma oportunidade de se obter muito mais lucro com a venda de discos pelo fato de que o produto não ficaria mais parado nas lojas, uma vez que seria muito mais atrativo ao público.

"Foi como se uma bomba tivesse caído no mercado! As vendas aumentaram oitocentos por cento. Porque, pela primeira vez, os revendedores, as lojas, podiam colocar o produto na vitrine e mostrar sua capa! E, assim, podiam atrair as pessoas para a música." (REZENDE, 2012, pp. 70-71).

Steinweiss deu início ao que ele mesmo chamou de revolução. A primeira capa foi bem recebida pelo público, gerando reportagens em inúmeras revistas da época ligadas ao ramo musical e dos negócios. O sucesso das vendas da Columbia, acarretadas pela nova identidade das capas projetadas por Alex, foi um acontecimento que viria por fazer as gravadoras refletirem sobre a importância do design e da direção de arte como encargos contribuintes para o aumento da lucratividade.

O êxito da proposta revolucionária de Alex acabou por também remanejar a disposição dos discos nas lojas. Desta maneira, é possível notar que, nesse caso, tanto os indícios da

intuição inicial do designer, como a absorção de um novo hábito por conta das lojas e dos consumidores, aconteceu graças à Steinweiss.

"Isto nos abre precedente para apontar que, se a modificação do disco enquanto objeto cultural ocorre pela sintaxe do objeto (de acordo com o entendimento que Steinweiss tinha sobre o funcionamento de uma embalagem) o que acaba fazendo com que ele tenha obtido tamanho sucesso parece estar em sua estratégia ao lidar com o aspecto semântico de suas capas." (REZENDE, 2012, p. 89).

As contribuições de Steinweiss se relacionam com essa pesquisa por dois motivos: o primeiro é a noção revolucionária acerca do diálogo entre a narrativa musical do disco e o design de sua capa, conceito que abriu um novo caminho para futuros designers, como Reid Miles, além de contribuir enormemente com a valorização do design gráfico e da direção de arte dentro das gravadoras; o segundo é pelo fato de que Steinweiss, assim como Alfred Lion e Francis Wolff, era um jovem judeu a frente das noções de seu tempo, um visionário que se posicionou contra o conservadorismo da indústria fonográfica, buscando provar suas convicções, não em um sentido egocêntrico, mas porque ele era apaixonado por música, assim como por seu trabalho.

2.5 Reid Miles, um divisor da linguagem visual do Jazz e o protagonismo tipográfico

A consolidação da identidade visual de qualquer empresa ou marca, sendo essa elaborada de forma coesa, consistente e singular, não é uma tarefa simples. Sintetizar o posicionamento, discurso e produtos a serem oferecidos por determinada empresa para o campo gráfico exige um(a) profissional capacitado para cumprir tal função. Mesmo que o projeto tenha enfoque estritamente tipográfico, o profissional designado deve aplicar todo seu repertório e criatividade a esta tarefa. Esta é uma relação complementar – como muitas das aqui apresentadas – em que vale se pensar o caminho inverso, pois “Mesmo a linguagem visual mais vigorosa torna-se inútil sem a habilidade de inseri-la num contexto palpável.” (LUPTON, 2008, p. 10).

Dito isso, esse subcapítulo – em junção com os demais pontos apresentados até aqui – busca apresentar o estilo de Reid Miles responsável pela síntese do jazz – sendo esse um tema referente ao campo auditivo, mas que transpõem-se – ao universo gráfico. Miles foi o autor da identidade visual da Blue Note Records, moldando por meio de suas capas o sentimento e a sensação presentes em cada disco. “It’s a rare thing when album cover art is considered as influential and collectable as the music contained within the grooves of the vinyl.” (MARSH; CALLINGHAM, 2011, p. 7).

Conforme escrito por Graham Marsh e Glyn Callingham (2011), a lenda seria que em janeiro de 1956, Alfred e Francis conheceram Reid Miles trabalhando na Esquire Magazine em Nova Iorque. O episódio foi descrito como um encontro de mentes: Lion e Wolff se encantaram pelas ideias e design de Miles, e sentiram que a estética do designer da Esquire era o que melhor representaria o estilo das músicas da Blue Note. Todo o acontecimento é descrito como uma grande coincidência, em que todos estavam no lugar certo, na hora certa.

O encontro que levou à repentina entrada de Miles para a companhia de jazz, só não é mais curioso que o fato de Reid ser um ávido ouvinte e apreciador do universo musical clássico. "The funny part it's that he was not into jazz. He would take all of the album covers that they would give 'em and go down to the music store and trade them for classical records." (HUBER, 2018). Uma preferência que poderia dificultar o desenvolvimento das capas pela possível falta de entendimento do humor que o disco deveria transmitir, no entanto, não houve de ser um problema, Lion simplesmente descrevia a sensação e a intenção que cada capa deveria provocar e assim foi feito. Em todo caso, Miles era conhecido por ser um designer sensível às tendências e outras referências do universo artístico, um fator facilitador ao longo dos seus quinze anos como profissional da Blue Note.

Com o passar dos primeiros anos trabalhando na Blue Note, o selo passa por uma mudança visual notável, o estilo de Miles se estabelece a cada nova capa do artista. A nova linguagem era muito própria e singular. Reid conseguiu moldar um estilo serial próprio capaz de fazer o espectador prontamente perceber que, mesmo com as novas cores e composições de cada encarte, tudo fazia parte de uma mesma empresa e artista.

"Michael Cuscuna: — Reid Miles was a very unique designer because he was able to make every album different from the next album but they all look like Blue Note records." (HUBER, 2018).

Mesmo o recorte desta pesquisa sendo voltado exclusivamente para as capas compostas por elementos tipográficos, vale mencionar que uma grande parcela das capas da Blue Note foi feita em uma parceria entre o design de Miles e as fotografias de Wolff. Uma colaboração que veio a produzir alguns dos mais marcantes encartes do jazz. Reid também produziu capas compostas por formas geométricas variadas, padronagens e alguns desenhos de sua autoria. Como curiosidade e parte dessa subdivisão, existem capas da Blue Note que foram feitas em uma parceria entre Reid Miles e Andy Warhol, em que os desenhos de Warhol compunham os encartes.

A partir das imagens apresentadas, é possível identificar algumas das características do estilo do design de Miles, durante o seu período na Blue Note. Contudo, conforme o recorte estipulado, a ascensão da tipografia como elemento textual para o patamar de protagonismo tipográfico foi uma das particularidades que melhor definiu a identidade da Blue Note e o estilo de Miles. Os habitantes da cidade de Nova Iorque viviam afogados pela tipografia cotidiana, essa com intuito comunicativo e não artístico. Sendo assim, o enaltecimento da forma tipográfica foi o que tornou a obra de Reid tão distinta e memorável, chamando a atenção e conquistando novos ouvintes, merecendo ser analisada separadamente. Vale ressaltar que algumas capas desse estilo continuam tendo as fotos dos músicos tiradas por Wolff, porém em tamanho reduzido e sendo utilizadas como detalhe ou elemento secundário.

Como exemplo de ressignificação da função tipográfica, na capa do álbum "It's Time!", do saxofonista Jackie McLean, lançado em julho de 1965, Miles replica o ponto de exclamação do título do álbum de maneira que o símbolo se desprenda de sua função preconcebida de caractere, passando a compor uma estampa, signo, ressignificando seu papel e forma gráfica.

Figura 2. Francis Wolff; Reid Miles. It's Time!, 1965.



Fonte: www.londonjazzcollector.wordpress.com

A foto do rosto de McLean tirada por Wolff serve ao conjunto da composição como elemento secundário, um adorno, localizado no canto superior direito da capa, ao lado do nome do músico. Pode-se entender o encarte de McLean como um chamariz para o espectador em duas situações distintas: ao ser observado à distância e de perto. Visto de longe, – em uma vitrine ou prateleira, por exemplo –, o encarte constitui um grafismo graças à composição da estampa somada ao forte contraste das formas pretas sobre o fundo branco. Esses recursos geram dissociação entre a obra e o significado primordial do caractere, que carrega em sua forma algo semelhante a um efeito óptico (figura à esquerda). Visto de perto, o encarte permite a distinção entre forma e estampa, de um lado, e o elemento tipográfico, que expressa a mensagem inerente ao ponto de exclamação, ao mesmo tempo que dialoga com o título da obra (figura à direita).

Ao longo de suas capas pela Blue Note, Reid Miles leva a exploração das noções tipográficas, seus possíveis diálogos e suas funções a um novo patamar, experimentando por meio do ato de ressignificar as letras e seus respectivos desenhos, uma forma de expressão característica o suficiente para moldar e firmar o seu estilo identitário, bem como o da gravadora. Fora que o desinteresse de Miles por jazz não serviu como fator limitante para sua produção ou entendimento sobre a estética do estilo. Quem sabe até mesmo por não ser muito inteirado no gênero, seu olhar externo tenha sido um diferencial durante a elaboração de suas capas.

"And if you went to those record stores it was probably not the sound of Blue Note that immediately caught your attention, it was their album covers. There are bold use of color, intimate photography and meticulously placed typography came to define the look of jazz during the 1950s and 60s. These covers are energetic, moody and they are sophisticated." (CASWELL, 2018).

"Michael Cuscuna: — What always amazed me about art directors was the ones that could create a look for a record that was highly individual but also fit into a stream that gave the label a look. Reid Miles was a master in that." (CASWELL, 2018).

3.1 Metodologia

A metodologia utilizada para o desenvolvimento da monografia consistiu na análise da construção da identidade visual do gênero musical desenvolvida por Miles, traçando conexões por meio de suas possíveis influências históricas, padrões de composição e significado das fontes utilizadas. Neste caso, o início da análise ocorre na apresentação das contribuições tipográficas da escola de arte moderna alemã, a Bauhaus. A fim de se aprofundar o entendimento sobre os efeitos da escola de Gropius no campo das artes, foi estudado – aquilo que para esta pesquisa é considerado – o eixo antagônico ao modernismo alemão: as exposições Entartete Kunst [Arte Degenerada] e Entartete Musik [Música Degenerada], ambas criadas e defendidas pelo conservadorismo do governo hitlerista. Por fim, devido aos inúmeros e inesperados efeitos da trajetória traçada, uma coleção de sete peças gráficas foi gerada com intenção de destacar a obra de Miles, bem como seus passos para que essa um dia fosse possível.

Vale lembrar que, por tratar-se de uma adaptação da monografia aos moldes deste artigo, os capítulos responsáveis pela apresentação de detalhes técnicos e informações aprofundadas acerca do recorte tipográfico estabelecido e a metodologia completa utilizada foram reservados à pesquisa original.

A série de obras resultantes desta pesquisa são fruto de uma metodologia projetada em dois grandes blocos, sendo ambos considerados um estofo, repertório básico necessário para o desenvolvimento da tese. São eles: a construção de uma linha temporal, seguida de sua análise com base no recorte estipulado – conforme mencionado no resumo e introdução – e o estudo comparativo das capas de Miles, tendo como objetivo a divisão e classificação destas em grupos, estes enquadrados por semelhança das características tipográficas e composicionais empregadas.

Apresentado na monografia, o segundo bloco do estudo, intitulado "Ferramental Tipográfico", compõe o repertório necessário para o entendimento de termos, apontamentos e ideias respectivas ao próprio universo da tipografia, a formação de um pilar base que sustenta o desenvolvimento do estudo proposto.

Neste bloco, a metodologia parte da linha de pensamento da semiótica tipográfica de Jost Hochuli, descrito em seu livro "O detalhe na tipografia". Seu último capítulo intitulado "O efeito das fontes" aborda "o fenômeno de que as fontes, independentemente de sua legibilidade óptica, desencadeiam nos leitores determinadas sensações através de sua linguagem formal e podem causar uma impressão positiva ou negativa. Isso parece ser uma prova pragmática do fato de que as fontes, além de sua primeira e verdadeira função, que é servir de meio de transporte para as línguas, também são capazes de transmitir efeitos." (HOCHULI, 2013, p. 56).

"Obviamente, a escolha da fonte é determinante para a interpretação do texto e de seu conteúdo. Assim como uma ópera ou uma peça de música pode ser encenada de diversas

formas por diversos artistas, um texto pode ser interpretado de maneiras diferentes." (Ibid.). Nesse caso, Hochuli traz dois exemplos que sustentam seu pensamento, o primeiro tem como base o experimento de Hans Peter Willberg ao reproduzir cinco edições diferentes do poema "Bildhauerisches" de Morgenstern, cada uma apresentada em uma língua, porém todos com a mesma fonte, mesmo corpo, mesma medida de linha e mesma entrelinha. O objetivo é delatar que mesmo compostos pelo mesmo padrão, há diferença entre cada poema, uma vez que cada língua tem sua própria identidade visual. A partir deste experimento, primeiro entende-se que a singularidade visual de cada língua possui efeito significativo quanto às questões que circundam a semiótica tipográfica.

O segundo exemplo utiliza um mesmo trecho de texto, nesse caso em italiano, replicado dez vezes, cada um composto por uma fonte, corpo e entrelinha distinta. Inspirado nesta ideia, um exemplo onde o manifesto da Bauhaus, escrito por Gropius, em alemão é replicado cinco vezes, cada uma com uma fonte diferente, visando demonstrar a mesma proposição.

"A conclusão seria de que bons tipógrafos estão certos ao refletir cuidadosamente sobre qual fonte escolherão para compor determinado texto", uma vez que cada língua, fonte e sua concepção tipográfica – tamanho, organização e destaques – são componentes de cenários únicos que precedem o texto enquanto material textual – considera-se "aqui, o caráter fundamentalmente visual do texto (iconicidade da tipografia), passível de 'leitura' antes mesmo do conteúdo verbal." (BRISOLARA, 2010, p. 1).

Tendo em vista tal singularidade, Hochuli finaliza sugerindo que o tipógrafo criativo evite receitas e moldes pré definidos.

Este é um breve exemplo de um dos casos explorados ao longo da construção do "Ferramental Tipográfico", um conjunto de capítulos baseados na semiose das fontes e outros temas, formadores da metodologia aplicada ao estudo comparativo das fontes presentes nas capas de Miles.

Ainda presente no ferramental, o pensamento proposto por Robert Bringhurst acerca do significado histórico inerente às fontes é relevante para a análise do estilo empregado em cada composição de Miles e o desenvolvimento das peças gráficas elaboradas, assim sendo, outro componente essencial à metodologia aplicada. Neste caso, valorizando a importância da história da tipografia, possibilitando a proposição acerca da atenção quanto ao valor ideológico intrínseco a cada caso, dado seu passado e emprego repetitivo em tempos de instabilidade política ou oposição de convicções – baseado no estudo proposto por Douglas Thomas em seu livro "Never Use Futura", publicado em 2017.

Devido ao enfoque tipográfico da pesquisa, as principais capas de Reid Miles analisadas foram as que eram protagonizadas por fontes e o uso das mesmas como formas – alguns exemplos: In 'n Out de Joe Henderson, 1965; It's Time! de Jackie McLean, 1965; Unity de Larry Young, 1966. Estas capas – estando entre as mais aclamadas de Miles - deram origem à construção de signos a partir da repetição ou manipulação anatômica das letras utilizadas, explorando os limites dos efeitos das fontes. Para a época, tais efeitos eram totalmente instigantes, uma vez que a tipografia até então era pragmática e majoritariamente utilizada a fim de suprir as necessidades de servir como vestimenta de um determinado texto.

Em suma, conclui-se de forma sintética a explicação acerca da metodologia utilizada ao decorrer do estudo desenvolvido. Caso haja interesse por parte do(a) leitora(a), as demais informações aprofundadas sobre o tema e sua metodologia podem ser conferidas na monografia.

3.2 Produto Final – Exposição “Reid Miles & Blue Note Records: a voz do jazz e design tipográfico - a resistência à opressão nazista” Jüdisches Museum Berlin

Neste capítulo serão apresentadas as sete peças gráficas que compõem o produto final. Cada peça foi inspirada em uma capa específica da obra de Reid Miles, com exceção da segunda peça, intitulada "Entartete Silhouetten" [Silhueta Degenerada]. O objetivo da mostra é sintetizar graficamente a essência do jazz por meio de peças voltadas para as capas de Miles, as quais são compostas predominantemente por elementos tipográficos. A mostra paralelamente propõe um debate sobre a importância da relação do significado tipográfico intrínseco a cada fonte, como discutido por Bringhurst, além de expressar a importância dos fundadores Alfred Lion e Francis Wolff.

A sequência de cada uma foi desenvolvida a fim de respeitar a ordem cronológica da narrativa apresentada ao longo da pesquisa. Os temas são: 1. Bauhaus, o fechamento da instituição modernista por parte do regime nazista; 2. Entartete Kunst, os efeitos da exposição de Arte Degenerada; 3. O show de Benny Goodman no Carnegie Hall em 1938 e sua relação com a exposição Entartete Musik; 4. Alfred Lion, a postura visionária de Al sobre a gravação de artistas e gêneros modernos como o bebop; 5. Francis Wolff, a relevância de Frank para o universo fotográfico do jazz; 6. Alex Steinweiss, a importância de Steinweiss para a criação da primeira capa de álbum, o estopim para o design de encartes e 7. Reid Miles, o aperfeiçoamento e modelagem da identidade visual do jazz por meio da tipografia.

Após a explicação sobre o desenvolvimento de cada obra será apresentada sua aplicação em uma simulação tridimensional. Trata-se da modelagem 3D da sala Eric F. Ross Gallery do Jüdisches Museum Berlin. Vale deixar claro que, por tratar-se de um projeto desenvolvido por um estudante do curso de Design Gráfico, a simulação da exposição não tem a intenção de se comprometer com eventuais noções e questões arquitetônicas. Essas que seriam pensadas no caso do desenvolvimento de uma exposição física. O intuito da simulação digital dessa exposição, bem como da escolha da galeria do museu, é de servir como alicerce para o enriquecimento da narrativa que deseja ser transmitida.

O Jüdisches Museum Berlin foi escolhido por alguns motivos. São eles: 1. O fato de Berlim ter sido a última cidade a abrigar a Bauhaus até seu fechamento pelos nazistas em 1933; 2. O fato de que Alfred Lion e Francis Wolff eram judeus, nascidos em Berlim e forçados a fugir por conta das perseguições nazistas; 3. O status do Museu Judaico de Berlim como maior museu de cultura judaica da Europa; 4. A relação entre a cultura judaica em geral e o pensamento de Libeskind sobre o discurso inerente à arquitetura do Memorial do Holocausto; 5. A presença de uma narrativa oculta no desenho das letras que compõem o texto aos olhos de Bringhurst e Hochuli; 6. O fato do JMB já ter recebido uma exposição da Blue Note, a "IT MUST SCHWING, Blue Note – Photography by Francis Wolff and Jimmy

Katz”, que ocorreu na Eric F. Ross Gallery em 30 de outubro de 2009 até 7 de fevereiro de 2010; 7. Devido às exposições Entartete Kunst e Entartete Musik terem ocorrido na Alemanha e prejudicado tanto a imagem dos artistas modernistas quanto músicos de jazz e 8. A intenção de que todos os oprimidos pelo regime nazista pudessem retornar ao seu local de origem e apresentar a importância e ascensão de sua obra – um dia considerada “degenerada”.

O conjunto de peças gráficas que formam a exposição foi nomeado como “Reid Miles & Blue Note Records: the voice of jazz and typography design - the resistance against the nazi oppression” [Reid Miles & Blue Note Records a voz do jazz e design tipográfico - a resistência à opressão nazista]. Por tratar-se de um tema internacional e pelo local da exposição ser na Alemanha, foi utilizada a língua inglesa para dar título à exposição. Além disso, sendo o inglês uma língua amplamente utilizada, seu emprego foi pensado para que o tema fosse acessível a outros públicos.

O termo “peça gráfica” atribuído a obra se deve ao fato de o produto não se tratar de uma capa, encarte ou envelope com o propósito de acondicionar um ou mais discos. A intenção do termo é ressignificar o emprego de tal produto como veículo capaz de comunicar e transmitir a narrativa apresentada até aqui e não como peça meramente utilitarista. Para tal finalidade, utiliza-se dos significados intrínsecos das formas, cores e fotos, com enfoque voltado à tipografia.

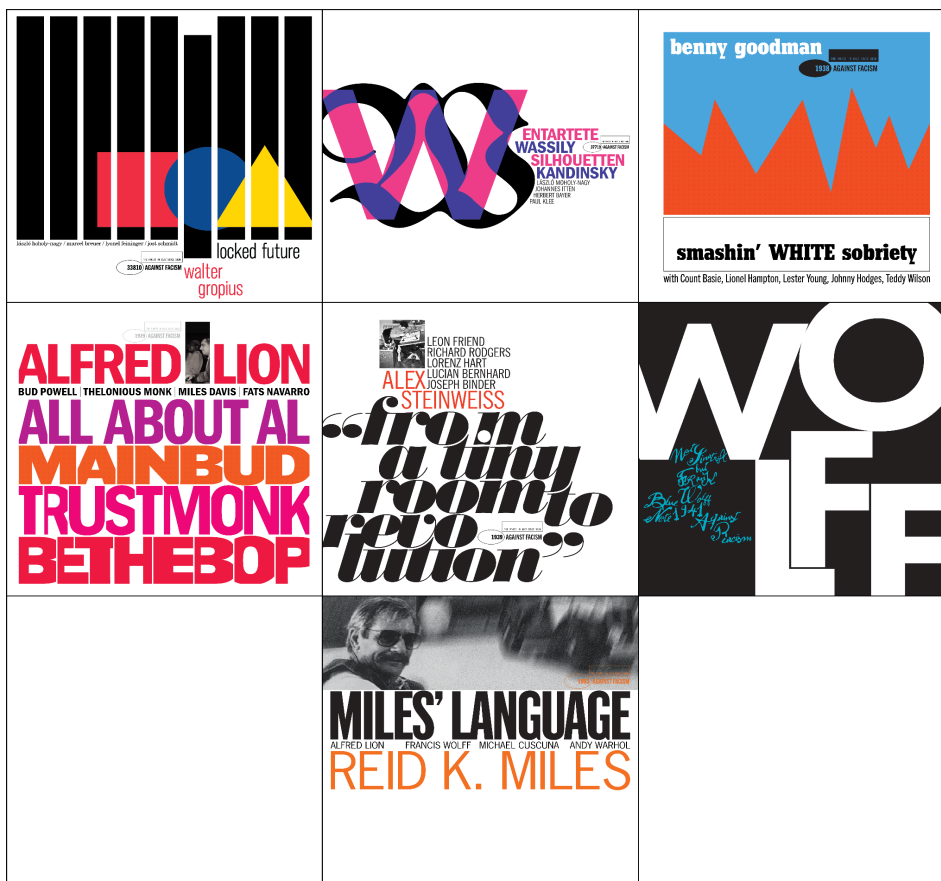
O design dos seguintes produtos gráficos foi desenvolvido e adaptado a partir da hierarquia utilizada por Miles, sendo essa: título do álbum ou nome artista principal, nomes dos demais músicos participantes e número de série do disco – em ordem decrescente de importância.

Procurou-se ser o mais fiel possível às fontes utilizadas por Miles. Entretanto, aquelas que não puderam ser identificadas ou digitalizadas foram substituídas por semelhantes, desenhadas por diferentes estúdios, ou, quando da mesma família, substituídas por outros pesos. Vale afirmar que, do ponto de vista desta pesquisa, não houve descomprometimento com o significado das fontes substituídas.

A cautela em relação às fontes estendeu-se às cores, espaçamentos, formas, dimensões, fotos e a quaisquer outras minúcias referentes ao estilo de Reid Miles.

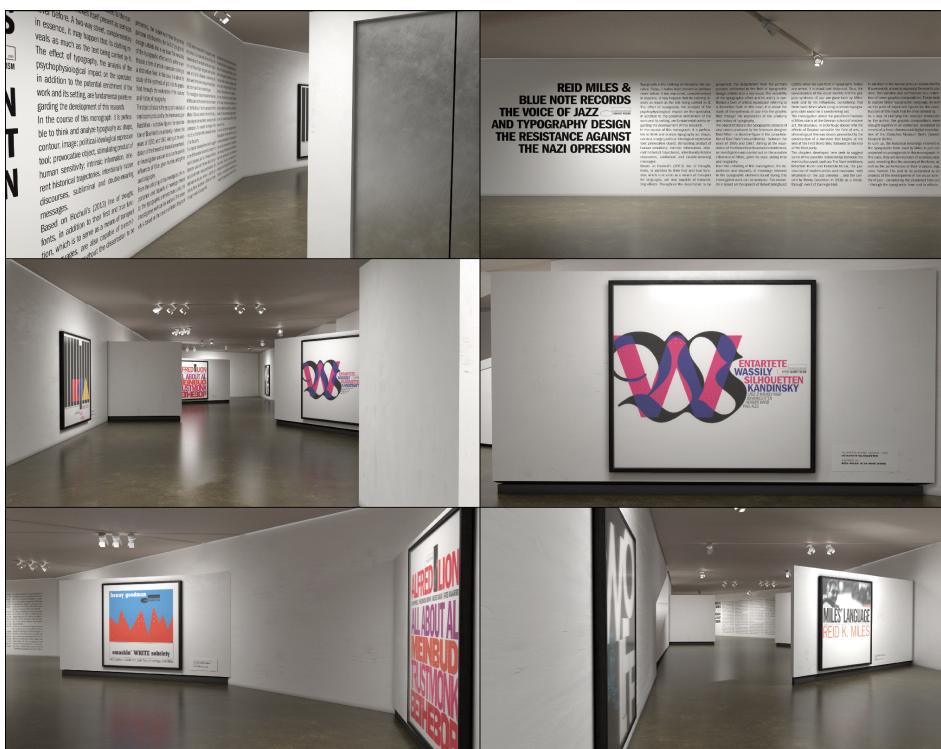
Nas seguintes peças gráficas o que impera é o detalhe.

Figura 3. Peças Gráficas de 01 - 07, 2021.



Fonte: Autoria própria.

Figura 4. Simulação 3D Exposição, 2021.



Fonte: Autoria própria.

4.1 Conclusão

O deslocamento geográfico de povos e indivíduos marginalizados de um lugar para o outro implica também o deslocamento de sua herança cultural, fenômeno digno de atenção. Dentro do contexto desta dissertação, o ato de se deslocar deve ser encarado como elemento formador de novos caminhos culturais e como ferramenta de consolidação de antigas estradas. Com o intuito de honrar tais deslocamentos, é crucial que aquele que estiver determinado a forjar novas rotas tenha conhecimento de seus antecessores: aqueles que dedicaram a vida à consolidação das passagens sobre as quais hoje se caminha. Em suma, antes de criar o novo, é fundamental investigar o antigo, ter ciência de quem foram os mestres do segmento em questão, enaltecer e preservar sua memória.

Este artigo, bem como sua pesquisa original, foram motivados pela inquietação de seu autor ao deparar-se com a profundidade e a riqueza presentes no estudo dos elementos tipográficos. A ideia de discursos inteiros serem inerentes às formas responsáveis por carregar outros discursos o intrigam. "[...] every typeface has its own DNA, its own voice, and its own hidden history of intrigue and excess." (THOMAS, 2017, n.p).

A elaboração desta pesquisa se deu pelo trajeto – ora breve, ora quase eterno – de inúmeras estradas. A busca pela identificação da linguagem enquanto estilo, sendo essa referente ao campo visual, gráfico, apresentou-se travestida de incontáveis influências. O objetivo era tentar compreender o porquê das composições gráficas de Reid Miles serem tão precisas quanto a sonoridade do gênero musical ao qual prestava serviço. Aparenta contradizer o capítulo "Efeito das Fontes" de Jost Hochuli, pois Miles havia domado as fontes de que dispunha, um movimento inverso, onde ele era quem dava o efeito e a intenção desejada a elas – quem sabe, até mesmo de maneira despreziosa, contrariando a maioria.

"A linguagem da visão não é autoexplicativa nem autossuficiente, atuando em um campo mais amplo de valores sociais e linguísticos. Para dominar esse campo mais amplo, nós, designers, precisamos começar a ler e escrever sobre as relações da forma visual com a linguagem, a história e a cultura." (LUPTON; MILLER, 2019, p. 9).

Simultaneamente, os desdobramentos do processo analisado possibilitaram a construção da narrativa. Um pretexto para a discussão da importância do design e principalmente da tipografia no campo político-ideológico. Acredita-se que essa versátil ferramenta deva ser explorada sempre que possível. Deve haver – perdoem o caráter imperativo desta frase – a obrigação cívica da preservação dos direitos de expressão e o combate a qualquer ideologia de cunho fascista. Essa investigação acadêmica busca ressaltar para as novas gerações – ou qualquer outra que permita ser tocada – a importância sobre a resistência em caso do enfrentamento de períodos de opressão como os mencionados ao longo da pesquisa. Jamais deve-se permitir que a liberdade artística recaia sobre as imposições tiranas, seguido da destruição de obras que não se adequem aos moldes cunhados por tal cega idolatria.

Os oprimidos, então apelidados degenerados ou impuros, precisam ser lembrados. Foram as noções desses modernistas visionários que romperam com o enrijecimento racista das artes. Fosse a metodologia de Gropius e outros docentes da Bauhaus; a Bauhaus-Kapelle em Dessau; a tipografia universal de Herbert Bayer; o lendário concerto de Benny Goodman no Carnegie Hall em 1938; o infindável amor de Alfred Lion e Francis Wolff pelo jazz; a receptividade e liberdade ofertada aos artistas da Blue Note Records; as contribuições de Reid Miles para com tanto o campo do design gráfico quanto da identidade visual do jazz. Todos esses fatores – além de muitos outros – constituem o grupo que, para esta pesquisa, contribui à formação da identidade do séc. XX.

"Assim como a oratória, a música, a dança, a caligrafia – como tudo que empresta sua graça à linguagem –, a tipografia é [...] um ofício por meio, do qual os significados de um texto (ou sua ausência de significado) podem ser clarificados, honrados e compartilhados, ou conscientemente disfarçados. [...] Em um mundo repleto de mensagens que ninguém pediu para receber, a tipografia precisa freqüentemente chamar a atenção para si própria antes de ser lida. Para que ela seja lida, precisa contudo abdicar da mesma atenção que despertou. A tipografia que tem algo a dizer aspira, portanto, a ser uma espécie de estátua transparente." (BRINGHURST, 2005, p. 23).

A oportunidade de publicação deste artigo, assim como a possibilidade de usufruto de seu leitor(a), apenas é possível pelas estradas, caminhos, passagens, acessos e vielas traçadas por artistas à frente de sua época. Figuras que aclaram tais caminhos, mas melhor que isso, provocam a dúvida.

5.1 Referências

ARTSEEDGE: **The Kennedy Center's Digital Learning Project. The Visual World of Blue Note Records: The History**, 2014. Disponível em: <https://youtu.be/kY_twIwMCOA>. Acesso em 15 nov 2021.

BAUHAUS: **A Face do Século XX** [Série Documental]. Direção: Frank Whitford. 1994. (49 min.), color. YouTube, 2015. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=1iGPQpqHf5c>>. Acesso em: 13 maio 2021.

BAYER, Herbert. **Bauhaus, 1919-1928. New York: The Museum of Modern Art**, 1938.

BERG, Marita. **Jazz e outros estilos musicais "degenerados" foram alvo dos nazistas**. DW, 2013. Disponível em: <<https://www.dw.com/pt-br/jazz-e-outros-estilos-musicais-degenerados-foram-alvo-dos-nazistas/a-16843797>>. Acesso em: 12 maio 2021.

BRINGHURST, Robert. **The Elements of Typographic Style. Point Roberts: Hartley & Marks**, 2004.

BRINGHURST, Robert. **Elementos do Estilo Tipográfico**. São Paulo: Cosac Naify, 2005.

BRISOLARA, D. V. **Proposição de um modelo analítico da tipografia com abordagem semiótica. InfoDesign - Revista Brasileira de Design da Informação**, [S. l.], v. 6, n. 2, p. 30-41, 2010. DOI: 10.51358/id.v6i2.77. Disponível em: <https://infodesign.org.br/infodesign/article/view/77>. Acesso em: 8 abr 2022.

CASWELL, Estelle. VOX. **The greatest album covers of jazz**, 2018. Disponível em <<https://www.vox.com/videos/2019/1/2/18165211/jazz-album-design-blue-note-records>>. Acesso em 15 nov 2021.

ENCICLOPÉDIA Itaú Cultural de Arte e Cultura Brasileira. **Arte Degenerada**. São Paulo: Itaú Cultural, 2021. Disponível em: <<http://enciclopedia.itaucultural.org.br/termo328/arte-degenerada>>. Acesso em: 14 out 2021. Verbete da Enciclopédia.

ENTARTETE musik: **music suppressed by the Third Reich** [Documentário]. Direção: Beata Romanowski. Produção: Beata Romanowski, Didier de Cottignies. 1996. (33 min.), color.

FACKLER, Guido. **Jazz under the Nazis. Music and the Holocaust**, 2021. Disponível em: <<https://holocaustmusic.ort.org/politics-and-propaganda/third-reich/jazz-under-the-nazis/>>. Acesso em: 26 out 2021.

FRIEDLER, Eric. **Blue Note: It Must Schwing** [Documentário]. **Hamburg: Studio Hamburg Enterprises**, 2018. (115 min.), color. Disponível em <<https://itmustschwing.com/en>>. Acesso em 15 nov 2021.

FRUTIGER, Adrian. **Type Sign Symbol**. ABC Edition, 1980.

GLUECK, Grace. Herbert Bayer, 85, **a designer and artist of Bauhaus school**. **The New York Times, New York**, 1 Out 1985. Seção B, p. 6. Disponível em: <<https://www.nytimes.com/1985/10/01/arts/herbert-bayer-85-a-designer-and-artist-of-bauhaus-school.html>>. Acesso em: 13 nov 2021.

HOBSBAWM, Eric. **The Age of Extremes: The Short Twentieth Century, 1914–1991**. UK: Abacus, 1995.

HOCHULI, Jost. **O detalhe na tipografia**. São Paulo: WMF Martins Fontes, 2013.

HUBER, Sophie. **Blue Note Records: Beyond the Notes** [Documentário]. **Zurique: Mira Film GmbH**, 2018. (85 min.), color. Disponível em <<https://bluenoterecords-film.com/en/>>. Acesso em 15 nov 2021.

LUPTON, Ellen. **Novos Fundamentos do Design**. São Paulo: Cosac Naify, 2008.

LUPTON, Ellen. **Thinking With Type. New York: Architectural Press**, 2010.

LUPTON, Ellen; MILLER, J. Abbott. **O ABC da Bauhaus: A Bauhaus e a Teoria do Design**. São Paulo: Editorial GG, 2019.

MARSALIS, Wynton. **What Do Democracy and Jazz Have in Common? - Wynton Marsalis at Federal Hall. New York – Federal Hall**, 30 set 2020. Disponível em: <<https://wyntonmarsalis.org/videos/view/what-do-democracy-and-jazz-have-in-common-wynton-marsalis-at-federal-hall>>. Acesso em: 13 nov 2021.

MARSH, Graham; CALLINGHAM, Glyn. **The Cover Art of Blue Note Records: The Collection**. Londres: Collins & Brown, 2011.

McCARTHY, Albert. **Benny Goodman - The Famous 1938 Carnegie Hall Jazz Concert**. São Paulo: Editora Abril, 1981.

McKEE, Abaigh. **Art and Music Under the Third Reich: Entartete Kunst and Entartete Musik Exhibitions. Music and the Holocaust**, 2017. Disponível em: <<https://holocaustmusic.ort.org/politics-and-propaganda/third-reich/entartete-musik/>>. Acesso em: 12 maio 2021.

MOURA, Lazaro Elizeu. **O Atrativo Estranhamento nos Simulacros e nas Provocações de Cindy Sherman**. 2020. **Tese (Doutorado em Artes Visuais) - Instituto de Artes - Universidade Estadual de Campinas**, Campinas, 2020. Disponível em: <http://repositorio.unicamp.br/jspui/bitstream/REPOSIP/337651/1/Moura_LazaroEliseu_D.pdf> Acesso em: 11 maio 2021.

MUSEU DE ARTE CONTEMPORANEA DA UNIVERSIDADE DE SÃO PAULO; MUSEU LASAR SEGALL. **A “Arte Degenerada” de Lasar Segall, Perseguição à Arte Moderna em Tempos de Guerra**. São Paulo: Museu Lasar Segall, 2018. Catálogo da exposição realizada no Museu Lasar Segall de 25 de novembro de 2017 a 30 de abril de 2018.

REZENDE, André Novaes de. **No caminho das pedras brancas: Alex Steinweiss e o processo de fundamentação de um paradigma para o projeto de capas de discos.** 2012. 226 p. Tese (doutorado) - Universidade Estadual de Campinas, Instituto de Artes, Campinas, SP. Disponível em <<http://repositorio.unicamp.br/jspui/handle/REPOSIP/284383>>. Acesso em 15 maio 2021.

STERLING, Bruce. **The unbearably annoying Bauhaus.** *Wired*, 2019. Disponível em: <<https://www.wired.com/beyond-the-beyond/2019/03/unbearably-annoying-bauhaus/>> Acesso em: 13 nov 2021.

THOMAS, Douglas. **Never Use Futura.** NY, Hudson: Princeton Architectural Press, 2017.

UNDERGÅGENS Arkitektur [Arquitetura da Destrução] [Documentário]. Direção: Peter Coen. Produção: SVT Drama, Poj Filmproduktion AB, Svenska Filminstitutet, Sandrews. Distribuição: First Run Features. SE. 1989. (119 min.), P&B. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=WNQk0OwyoBw&t=982s>>. Acesso em: 02 maio 2021.

Recursos Humanos e relações de gênero: uma análise dos indicadores de Direitos Humanos no Centro Paula Souza

Human Resources and gender relations: an analysis of human rights indicators at the Centro Paula Souza

Lorayne Ribera Guedes, Gustavo Menon (EACH/USP).

Centro Universitário Senac
Tecnologia em Gestão de Recursos Humanos
lohlg123@gmail.com, gustavo22menon@gmail.com

Resumo. A igualdade de gênero deve ser considerada um direito humano fundamental que garante às mulheres que elas tenham as mesmas oportunidades, rendimentos, direitos e obrigações que os homens, em todas as áreas de trabalho, e que possam usufruir das mesmas condições, sejam elas no acesso à educação ou com oportunidades de emprego. No cenário profissional, as instituições carregam grandes responsabilidades quanto à promoção de boas práticas que consolidem a igualdade e equidade de gênero. Nesse sentido, essa iniciação científica irá aplicar os indicadores de gênero e de direitos humanos no Centro Paula Souza. A partir das abordagens presentes nas diretrizes da *Global Reporting Initiative (GRI)*, buscamos identificar ações na instituição que promovam a igualdade de gênero, analisando os impactos que a instituição possui na sociedade. Dessa forma, visamos debater questões de gênero e analisar os efeitos da desigualdade de poder entre homens e mulheres no mercado de trabalho; especialmente, compreender como tais relações se apresentam no estudo de caso do Centro Paula Souza.

Palavras-chave: Direitos Humanos; Desigualdade; Gênero; Centro Paula Souza.

Abstract. Gender equality should be considered a fundamental human right that guarantees women that they have the same opportunities, incomes, rights and obligations as men in all areas of work and that they can benefit the same conditions, whether they are in access to education or with employment opportunities. In the professional scenario, institutions carry great responsibilities regarding the promotion of good practices that consolidate gender equality and equity. In this sense, this scientific initiation will apply gender and human rights indicators in the Centro Paula Souza. Based on the approaches present in the guidelines of the *Global Reporting Initiative (GRI)*, we seek to identify actions in the institution that promote gender equality, analyzing the results on the impacts that the institution has on society. Therefore, the research aims to debate gender issues and analyze the effects of power inequality between men and women in the labor market; especially, to understand how such relationships are presented in the case study of the Centro Paula Souza.

Keywords: Human Rights; Inequality; Gender; Centro Paula Souza.

Introdução

Por muito tempo, em muitas sociedades, consolidava-se a ideia de que a vida do homem era superior à da mulher, pensamento esse que resultou em muitas violências e gerações de mulheres limitadas aos serviços domésticos e afazeres familiares. No mercado de trabalho, a presença feminina teve início após a Revolução Industrial, que ocorreu no século XVIII, entre os anos de 1760 e 1840, junto aos primeiros movimentos de operárias que protestavam por melhores condições de trabalho, nos Estados Unidos e em alguns países da Europa. A ideia da libertação da mulher nasce junto ao movimento socialista mundial, que ocorreu no final do século XIX e início do século XX.

Clara Josephine Zetkin (1857-1933), nascida na Alemanha, professora, jornalista, feminista e política, foi uma das fundadoras e dirigentes do Socorro Vermelho Internacional (organização internacional de serviços sociais que forneceu ajuda material e moral aos prisioneiros políticos) e participou de diversas ações pacifistas. Certa vez anunciou: “De mãos dadas com o homem de sua classe, a mulher proletária luta contra a sociedade capitalista.” (ZETKIN, 1896, p. 103). Um dos acontecimentos marcantes envolvendo Clara Zetkin ocorreu em 1910, durante a 2ª Conferência Internacional das Mulheres Socialistas, realizada na cidade de Copenhague, na Dinamarca, quando foi proposto por ela e por sua companheira, a delegada alemã Luise Zietz, a criação de um “Dia Internacional da Mulher”, ainda sem data definida.

No século XX, durante esse período de reivindicação das mulheres por seus direitos, surge no Reino Unido o movimento sufragista, que reivindica o voto feminino e os direitos políticos das mulheres. Após grandes transformações políticas, culturais e sociais, em consequência das revoluções que aconteciam ao redor do mundo, um grupo feminista considerado liberal, protagoniza o início de uma luta por igualdade jurídica entre homens e mulheres e pelo direito ao divórcio e ao voto, sendo o último a grande bandeira que marcou o movimento. O sufrágio feminino representa a primeira fase do feminismo, que dá início, na contemporaneidade, a uma luta histórica – que permanece até os dias atuais, em busca da igualdade de gênero (GOLDMAN, 2014).

Enquanto as sufragistas militavam pacificamente, Emmeline Pankhurst (1858-1928) considerada pela revista *Times* como uma das 100 pessoas mais importantes do século XX, lutava fortemente pelo direito de todas as mulheres ao voto. Emmeline era vista por muitos como radical, pois enfrentou diversos ideais políticos de viés conservador, servindo de inspiração para as mulheres de todas as classes sociais. Membro da *Women’s Social and Political Union (WSPU)*, associação criada em 1903 que carregava o lema “deeds not words” (em português: “atos, não palavras”), Emmeline, em 1914, discursou sobre como sua associação se difere das demais, utilizando de abordagens mais agressivas para concentrar as forças dos membros em um único objetivo: a igualdade política.

Dessa forma, surge em 1919, a Organização Internacional do Trabalho (OIT), fundada para promover justiça social e regulamentar às relações de trabalho

no âmbito internacional. A convenção n.º 100 da OIT, por exemplo, coloca em evidência a necessidade da igualdade de remuneração entre homens e mulheres em uma mesma função, sendo esse um elemento fundamental na promoção da igualdade de gênero (OIT, 1951).

Anos depois, em 1945, a Organização das Nações Unidas (ONU), reconhece os direitos das mulheres e, posteriormente, assina o primeiro documento que garante princípios de igualdade de sexos. Com isso, em 1948, é adotada e proclamada a Declaração Universal dos Direitos Humanos, que garante que todos são iguais perante a lei e têm direito, sem qualquer distinção a igual proteção da lei. Em 1975, ainda no sistema ONU, oficializa-se o 8 de março como o Dia Internacional da Mulher.

No Brasil, é possível mensurar a presença da desigualdade de gênero com base em um dos estudos do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, chamado “Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil”, de 2021. Com a utilização de indicadores quantitativos e qualitativos, apresentados no Conjunto Mínimo de Indicadores de Gênero – CMIG, organizado pela Comissão de Estatística das Nações Unidas, a 2ª edição desse estudo analisa as condições das mulheres brasileiras em relação às estruturas econômicas, isso inclui à área da educação, saúde, e em outras dimensões importantes, como direitos humanos (IBGE, 2021).

Com base nessa leitura, é possível observar que a construção social do papel do homem e da mulher é o resultado de relações sociais patriarcais que predeterminam que diferentes gêneros ocupem diferentes espaços, favorecendo a discriminação em relação às mulheres, e, por isso, são necessárias leis que assegurem proteção à vida da mulher e garantam seus direitos como cidadãos. Esses estudos fazem-se totalmente relevantes para a compreensão do atual cenário que estamos inseridos e buscamos melhorias, rumo à uma sociedade que promova a construção moral e política baseada na igualdade de direitos e de gênero.

A presente pesquisa se dividirá em três partes:

1. No primeiro momento, serão destacadas as lutas das mulheres para a entrada no mercado de trabalho e para a garantia de seus direitos, em seguida, serão evidenciadas as três ondas que marcam períodos importantes da história do feminismo;
2. Na sequência, evidenciaremos alguns marcos jurídicos que asseguram os direitos humanos e direitos das mulheres, no Brasil e no mundo, destacando os avanços legislativos nas perspectivas do feminismo, tornando-se possível compreender a relação entre os direitos das mulheres com os direitos humanos;
3. Será observada a história da instituição Centro Paula Souza, o impacto sobre os *stakeholders* e sua atuação na sociedade, considerando suas ações e iniciativas com relação ao objeto de pesquisa. Por fim, será analisada a atuação da instituição quanto a aplicação dos conjuntos de indicadores de desempenho da GRI, HR (*human rights*) e LA (*labor*).

Buscamos contemplar nessa pesquisa (também) a importância da atuação das instituições contemporâneas quanto a administração de seus recursos para a

promoção de uma ética pautada em valores de diversidade, igualdade de gênero e, sobretudo, em respeito aos direitos humanos.

Metodologia

A pesquisa desenvolverá um estudo de caso pontuando os indicadores de gênero e direitos humanos presentes no Centro Paula Souza. Para alcançarmos esse objetivo, do ponto de vista metodológico, a instituição será analisada considerando o contexto em que ela está inserida na sociedade e as variáveis que a influenciam. Além disso, verificaremos as iniciativas da instituição tomando como base os indicadores de desempenho de direitos humanos, propostos pela *Global Reporting Initiative* (GRI). De caráter exploratório, essa análise estará amparada por um estudo qualitativo, que tem como intuito explorar fontes primárias e secundárias relevantes para o objeto de pesquisa.

Em relação às fontes primárias, essa iniciação levará em consideração as pesquisas e os dados levantados pelo Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), sobre desigualdade de gênero no Brasil, além de percorrer os documentos internos da referida instituição e as informações contidas no Portal da Transparência do Governo de São Paulo. Por fim, como fontes secundárias, a análise contemplará os estudos na área de Recursos Humanos, incluindo artigos, dissertações e teses a respeito da importância da aplicabilidade dos direitos humanos e da promoção da igualdade de gênero, no mundo organizacional.

1. A luta das mulheres para a garantia de seus direitos e as três ondas do feminismo

No dia 17 de junho 1789, na França, iniciava-se a Revolução Francesa. Essa revolução foi um movimento impulsionado pela burguesia, que, preocupada em desenvolver seus interesses no país, defendia o liberalismo econômico, com o objetivo de acabar com as barreiras que restringiam a liberdade de comércio internacional. Acreditando sustentar o Estado, a burguesia também exigia a garantia dos seus direitos políticos, tendo em vista que, em comparação com o clero e a nobreza, a posição política e jurídica dessa classe ainda era limitada.

Em 1791, dois anos depois do início da Revolução Francesa, Marie Gouze, mais conhecida como Olympe de Gouges (1748-1793), arriscava-se propondo a *Déclaration des droits de la femme et de la citoyenne* (Declaração dos direitos da mulher e da cidadã), com uma dedicatória destinada à Rainha Maria Antonieta, esposa de Luís XVI. Assim como ocorreu com a Declaração dos Direitos do Homem e do Cidadão, o documento proposto pela autora é encaminhado à Assembleia e aprovado. Entretanto, por se opor abertamente aos revolucionários franceses, em 1793, foi condenada à morte e guilhotinada em Paris.

Ainda em um contexto de teses iluministas, a obra "Reivindicação dos direitos da mulher", de 1792, escrita por Mary Wollstonecraft (1759-1797), que defendia a igualdade entre os sexos, é considerada como um dos documentos fundadores do feminismo, denunciando a exclusão das mulheres do acesso a direitos básicos no século XVIII e reivindicando esses direitos, em especial à educação formal. Publicado em resposta à Constituição Francesa de 1791, que

excluía as mulheres da categoria de cidadãs, a autora denuncia em sua obra os prejuízos trazidos pela prisão feminina à exclusiva vida doméstica e pela proibição do acesso das mulheres aos direitos básicos dos cidadãos, e defende uma educação voltada para que as meninas fruissem de seu potencial humano. A autora, em sua obra, declara:

É hora de efetuar uma revolução nos modos das mulheres – hora de devolver-lhes a dignidade perdida – e fazê-las, como parte da espécie humana, trabalhar reformando a si mesmas para reformar o mundo. (WOLLSTONECRAFT, 1792, p. 67).

As relações sociais de poder construídas entre os homens e as mulheres, onde cada um tem seu papel social determinado pelas diferenças sexuais, são chamadas relações de gênero. Esse tipo de relação desigual é imposto pela sociedade desde muito cedo, e tende a se modificar conforme as transformações sociais transcorridas ao longo do tempo. É possível perceber os primeiros estereótipos criados pela sociedade, por exemplo, nas brincadeiras infantis destinadas a cada gênero. Assim, entendemos que a questão de gênero é múltipla, construída e reforçada a cada dia. Conforme apresenta Louro (2000):

[...] as noções de gênero e de identidade de gênero têm sido, cada vez mais, questionadas; o que significa ser macho ou fêmea, masculino ou feminino, em contextos sociais e culturais diferentes, pode variar enormemente, e a identidade de gênero não é claramente redutível a qualquer dicotomia biológica subjacente. Todos os machos e fêmeas biológicos devem ser submetidos a um processo de socialização sexual no qual noções culturalmente específicas de masculinidade e feminilidade são modeladas ao longo da vida. (LOURO, 2000, p. 96).

Como cada momento da história do feminismo tem suas particularidades, as mulheres em diferentes fases, lutaram por conquistas diferentes. Isso caracteriza as “ondas” do feminismo, marcadas por momentos históricos relevantes, pautados na conquista de direitos das mulheres. Dessa forma, foi feita uma divisão (para fins didáticos) das três importantes ondas (ou fases) da história do feminismo: a primeira onda, sendo marcada pelo sufrágio feminino; a segunda onda, sendo uma continuação da primeira e coexistindo com a terceira; e a terceira onda, que desafiou o que foi definido nas décadas anteriores e traz uma nova interpretação sobre gênero e sexualidade.

1.1 A primeira onda do feminismo

Na passagem do século XIX ao século XX, surge então a denominada primeira onda feminista, organizada por mulheres dos Estados Unidos e do Reino Unido, cansadas de seu estado de opressão e submissão. Esse período é marcado por uma grande atividade feminista que se consolidou por meio dos diversos protestos organizados pelas mulheres. Em um primeiro momento, essas mulheres protestavam contra as diferenças de direitos entre os homens, como com as diferenças contratuais, as diferenças na capacidade de adquirir propriedades e contra os casamentos forçados, que, por muito tempo, não levavam em consideração os direitos de escolha das mulheres.

Até o início do século XX, o voto, em quase todos os países, era um direito predominantemente masculino. No século XIX, na Inglaterra, as mulheres cansadas

de serem proibidas de votar e de eleger seus representantes, iniciavam movimentos que reivindicavam esse direito. Um desses movimentos, que alcançou o mundo no século XX, foi o movimento sufragista, movimento social, político e econômico de reforma, que tinha o objetivo de estender o direito do voto às mulheres, sendo essas mobilizações consideradas um marco na primeira onda do(s) feminismo(s).

No Brasil, em 1927, o movimento sufragista atinge seu primeiro avanço com o reconhecimento do alistamento eleitoral feminino, no estado do Rio Grande do Norte. Em 1932, então, todas as mulheres conquistam o direito ao voto. Leolinda de Figueiredo Daltro (1860-1935), fundadora do Partido Republicano Feminino, instituído no Rio de Janeiro, em 1910, considerado o primeiro partido constituído por mulheres no país, possuía o objetivo de representar e integrar as vozes femininas na sociedade política brasileira, sendo importante peça para o avanço do sufrágio feminino, no Brasil (TELLES, 1999).

No ano de 1919, ao lado de outras feministas, Bertha Maria Júlia Lutz (1894-1976), nascida em São Paulo, reconhecida como a maior líder na luta pelos direitos políticos das mulheres brasileiras, criou a Liga para a Emancipação Intelectual da Mulher, com a missão de reivindicar os direitos das mulheres e discutir questões ligadas ao movimento feminista. Anos mais tarde, em 1932, o então presidente Getúlio Vargas, assina o direito ao voto feminino. A historiadora Teresa Cristina de Novaes Marques, professora da Universidade de Brasília (UNB) e coordenadora de pesquisa do Museu Virtual Bertha Lutz, afirma: "Em suma, as propostas políticas de Bertha eram baseadas em dois princípios: justiça social e igualdade jurídica entre os sexos" (MARQUES, 2016, p. 60).

1.2 A segunda onda do feminismo

A segunda onda feminista inicia-se a partir da segunda metade do século XX, período pós-guerras mundiais, junto aos movimentos de protesto social e mobilização política, que foram intensos nesse período. Enquanto a primeira onda possuía ênfase nas questões de igualdade política e liberdades de trabalho, a segunda onda "deu prioridade às lutas pelo direito ao corpo, ao prazer, e contra o patriarcado – entendido como o poder dos homens na subordinação das mulheres" (PEDRO, 2005, p. 79). Questões como o fim da discriminação e da violência sexual e familiar, estiveram em pauta, nesse período. O aborto também foi uma questão trazida durante a segunda onda, como reflexo do direito de escolha da mulher e da defesa da liberdade sexual feminina.

Ainda nos EUA, Betty Naomi Goldstein (1921-2006), mais conhecida como Betty Friedan, foi uma importante ativista feminista estado-unidense do século XX. Em 1963, publicou seu livro *The Feminine Mystique*, que serviu de inspiração para o manifesto de diversas feministas. Em sua obra, a autora entrevistou mulheres acerca de suas insatisfações (denominadas o "mal sem nome") e dificuldades com os filhos, o casamento, a casa e a comunidade, servindo como centelha para os questionamentos a respeito dos papéis de gênero, instituídos a décadas pela sociedade.

No Brasil, em 1979, foi observado a primeira manifestação pró-aborto do país, que ocorreu no Rio de Janeiro, após o fechamento de uma clínica abortista, dando publicidade a um debate que, anteriormente era discutido apenas de forma interna, entre os grupos feministas (CAMARGO, 2009, p. 12). Já em 1984, no 4º Encontro Internacional de Saúde da Mulher, realizado em Amsterdã, foi estruturada a noção sobre os direitos reprodutivos da mulher, que incluíam o direito a ter controle sobre o próprio corpo, a exercer sua sexualidade sem preconceitos e de maneira saudável e informada, além de decidir livremente sobre a sua reprodução sem coerção ou violência. Um grupo de brasileiras feministas esteve presente nesse encontro, para trazer a discussão ao Brasil (CAMARGO, 2009, p. 13).

Pode-se dizer, então, que a segunda onda corresponde ao período em que os conceitos de gênero foram questionados e discutidos, como uma crítica a ideologia imperante de que as mulheres somente poderiam encontrar satisfação através das atividades familiares e domésticas. Essa onda coincide com a terceira, que vêm a acrescentar novas questões aos direitos feministas, servindo, também, como uma retaliação à segunda, essa que, teoricamente, segregou as minorias (negras, lésbicas, bissexuais, transsexuais, travestis e intersexuais), dando ênfase apenas a experiência de mulheres brancas de classe média-alta ou de setores escolarizados.

1.3 A terceira onda do feminismo

A terceira onda feminista inicia-se na década de 1990, servindo, também, como uma suposta resposta às falhas presentes na segunda onda, que evidenciaria apenas as experiências das mulheres brancas, de classe média-alta, conforme citado anteriormente, trazendo a percepção de que as mulheres são de “muitas cores, etnias, nacionalidades, religiões, e origens culturais”. Importantes líderes feministas negras, como Gloria Anzaldúa, Audre Lorde e Bell Hooks (1994), ao lado de outras ativistas, reivindicam um espaço dentro da esfera feminista que abordasse subjetividades relacionadas à raça, defendendo que o feminismo é para todo mundo. Assim, as abordagens interacionais e interseccionais surgiam no debate feminista contemporâneo (COLLINS, 2019).

Carol Gilligan, nascida em 1936, nos Estados Unidos, filósofa, psicóloga feminista e professora na Universidade de Harvard, traz uma visão diferente do feminismo, através do chamado “feminismo da diferença”. Dentro dessa perspectiva, existem correntes feministas que apontam a existência de diferenças não unicamente entre homens e mulheres, mas às próprias mulheres e suas especificidades, o qual consideram a noção de igualdade de gênero equivocada, em face da percepção de que existem diferenças significativas entre os sexos, ambos possuindo importância política e social. Para o autor Ornat (2008, p. 314) “é nesta terceira fase que se observa uma intensa justaposição entre movimento político e academia”.

Dessa forma, compreende-se que a terceira onda do feminismo desempenhou um importante papel em desenvolver um olhar voltado para as minorias e defender que o feminismo “tradicional” não representa a luta de todas as mulheres. Assim, abre-se espaço para que surjam diferentes vertentes das lutas feministas, e, faz-se possível entender que o feminismo está em constante

transformação, podendo (e devendo) ter o seu sentido alterado, de acordo a multiplicidade de pautas trazidas por diferentes vozes individuais, que questionam seus diferentes pontos.

2. A igualdade de gênero como um direito humano fundamental

Em 1979, foi desenvolvida a Convenção sobre a Eliminação de Todas as Formas de Discriminação contra a Mulher (do inglês, *Convention on the Elimination of All Forms of Discrimination Against Women - CEDAW*). Essa convenção é o primeiro tratado internacional que dispõe amplamente sobre os direitos humanos da mulher, com duas as frentes que possuem as propostas de: 1) promover os direitos da mulher na busca da igualdade de gênero e, ao mesmo tempo, 2) reprimir quaisquer discriminações contra a mulher.

O sistema ONU organizou, entre os anos de 1949 e 1962, tratados que visavam a proteção e a promoção dos direitos da mulher em áreas onde esses direitos fossem considerados particularmente vulneráveis pela Comissão. Esses tratados incluem: a Convenção dos Direitos Políticos das Mulheres (1952); a Convenção sobre a Nacionalidade de Mulheres Casadas (1957) e a Convenção Sobre o Casamento por Consenso, Idade Mínima para Casamento e Registro de Casamentos (1962).

A Assembleia Geral das Nações Unidas (ONU), em 2015, adotou a Agenda 2030 de Desenvolvimento Sustentável, com 17 objetivos globais para que os Estados-membros alcancem o desenvolvimento sustentável. O objetivo de desenvolvimento sustentável (ODS) número 5 da ONU, tem por principal objetivo o “combate às discriminações e violências baseadas no gênero e na promoção do empoderamento de mulheres e meninas para que possam atuar enfaticamente na promoção do desenvolvimento sustentável, por meio da participação na política, na economia, e em diversas áreas de tomada de decisão” (ONU, 2021).

A ONU Mulheres (do inglês, *UN Women*), criada em 2010 para “unir, fortalecer e ampliar os esforços mundiais em defesa dos direitos humanos das mulheres”, tem sede nos Estados Unidos e possui escritórios regionais espalhados em países ao redor do mundo, incluindo Brasil, com o escritório regional localizado em Brasília.

Destacam-se alguns dos marcos internacionais importantes na história, que implicam no cumprimento dos direitos humanos das mulheres e apoiam a igualdade de gênero, listados abaixo em ordem cronológica de acontecimentos:

- Carta das Nações Unidas (1945)
- Declaração Universal dos Direitos Humanos (1948)
- Convenção sobre os Direitos Políticos da Mulher (1953)
- I Conferência Mundial sobre a Mulher (1975)

Já no Brasil, também se destacam alguns marcos importantes com relação a ascensão dos direitos das mulheres. Entre eles, estão:

- Lei Nº 6.791, de 9 de junho de 1980:

Institui-se na data de 30 de abril o Dia Nacional da Mulher. Essa data simboliza a luta histórica das mulheres para terem suas condições equiparadas às dos homens.

- Lei Nº 11.340, de 7 de agosto de 2006:

Sancionada a Lei Maria da Penha (11.340/06), considerada pela ONU a terceira melhor e mais avançada lei no mundo em relação ao combate à violência doméstica e familiar contra as mulheres, e que, determinou, a criação de serviços que visam o atendimento especializado às mulheres vítimas de violências domésticas e familiares, alterando o Código Penal e o Código de Processo Penal, que passou a prever a proteção da mulher vítima de violência doméstica e familiar através de medidas protetivas de urgência.

3. O Centro Paula Souza e o seu desempenho quanto a aplicabilidade dos direitos humanos e a promoção da igualdade de gênero

O Centro Estadual de Educação Tecnológica Paula Souza, também conhecido como Centro Paula Souza (CPS), é uma instituição criada pelo decreto-lei de 6 de outubro de 1969, na gestão do governador Roberto Costa de Abreu Sodré (1967-1971). A instituição atende, atualmente, mais de 309 mil alunos, que estão matriculados entre o ensino médio, ensino técnico, técnico integrado ao médio, graduação tecnológica, pós-graduação, extensão e especialização, proporcionando cursos presenciais e de Educação a Distância (EaD), alternativa cada vez mais procurada (CENTRO PAULA SOUZA, 2021).

A autarquia do Governo do Estado de São Paulo, vinculada à Secretaria de Desenvolvimento Econômico, Ciência, Tecnologia e Inovação do Estado de São Paulo, é responsável pela administração das 223 Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) e das 73 Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatecs), chamadas internamente de "Unidades de Ensino", e promove a educação tecnológica, atuando em prol do desenvolvimento econômico e social, no estado de São Paulo (CENTRO PAULA SOUZA, 2021).

Pode-se verificar que a instituição possui missão, visão e valores bem definidos. É estabelecido como missão pelo Centro Paula Souza: "promover a educação pública profissional e tecnológica dentro de referenciais de excelência, visando o desenvolvimento tecnológico, econômico e social do Estado de São Paulo". Como visão: "consolidar-se como referência nacional na formação e capacitação profissional, bem como na gestão educacional, estimulando a produtividade e competitividade da economia paulista". Por fim, como valores: "a valorização e desenvolvimento humano; postura ética e comprometimento; respeito a diversidade e a pluralidade; compromisso com a gestão democrática e transparente; cordialidade nas relações de trabalho; responsabilidade e sustentabilidade; criatividade e inovação."

A instituição foi criada como resultado de um grupo de trabalho elaborado para avaliar a viabilidade de implantação gradativa de uma rede de cursos superiores de tecnologia, com duração entre dois e três anos. No início, operava com o nome de Centro Estadual de Educação Tecnológica de São Paulo, e possuía apenas três cursos na área de Construção Civil e dois na área de Mecânica. Posteriormente, deu-se início as criações das Faculdades de Tecnologia do Estado de São Paulo (Fatecs). Em 1969, a instituição nasceu com a missão de promover os primeiros cursos superiores de tecnologia, e, com o decorrer das décadas, englobou também a educação profissional de nível médio, absorvendo unidades de ensino já existentes e construindo novas, para expandir o ensino profissional no estado.

Tratando-se de Recursos Humanos, a Unidade de Recursos Humanos (URH) da instituição é composta por 5 (cinco) departamentos e uma assistência técnica, responsáveis pela vida funcional de aproximadamente 20.000 servidores, entre eles mais de 15.000 professores e mais de 4.000 servidores administrativos. A URH é responsável pelo gerenciamento dos recursos humanos dos servidores do Centro Paula Souza, sendo também o órgão setorial do Sistema de Administração de Pessoal, que prestam, também, serviços de órgão subsetorial às (Etecs e Fatecs) do Centro Paula Souza.

Reconhecido pelo padrão de qualidade dos cursos, que contemplam desde a qualificação básica até a pós-graduação (*strictu e lato sensu*), um dos indicadores que testam a excelência do ensino da referida instituição, estão os altos índices de empregabilidade. Nove em cada dez alunos de Fatecs e três em cada quatro estudantes de Etecs, estão trabalhando em até um ano depois de formados, segundo pesquisa do Sistema de Avaliação Institucional (SAI)¹. As unidades de ensino do CPS também apresentam excelente desempenho em avaliações oficiais como o Exame Nacional do Ensino Médio (Enem)².

O SAI foi criado em 1997, com a missão de avaliar anualmente o desempenho de todas as Etecs e Fatecs do estado de São Paulo, com a utilização de mecanismos que coletam as informações entre a comunidade acadêmica. Ele avalia os processos de funcionamento das Etecs e das Fatecs, os seus resultados e impactos na realidade social em que a instituição está inserida. Validado em 1988, o SAI foi implantado em 1999 em todas as Etecs, e em 2000, nas Fatecs do Centro Paula Souza.

Tão importante quanto à promoção do ensino de qualidade, é a contribuição da instituição perante a promoção dos direitos ao desenvolvimento humano, como parâmetro de grande importância no âmbito trabalhista. Hoje, é normal a discussão sobre direitos trabalhistas, direitos humanos no trabalho, respeito mútuo, igualdade de gênero etc., mas para que a humanidade alcançasse esse patamar, foram necessárias diversas lutas para a conquista desses direitos.

Nesse contexto, Nísia Floresta Brasileira Augusta (1810-1885), sendo a primeira na educação feminista no Brasil, com protagonismo nas letras, no jornalismo e nos movimentos sociais, defendeu o investimento em educação para as mulheres, contestando a forma limitada como elas eram instruídas, com uma educação sempre voltada para a maternidade e o trabalho doméstico.

Quanto a importância da inclusão e do incentivo das mulheres na área de Ciência e Tecnologia, foram observadas, na instituição, ações que contribuem para um cenário positivo, como com a promoção do evento gratuito promovido pela Fatec São Paulo, em 2019, nomeado "*Tech Women: Mulheres na Era Digital*". A iniciativa

¹https://websai.cps.sp.gov.br/arquivo/SAI_fundamentos%20te%C3%B3rico-metodol%C3%B3gicos2014.pdf

²Em 2019, as Escolas Técnicas Estaduais repetiram o ótimo desempenho no Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), de acordo com os dados divulgados pelo Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep). A análise dos resultados mostra que, na Capital, a lista das 50 melhores públicas destaca 40 unidades do Centro Paula Souza. Entre as 60 melhores escolas públicas do Estado, 37 são Etecs. Quando consideradas as 100 melhores escolas estaduais do Brasil, há 64 Etecs entre elas.

parte do grupo *FaTech Girls*³, formado com a proposta de unir as estudantes do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas da referida Fatec, para desenvolver projetos, despertar o interesse de outras mulheres para a área tecnológica e incentivar o público feminino a prosseguir com essa trajetória profissional.

Ainda sobre tecnologias, o Centro Paula Souza é responsável por promover, em 2021, a 13ª edição da Feira de Tecnologia do Centro Paula Souza (Feteps)⁴. O último evento havia sido realizado em 2018, e agora foi reformulado e possui novas diretrizes. Entre as principais mudanças, estão “o incentivo a projetos que contribuam para a solução dos desafios da Agenda 2030 da Organização das Nações Unidas (ONU) e a possibilidade de participação conjunta de alunos de Escolas Técnicas (Etecs) e Faculdades de Tecnologia (Fatecs) estaduais nos trabalhos.” (CENTRO PAULA SOUZA, 2021).

A partir do relatório “*Education at a Glance 2019*”, da Organização para a Cooperação e Desenvolvimento Econômico (OCDE), que “reúne estatísticas educacionais do Brasil em mais de 40 países, no âmbito do Programa de Indicadores dos Sistemas Educacionais (INES)”⁵, foi observado que as mulheres brasileiras são maioria nas universidades do país, conforme os dados apresentados pelo Censo da Educação Superior⁶, de 2018, do Ministério da Educação, e possuem mais de 34% mais probabilidade de se formar no ensino superior do que seus pares do sexo masculino, entretanto, possuem menos chances de conseguir emprego.

Ações quanto à promoção dos direitos humanos também são visíveis, como com a Escola Técnica Estadual Professora Marinês Teodoro de Freitas Almeida, de Novo Horizonte, que venceu, em 2018, o 4º Concurso de Redação da Defensoria Pública da União⁷, cujo tema da edição foi “Promoção dos Direitos Humanos e Garantia do Acesso à Justiça”.

Os conjuntos de protocolos de indicadores de desempenho da GRI demonstrados abaixo, são os conjuntos HR (*human rights*) e LA (*labor*). O primeiro conjunto proporciona uma base mais sólida sobre a visão e as ações que são aplicadas na instituição, com relação aos direitos humanos (civis, sociais e políticos) de seus *stakeholders*. Nele, são contemplados os seguintes aspectos: práticas de investimento e de processos de compras; não discriminação; liberdade de

³FaTech Girls é uma iniciativa das alunas do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Fatec São Paulo, com objetivo de apresentar o universo da programação de maneira simples e descomplicada para garotas do ensino médio e fundamental.

⁴A Feira Tecnológica do Centro Paula Souza (Feteps) é o espaço para a demonstração e socialização de projetos desenvolvidos por alunos do Centro Paula Souza e outras instituições participantes, que possuem características inovadoras, de transformação social, aplicação de tecnologia e criatividade.

⁵O INES foi criado com o objetivo de aprimorar os sistemas de coleta de dados dos países membros da Organização para Cooperação e Desenvolvimento Econômica (OCDE).

⁶O Censo da Educação Superior é realizado anualmente pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (Inep) e se constitui como a mais importante pesquisa estatística sobre a educação superior no Brasil.

⁷A Defensoria Pública da União - DPU lança o concurso de redação anualmente, visando proporcionar discussões de temas relevantes e presentes na realidade social brasileira e no mundo.

associação e negociação coletiva; trabalho infantil; trabalho forçado ou análogo ao escravo; práticas de segurança e direitos indígenas.

A seguir, observaremos a mensuração desses indicadores na instituição:

Indicadores de Desempenho HR				
Aspecto: Práticas de Investimento e de Processos de Compra				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR1	Percentual e número total de contratos de investimento significativos que incluam cláusulas referentes a direitos humanos ou que foram submetidos a avaliações referentes a direitos humanos.	Não identificado. Não foram encontrados nos contratos de investimento mantidos na instituição, no referido ano-base, cláusulas específicas aos direitos humanos, e esses contratos não são submetidos a avaliações referentes ao tema.	A avaliação e o estabelecimento de parâmetros, para os novos contratos de investimentos, onde fiquem transparentes as cláusulas referentes a direitos humanos.	Informações contidas na página do Departamento de Material e Patrimônio (DMP), no site da instituição.
HR2	Percentual de empresas contratadas e fornecedores críticos que foram submetidos a avaliações referentes a direitos humanos e as medidas tomadas.	Não identificado. Não foram encontrados dados com relação ao percentual de empresas contratadas e fornecedores críticos, que passaram por avaliações referentes a direitos humanos.	A discriminação desses dados e percentuais, referentes a direitos humanos, nas informações cedidas pela instituição.	Efetuar um procedimento para contratação pessoal e de empresa fornecedoras que levem em consideração uma cláusula de direitos humanos.
HR3	Total de horas de treinamentos para empregados em políticas e procedimentos relativos a aspectos de direitos humanos relevantes para as operações, incluindo o percentual de empregados que recebeu treinamento.	Não identificado. A instituição conta com o Projeto Treinamento e Desenvolvimento de Pessoas, onde são aplicados treinamentos aos servidores. Entretanto, não foram discriminados o total de horas e nem a relação desses treinamentos aos aspectos de direitos humanos.	A mensuração da quantidade de horas investidas em treinamentos para os funcionários, com o objetivo de ter esses registros.	Informações contidas no portal da Unidade de Recursos Humanos do Centro Paula Souza.
Aspecto: Não Discriminação				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR4	Número total de casos de discriminação e as medidas tomadas.	0. Não foram encontrados, nas publicações do Diário Oficial do Estado de São Paulo e no site Jusbrasil, processos que envolvam a instituição, com relação a casos de discriminação, no referido ano-base.	Mais campanhas de conscientização, como com a divulgação do número 180, por exemplo.	Diário Oficial do Estado de São Paulo e site Jusbrasil.
Aspecto: Liberdade de Associação e Negociação Coletiva				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes

HR5	Operações identificadas em que o direito de exercer a liberdade de associação e a negociação coletiva pode estar correndo risco significativo e as medidas tomadas para apoiar esse direito.	1. Os funcionários e professores das Etecs e Fatecs somam-se ao Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza (Sinteps) para repudiar a campanha de perseguição ideológica de um blog a uma professora da FATEC de Barueri.	Nenhuma. O sindicato do Centro Paula Souza demonstra ser unido, a favor dos direitos dos professores da instituição.	Site do sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza (Sinteps).
Aspecto: Trabalho Infantil				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR6	Operações identificadas como de risco significativo de ocorrência de trabalho infantil e as medidas tomadas para contribuir para a abolição do trabalho infantil.	0. Não foram identificadas ocorrências de trabalho infantil, na instituição, no referido ano-base.	Campanhas de informação referente ao trabalho infantil.	Diário Oficial do Estado de São Paulo e Portal da Transparência do Governo.
Aspecto: Trabalho Forçado ou Análogo ao Escravo				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR7	Operações identificadas como de risco significativo de ocorrência de trabalho forçado ou análogo ao escravo e as medidas tomadas para contribuir para a erradicação do trabalho forçado ou análogo ao escravo.	0. Não foram identificadas ocorrências de trabalho forçado ou análogo ao escravo, na instituição, no referido ano-base.	Campanhas de informação referente ao trabalho forçado ou análogo ao escravo.	Diário Oficial do Estado de São Paulo e Portal da Transparência do Governo.
Aspecto: Práticas de Segurança				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR8	Percentual do pessoal de segurança submetido a treinamento nas políticas ou procedimentos da organização relativos a aspectos de direitos humanos que sejam relevantes às operações.	As empresas de segurança que prestam serviços para a instituição são terceirizadas, portanto os treinamentos e políticas são de responsabilidade deles.	Uma formação dessas equipes e funcionários de acordo com o Programa Mundial de Educação para os Direitos Humanos da Unesco.	Diário Oficial do Estado de São Paulo e Portal da Transparência do Governo.
Aspecto: Direitos Indígenas				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
HR9	Número total de casos de violação de direitos dos povos indígenas e medidas tomadas.	0. Não foram observados casos de violação de direitos dos povos indígenas, no referido ano-base.	Nenhuma.	Diário Oficial do Estado de São Paulo e Portal da Transparência do Governo.

O segundo conjunto de indicadores de desempenho (LA) apresentados na tabela abaixo, se aplicará com relação a diversidade do público interno da

instituição, sendo observados os aspectos: emprego; relação entre os trabalhadores e a governança; segurança e saúde no trabalho; treinamento e educação e diversidade e igualdade de oportunidades.

Indicadores de Desempenho LA				
Aspecto: Emprego				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
LA1	Total de trabalhadores por tipo de emprego, contrato de trabalho e região.	<p>Função: Agente Técnico e Administrativo Total: 1.205 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Analista de Suporte e Gestão Total: 191 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Analista Técnico de Saúde Total: 1 Lotação: Assessoria de Desenvolvimento e Planejamento.</p> <p>Função: Assessor Adm. De Gabinete Total: 2 Lotações: Unidade Processante e Divisão de Informática.</p> <p>Função: Assessor Administrativo Total: 398 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Assessor de Planejamento Estratégico Total: 7 Lotações: Vice Superintendência, Assessoria de Desenvolvimento e Planejamento e Assessoria de Comunicação.</p> <p>Função: Assessor Técnico Administrativo I Total: 28 Lotações: Coordenadorias da Instituição.</p> <p>Função: Assessor Técnico Administrativo II Total: 265 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da</p>	Nenhuma.	Portal da Transparência do Governo.

		<p>instituição.</p> <p>Função: Assessor Técnico Administrativo III Total: 60 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Assessor Técnico Administrativo IV Total: 23 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Assessor Técnico da Superintendência Total: 8 Lotações: Vice Superintendência, Gabinete do Diretor Superintendente, Unidade de Infraestrutura, Unidade de Ensino Médio e Técnico, Controladoria Interna e Divisão de Informática.</p> <p>Função: Auxiliar de Apoio Total: 496 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Auxiliar de Docente Total: 649 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Chefe de Gabinete da Superintendência Total: 1 Lotação: Gabinete do Superintendente</p> <p>Função: Chefe de Seção Administrativa Total: 56 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Chefe de Seção Técnico Administrativo</p>		
--	--	--	--	--

		<p>Total: 2 Lotação: Fatec São Paulo.</p> <p>Função: Coordenador Técnico Total: 3 Lotações: Unidade de Ensino Médio e Técnico, Unidade de Gestão Administrativa e Financeira e Unidade de Recursos Humanos.</p> <p>Função: Diretor de Departamento Total: 10 Lotações: Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Diretor de Divisão. Total: 12 Lotações: Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Diretor de Escola Técnica Total: 223 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Diretor de Faculdade de Tecnologia Total: 73 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Diretor de Serviço Total: 495 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Diretor Superintendente Total: 1 Lotação: Gabinete do Diretor Superintendente.</p> <p>Função: Especialista em Planejamento Educacional, Obras e Gestão Total: 16 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Gestor de Supervisão Educacional Total: 13 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado</p>		
--	--	--	--	--

		<p>de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Pensão Judicial Total: 1 Lotação: Etec Carmelino Corrêa Junior.</p> <p>Função: Procurador de Autarquia I Total: 1 Lotação: Procuradoria Jurídica.</p> <p>Função: Professor Associado I Total: 1 Lotação: Fatec Guarulhos.</p> <p>Função: Professor de Ensino Médio e Técnico Total: 11.029 Lotações: Etecs espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Professor de Ensino Superior Total: 3.285 Lotações: Fatecs espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Secretário Geral Total: 1 Lotação: Unidade de Ensino Superior Graduação.</p> <p>Função: Supervisor de Gestão Rural Total: 16 Lotações: Etecs espalhadas pelo Estado de São Paulo.</p> <p>Função: Técnico de Saúde Total: 4 Lotações: Etec Francisco Garcia, Fatec São Paulo e Etec Professor Edson Galvão.</p> <p>Função: Complementação Aposentadoria Total: 123 Lotações: Unidades espalhadas pelo Estado de São Paulo e Coordenadorias da instituição.</p> <p>Função: Vice Diretor de Fatec Total: 5 Lotações: Fatec José Crespo Gonzales, Fatec</p>		
--	--	---	--	--

		Professor de Wilson Roberto Ribeiro de Camargo, Fatec São Paulo, Fatec Jahu e Fatec Botucatu. Função: Vice-diretor Superintendente Total: 1 Lotação: Administração Central.		
LA2	Número total de taxa de rotatividade de empregados por faixa etária, gênero e região.	Não identificado.	O monitoramento da taxa de rotatividade dos funcionários.	Não identificado.
LA3	Benefícios oferecidos a empregados de tempo integral que não são oferecidos a empregados temporários ou em regime de meio período, discriminados pelas principais operações.	Os benefícios cedidos aos servidores (Auxílio-Alimentação, Auxílio-Criança, Auxílio-Funeral, Auxílio-Reclusão, Iamspe, Prevcom, Salário-Esposa, Salário-Família e Vale-Transporte) independem do tempo de trabalho (meio período ou integral).	Nenhuma.	Informações contidas na página do Departamento de Saúde Ocupacional e Benefícios, no site da Unidade de Recursos Humanos da instituição.

Aspecto: Relações entre os Trabalhadores e a Governança

Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
LA4	Percentual de empregados abrangidos por acordos de negociação coletiva.	O Sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza organiza propostas de acordo coletivo ao Centro, reivindicando atualização profissional, abono de faltas, CIPA, acompanhamento escolar, direitos dos filhos melhores, direitos da mãe trabalhadora, horário de banco, horário de estudante e mais.	Não foi possível identificar o percentual de empregados abrangidos pelos acordos de negociação coletiva propostos pelo sindicato.	Site do sindicato dos Trabalhadores do Centro Paula Souza (Sinteps).
LA5	Prazo mínimo para notificação com antecedência referente a mudanças operacionais, incluindo se esse procedimento está especificado em acordos de negociação coletiva.	Não identificado.	Não identificado.	Não identificado.

Aspecto: Segurança e Saúde no Trabalho

Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
LA6	Percentual dos empregados representados em comitês formais de segurança em saúde, compostos	Pelo menos 1 CIPEIRO por Unidade de Ensino. O Núcleo da Promoção de Saúde Ocupacional da instituição, instituí a Comissão Interna de	O aprimoramento das ações de saúde e segurança dos trabalhadores e programas de conscientização	Informações contidas na página do Núcleo da Promoção de Saúde

	por gestores e trabalhadores, que ajudam no monitoramento e aconselhamento sobre programas de segurança e saúde ocupacional.	Prevenção de Acidentes (Cipa) em todas as Unidades de Ensino, através de eleições, reuniões ordinárias, treinamentos ou SIPAT (Semana Interna de Prevenção de Acidentes de Trabalho).	sobre a importância da prevenção de acidentes de trabalho, bem como o controle do percentual dos empregados representados.	Ocupacional, no site da Unidade de Recursos Humanos da instituição.
LA7	Taxas de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos, absenteísmo e óbitos relacionados ao trabalho, por região.	Não identificado.	O monitoramento dessas taxas e transparência das informações.	Não identificado.
LA8	Programas de educação, treinamento, aconselhamento, prevenção e controle de risco em andamento para dar assistência a empregados, seus familiares ou membros da comunidade com relação a doenças graves.	1. Servidores administrativos e professores contratados por prazo indeterminado (celetistas) do Centro Paula Souza tiveram, em abril de 2021, a possibilidade de se inscreverem como contribuintes facultativos no sistema de saúde do IAMSPE.	Nenhuma.	Site do Centro Paula Souza.
LA9	Temas relativos à segurança e saúde cobertos por acordos formais com sindicatos.	Não identificado.	Não identificado.	Não identificado.
Aspecto: Treinamento e Educação				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
LA10	Média de horas de treinamentos por ano, por empregado, discriminadas por categoria funcional.	Não identificado.	O monitoramento da média de horas e transparência das informações.	Não identificado.
LA11	Programas para gestão de competências e aprendizagem contínua que apoiam a continuidade da empregabilidade dos funcionários e para gerenciar o fim da carreira.	1. O Centro Paula Souza conta com a Unidade de Formação Inicial e Educação Continuada (Ufiiec) que oferece Programas de Qualificação Profissional.	Nenhuma.	Site do Centro Paula Souza.
LA12	Percentual de empregados que recebem regularmente análises de desempenho e desenvolvimento de carreira.	O CPS conta com o projeto de Treinamento e Desenvolvimento (T&D), que promove treinamentos técnicos e materiais de desenvolvimento humano e organizacional. O	O controle do percentual de empregados que integram esses treinamentos técnicos e outros materiais.	Site do Centro Paula Souza.

		projeto de lei que institui o Plano de Carreiras dos Servidores Docentes e Técnico Administrativos do Centro Paula Souza foi aprovado em abril de 2008.		
Aspecto: Diversidade e Igualdade de Oportunidades				
Indicador	Descrição	Atuação	Sugestões de Melhorias	Fontes
LA13	Composição dos grupos responsáveis pela governança corporativa e discriminação de empregados por categoria, de acordo com gênero, faixa etária, minorias e outros indicadores de diversidade.	A governança da instituição é composta por: Laura Laganá, diretora-superintendente. Emilena Bianco, vice-diretora-superintendente. Mais da metade (53%) dos servidores administrativos e 43% do corpo docente são mulheres. Elas também estão à frente de quase metade (47%) das Escolas Técnicas Estaduais (Etecs) e são diretoras de 37% das Faculdades de Tecnologia (Fatecs) paulistas. O levantamento foi feito com base nos dados do Sistema Integrado de Gestão (SIG) da Unidade de Recursos Humanos (URH).	Manutenção das políticas de igualdade e equidade de gênero.	Portal da Unidade de Recursos Humanos do Centro Paula Souza.
LA14	Proporção de salário base entre homens e mulheres, por categoria funcional.	Por se tratar de um órgão público, todo salário é baseado em uma Tabela de Salários, não havendo diferença entre os gêneros homem e mulher.	Nenhuma.	Lei Complementar 1182/2012 - Tabela de Enquadramento do Emprego Público Permanente.

4. Resultados e Discussões

A partir da utilização dos indicadores de desempenho HR e LA, da GRI, para avaliar a instituição em referência aos aspectos de direitos humanos e de gênero, foi possível observar que com relação a análise estatística obtivemos resultados significativos, principalmente se tratando da promoção da igualdade de gênero entre homem e mulher no âmbito profissional. É possível verificar também o cuidado da instituição na valorização das personalidades do sexo feminino e em fortalecer, no ambiente de ensino e administrativo, discussões a respeito de igualdade de gênero, violência, carreira, empoderamento e valorização da mulher na tecnologia.

Nesse quesito, foi observado que o Centro Paula Souza garante cursos de áreas da tecnologia valorizando as professoras e incentivando cada vez mais a

presença do gênero feminino em ambientes, que, a muito tempo, foram considerados exclusivos “para homens”. Outro quesito importante se refere à questão salarial. Os salários na instituição são aplicados com base em uma tabela de cargos, portanto, não há desigualdade de valor nos salários entre homens e mulheres, quando desempenhada a mesma função.

Entretanto, foi possível analisar que, apesar de pública, a instituição não possui tanta transparência nas informações referentes a quantidade de horas investidas em treinamentos para os funcionários, tampouco cláusulas de direitos humanos entre seus stakeholders. Dentre outros aspectos, o monitoramento das taxas de rotatividade dos servidores e de lesões, doenças ocupacionais, dias perdidos, absenteísmo e óbitos relacionados ao trabalho, também não foi identificado.

Por ser uma organização que atinge aproximadamente 400 mil pessoas (incluindo alunos, professores e funcionários), mais campanhas de conscientização, como contra a discriminação, por exemplo, poderiam ser incluídas na instituição. Essas campanhas devem ser eventos pontuais, ou seja, que tratam de um determinado tema por certo período e, posteriormente, são finalizadas. Isso possui um grande impacto quanto ao engajamento com o público ao qual se destina e na melhora da imagem social da organização.

A responsabilidade social (modo de pensar e agir de forma ética nas relações) pode ser estudada e aplicada, repensando os comportamentos e condutas atuais para colocar em prática ações voltadas ao benefício da sociedade e meio ambiente, bem como manter um canal atualizado para informar os aspectos internos como práticas de investimento e de processos de compra, práticas de segurança, liberdade de associação e negociação coletiva, rotatividade e treinamento de funcionários.

5. Considerações Finais

Entendendo que para um país se desenvolver cada vez mais, é necessário que exista certo investimento em educação, seja incentivada a criação de empregos, a ética seja promovida e entre outros fatores que influenciem positivamente a população, é importante que os gestores saibam como administrar e controlar os seus recursos, e, para isso, as instituições precisam buscar manter e desenvolver uma administração de qualidade, com o foco no bem-estar físico e mental das pessoas.

Com base nos estudos levantados no decorrer da pesquisa a respeito da desigualdade de gênero no Brasil, foi possível verificar que na graduação apenas 13,3% dos alunos de computação, tecnologia da informação e comunicação (TIC), são mulheres, isto é, as mulheres são minoria em cursos de graduação nas áreas ligadas às ciências exatas. Com relação aos cursos como serviço social e outros na área de bem-estar, a participação feminina nas matrículas foi de 88,3%, em 2019. Tratando-se de duas áreas tradicionais, direito e medicina, as mulheres também constituíam uma maioria das matrículas de graduação, embora por margens mais estreitas, respectivamente, 55,2% e 59,7%, conforme expõe o documento

“Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil”, do IBGE, que analisa as condições de vida das mulheres no Brasil.

A relação da parte teórica dessa pesquisa com os dados obtidos no estudo de caso, foi, em um primeiro momento, trazer o diálogo como parte de uma prevenção da violência contra a mulher e outras minorias, através da divulgação do conhecimento científico e valorização da diversidade humana, não só sexual, mas também racial e social, bem como fomentar o diálogo entre papéis de gênero e sociedade e conceituar a história do empoderamento feminino, no decorrer da história do Brasil e no mundo.

Na análise dos aspectos da GRI efetuada no Centro Paula Souza, foi possível experienciar maior facilidade na identificação dos aspectos LA (*labor*) da GRI, como com relação a diversidade do público interno da instituição, e certa dificuldade na identificação dos aspectos HR (*human rights*). Para isso, foi sugerida uma gestão transparente com maior facilidade na identificação das informações públicas e responsabilidade social, tendo em vista o grande número de pessoas que a instituição atinge no Estado de São Paulo.

6. Referências

CAMARGO, Thais Medina Coeli Rochel de. **O discurso do feminismo brasileiro sobre o aborto**. Monografia. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 2009.

CENTRO PAULA SOUZA. **Sobre o Centro Paula Souza**. Disponível em: <https://www.cps.sp.gov.br/>. Acesso em: 25 jul. 2021.

COLLINS, Patricia Hill. **Intersectionality as Critical Social Theory**. Duke University Press, 2019.

Edições Centelha e Edições ISKRA, **Trotsky à Revista Liberty nos Estados Unidos**, 1933.

GOLDSTEIN, Betty Naomi. **The Feminine Mystique**. WW NORTON & CO, Nova York, 1963.

GOLDMAN, Wendy. **Mulher, Estado e revolução**. São Paulo: Boitempo, 2014.

HOOKS, Bell. **Ensinando a Transgredir - A Educação como prática de liberdade**. São Paulo: Martins Fontes, [1994] 2013.

Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística - IBGE. **Estatísticas de Gênero - Indicadores sociais das mulheres no Brasil**. Brasil, 2021.

LOURO, G. L. **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica, 2000.

MARQUES, Teresa Cristina de Novaes. **Bertha Luz**. Perfis Parlamentares. Brasília: Câmara dos Deputados, 2016.

ORNAT, M. J. **Sobre espaço e gênero, sexualidade e geografia feminista**. Terr@Plural, v. 2, n.2, p. 309 322, 2008.

Organização das Nações Unidas. **Agenda 2030**. Nova York, 2015.

PEDRO, Joana Maria. Traduzindo o debate: **o uso da categoria gênero na pesquisa histórica**. Revista História, São Paulo, v.24, N.1, P.77-98, 2005.

TELLES, Vera da Silva. **Direitos sociais afinal do que se trata?** Belo Horizonte. UFMG, 1999.

WOLLSTONECRAFT, Mary. **Reivindicação dos direitos da mulher**. Motta, Ivania Pocinho. São Paulo: Boitempo, 2016.

ZETKIN, Clara. **“Relatório para o congresso de Gotha”**, 1896. In Ausgewählte Reden und Schriften. 3 vols. Berlim (R. D. A.): Dietz Verlag, 1957-60, T. 1, p. 103-5.

O fenômeno das microcervejarias na região da Serra da Mantiqueira: Mapeamento das cervejarias

The phenomenon of microbreweries in the Serra da Mantiqueira region: Mapping breweries

Ana Beatriz Rezende Andreucci, Victor Ragazzi Isaac, Fernando Marcos de Oliveira, Breno Koci Guelssi

Centro Universitario Senac Campos do Jordão
Tecnologia em Gastronomia

beatrizandreucci@gmail.com, victor.risaac@sp.senac.br, fernando.moliveira@sp.senac.br,
breno.gvieira@sp.senac.br

Resumo. No Brasil, a comercialização da cerveja é datada desde a colonização do território nacional. No século XX, este mercado foi dominado por grandes empresas do setor. Todavia, nas últimas décadas, observa-se um crescimento das microcervejarias – cervejarias que produzem cervejas artesanais e em pequena escala-, em especial em cidades turísticas. Portanto, o objetivo deste artigo é compreender os fatores que fazem essas cidades serem as regiões com maior concentração de microcervejarias. O levantamento de dados, feito por um estudo de casos múltiplos com três microcervejarias presentes na Serra da Mantiqueira, gera resultados que serão comparados com a teoria, fundamentada antes, que defende que as microcervejarias criam uma aliança estratégica junto à rede de empresas da cidade turística, resultando em uma vertente do turismo recente, o turismo cervejeiro. Como conclusão, acreditamos que as microcervejarias nessa região gera benefícios mútuos, atrelados a uma evolução econômica e social para o segmento turístico enquanto o mercado cervejeiro ganha vantagem competitiva e mais visibilidade à marca.

Palavras-chave: Microcervejarias, Serra da Mantiqueira, Turismo, Rede de Cooperação, Inovação.

Abstract. In Brazil, the commercialization of beer dates back to the colonization of the national territory. In the 20th century, this market was dominated by large companies in the sector. However, in recent decades, there has been a growth of microbreweries – breweries that produce craft beers on a small scale-, especially in tourist cities. Therefore, the aim of this article is to understand the factors that make these cities the regions with the highest concentration of microbreweries. The data survey carried out by a multiple case study with three microbreweries present in Serra da Mantiqueira generate results that will be compared with the theory, founded above, which defends that microbreweries create a strategic alliance with the network of companies in the tourist city, resulting in a recent aspect of tourism, beer tourism. In conclusion, we believe that microbreweries in this region generate mutual benefits, linked to an economic and social evolution for the tourist segment while the beer market gains a competitive advantage and more visibility for the brand.

Key words: Microbreweries, Serra da Mantiqueira, Tourism, Cooperation Network, Innovation

Introdução

A cerveja é a bebida alcoólica mais consumida no mundo, bem difundida no Brasil, está presente na vida de 99% dos brasileiros (DELIBERALLI, 2015). No Brasil, o consumo e a venda de bebidas vêm sofrendo uma grande mudança, devido ao público adepto a bebida buscar cada vez mais inovação e variedade (RAMOS, et al. 2019).

Por isso, há cada vez mais microcervejarias surgindo e trazendo consigo esse desejo do público-alvo e competitividade para esse setor. Elas também são responsáveis por deixar cidades mais atraentes para o turismo, criar empregos e acabar com mercado monótono oferecido para o consumidor (ALVARENGA, 2018). Com isso, nota-se que esse é um fenômeno cada vez mais difundido, que precisa ser estudado e explorado.

O mercado cervejeiro iniciou-se no país com a chegada das colônias europeias, época em que o produto era importado ou feito de forma caseira pela população (SILVA, et al. 2016). No início, a cerveja era domínio dos ingleses, o que perdurou até o século XIX (COELHO-COSTA; PORTUGUEZ, 2015). O século XX é dominado pelas grandes empresas, como a Ambev no Brasil, que detém atualmente em média 98% da venda, apresentando uma condição de oligopólio (LIMBERGER ÀVILA, 2018).

No entanto, o mercado das pequenas empresas, representado pelas microcervejarias, que possuíam 1,6% do mercado, vem ganhando proporção nos últimos anos, sendo que em apenas três anos houve um crescimento de 91%. Atualmente, há mais de 600 microcervejarias, concentradas na sua maioria no sul e sudeste do país (ALVARENGA, 2018).

Vista como uma pequena ou micro empresa, é essencial para as microcervejarias se inserirem nas redes de negócios locais por meio de uma boa qualidade de relacionamento desenvolvida junto aos parceiros. Uma vez que isso gera benefícios mútuos: para a empresa um fornecimento de qualidade garantida e para os fornecedores a garantia de fidelidade (SEBAN, et al. 2002).

Além do que, ter alianças estratégicas é ter um pensamento inovador. Junto a isso vem uma rede de cooperações entre os envolvidos, redução de custos e maiores chances de se manterem e crescerem no mercado (GOMES; CALLADO, 2017).

Ademais, as microcervejarias também desenvolvem um papel importante no turismo local, pois alimentos e bebidas também são incentivos importantes para o setor (COSTA, 2019). Esse nicho é conhecido como turismo cervejeiro, que está incluso na categoria de turismo gastronômico. Diante disso, Schluter (2003) defende que essa atividade permite os visitantes interagirem com a cultura e hábitos locais de modo único.

No país, esse segmento vem ganhando espaço nos últimos anos, mas em outros países já há um turismo cervejeiro consolidado, como os Estados Unidos, Alemanha e Bélgica (BUJDOSÓ; SZUCS, 2012). Os principais estados contemplados por esse nicho: São Paulo, Rio de Janeiro, Minas Gerais (regiões que formam a Serra da Mantiqueira) e Santa Catarina. Um exemplo desse turismo é o evento que ocorre no sul do país, a *Oktoberfest* e o Festival Brasileiro da Cerveja.

Essa especificidade de turismo é considerada promissora e, segundo Plummer (2005, p.5), o turismo cervejeiro é definido como o turismo motivado pela vontade do

viajante de conhecer alguma cervejaria, algum festival ou *tour* ou degustações em fábricas de cerveja.

Complementa-se a essa definição a conceituação mais abrangente feita por Jablonka et al (2013) que afirma que essa modalidade de turismo não depende apenas da finalidade pela bebida e sim pelo resultado final causado pela conjuntura da experiência gastronômica, degustação de cervejas e a vivência nas fábricas de cerveja e suas histórias.

Contudo, na perspectiva acadêmica, há um amplo estudo sobre o setor cervejeiro, e nos últimos anos há também estudos (ex: MEGA, et al. 2011; SANTOS, et al. 2013; RODRIGUEZ GOIA, LAGO PEREIRA CHAVES 2017; LOPES, MORALES, MONTAGNOLLI 2017; MATOS, et al. 2011) voltados para as microcervejarias, mas que ainda não são suficientes para compreender esse segmento e preencher a lacuna literária que há em relação à compreensão mais profunda sobre as estratégias adotadas pelas microcervejarias para conseguirem obter vantagem competitiva perante os concorrentes.

Com isso, o objetivo desse artigo é compreender os fatores que fazem as cidades turísticas serem as regiões com maior concentração de microcervejarias artesanais. Destacamos que na região do Vale da Mantiqueira tais cidades (ex. Campos do Jordão) configuram como sede de diversas microcervejarias. A partir disso se torna possível obter um estudo mais aprofundado sobre os atuantes desse segmento e, conseqüentemente, um perfil traçado sobre eles.

Esse artigo traz contribuições para a academia, pois poderá ser utilizado como referência para estudos futuros focados em compreender melhor o papel do *trade* turístico local para as microcervejarias. Por outro lado, este estudo traz também contribuições gerenciais, ao passo que os gestores poderão se utilizar do mesmo para que consigam entender mais sobre o segmento que atuam e dessa forma desenvolver mais estratégias para o crescimento de seus empreendimentos, além de ajudar na compreensão mercadológica dos seus concorrentes.

1. Revisão de Literatura

Oligopólio, palavra destinada ao mercado que se encontra com seu poder detido na mão de poucas empresas, em relação as outras empresas existentes nesse nicho. Essa palavra representa a realidade do mercado cervejeiro no Brasil em relação a coexistência das microcervejarias no país. Limberger, Ávila (2018) traz fatos que sustentam esse argumento:

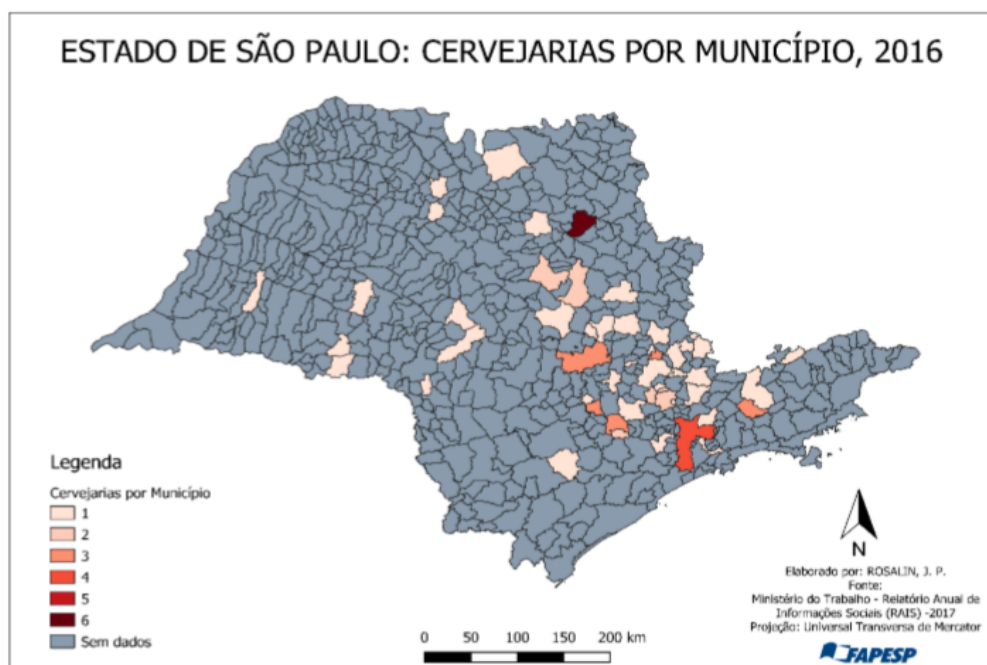
O mercado cervejeiro nacional apresenta-se em condição de oligopólio: em 2014 era controlado pela AB InBev por meio de sua subsidiária Ambev na América Latina, a qual detinha quase 70% do mercado; seguida pela cervejaria Petrópolis – de capital nacional, com 11,3%; da Kirin Brasil com 10,8% e da Heineken com 8,4%, somando 98,4%. A cota de 1,6% desse mercado é referente às empresas marginais. Na indústria cervejeira, as empresas marginais são as microcervejarias fabricantes de cervejas de alto valor agregado e as cervejarias regionais, as quais produzem cerveja de baixo custo para fazer concorrência às cervejas mais baratas dos grandes grupos, sobretudo, no mercado regional.

Apesar desse mercado apresentar esse *status* atualmente, nem sempre foi assim. Antigamente havia apenas as cervejas importadas e as cervejas caseiras, denominadas artesanais. Isso se dá porque a cerveja chegou ao Brasil por volta do século XVII junto a colonização dos holandeses, no entanto, ela ficou extinta a partir do momento em que os holandeses foram expulsos do país e só reaparecem com o contrabando ou então com a chegada da família real portuguesa. Durante esse período, o domínio do mercado ficou nas mãos dos ingleses, o que durou até o século XIX; em paralelo, havia imigrantes produzindo cerveja artesanal no país (COSTA, 2019).

As microcervejarias tiveram início com produtores caseiros e começaram a ganhar mercado na década de 90; se diferenciavam por produzirem produtos diferentes das cervejas *mainstream* - denominação dada para as cervejas produzidas em grande escala e de fácil acesso -, e em pequena quantidade. Segundo Olivier (2012), para esses estabelecimentos serem considerados microcervejarias, é necessária uma produção de até 200 mil litros de cerveja por mês.

Esses estabelecimentos estão contidos em seis estados brasileiros, sendo São Paulo o segundo estado com mais fábricas; outro dado encontrado é de que o número de microcervejarias cresceu mais de 400% em 3 anos. Apesar de São Paulo ser o segundo nessa estatística, ele é o primeiro quando se considera a demanda de consumo. Pode-se observar a distribuição de microcervejarias por municípios em São Paulo, sendo que o Vale da Mantiqueira e Vale do Paraíba também aparecem nesse mapa (ROSALIN, 2019). Na Figura 1 apresentamos a distribuição das microcervejarias do estado de São Paulo.

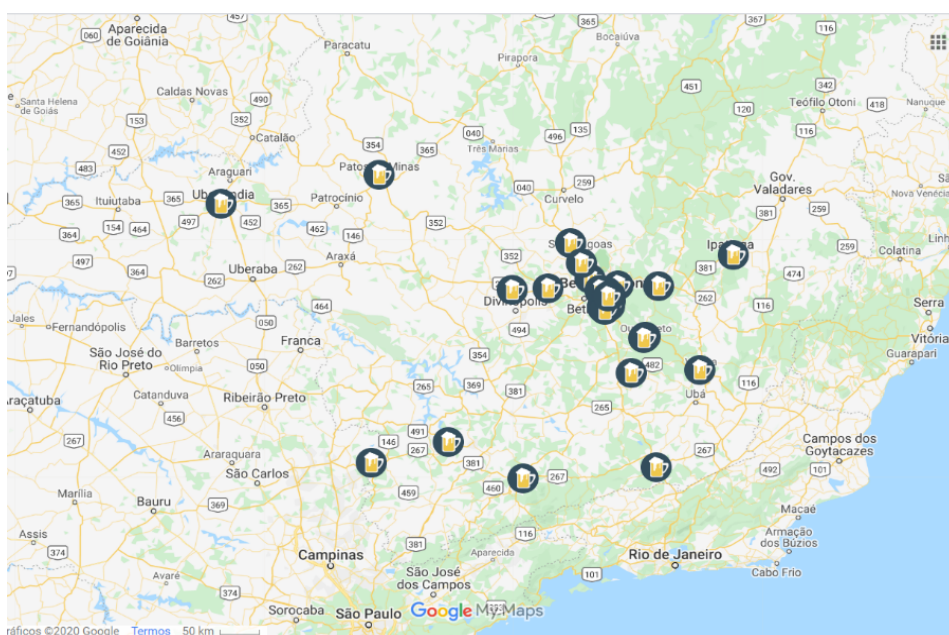
Figura 1: Distribuição das microcervejarias em São Paulo



Fonte: ROSALIN (2019)

São Paulo está entre os estados com mais fábricas e microcervejarias, junto a ele está também Minas Gerais, estado que possui 41 cervejarias artesanais e mais 30 que não possuem fábrica própria, e havia previsto um crescimento de 14%, estimativa para 2017. Segundo Fabiana Arreguy, sócia da Academia Sommelier de Cerveja, há quem a considere a Bélgica brasileira por conta da criatividade dos mestres cervejeiros o que se assemelha aos produtores europeus. Quando se fala de volume de produção, Minas Gerais está na frente apenas de outros três estados, como Santa Catarina (AYER, 2017). Na Figura 2 apresentamos o mapa das principais cervejarias artesanais do estado de Minas Gerais.

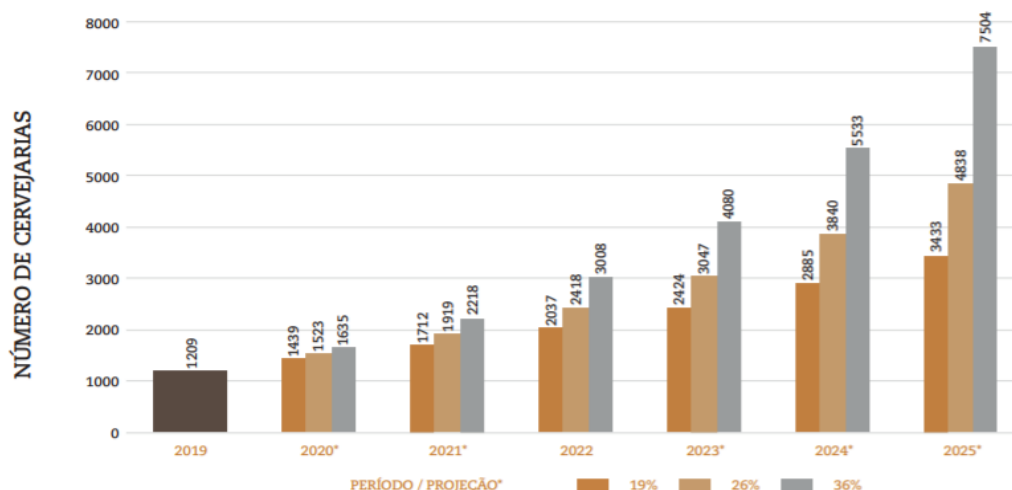
Figura 2: Mapa com as principais cervejarias artesanais de Minas



Fonte: Ayer (2017)

Apesar desse nicho artesanal já ter crescido de 12% para 15% no ano de 2016, o Instituto da Cerveja Brasil (ICB) tinha expectativa desse índice dobrar até o ano de 2020 e junto a esse crescimento vir crescentes contratações nas produtoras de cerveja. Segundo dados do Cadastro Geral de Empregados e Desempregados (CADEG), as fábricas geram mais de 700 novas vagas de trabalho nesse período. A seguir o Gráfico 1 apresenta a expectativa de crescimento do setor.

Gráfico 1: Expectativa de crescimento



Fonte: Anuário da cerveja 2019

Os motivos que levam à ascensão do *Craft-Brewing*, termo destinado a esse segmento cervejeiro, segundo Ramos, Pandolfi (2019) são o hobby fanático pela cerveja, o potencial de crescimento desse nicho e a curiosidade pela produção da bebida. Com isso, muitos resolveram investir em seus passatempos, o que fez com que a competitividade fosse alta, resultando num setor com diversas variedades de preços e estilos de cerveja, focado em sempre superar os concorrentes e entregar um produto único e de qualidade para o cliente.

Já considerando esse cliente, o que fez ele aderir cada vez mais a esse setor *homebrewing* – denominação dada para a produção de cervejas artesanais e em pequena escala –, do mercado cervejeiro foi a oportunidade de sair da mesmice oferecida pelas opções limitadas e já conhecidas das *mainstream* – denominação dada para as cervejas produzidas em grande escala e de fácil acesso –; um exemplo é o estilo mais disseminado, o pilsen. Para que isso fosse possível, a condição primordial para esse cliente foi o aumento da sua renda.

Desse modo, o consumidor entende que pode se posicionar de maneira mais exigente, como demonstra Ramos, Pandolfi (2019) “a competitividade começa quando o consumidor entende que pode ser mais exigente em relação ao que consome. E até os indivíduos que se encontram fora da classe social que é determinado como o público-alvo desse produto, estão dispostos a investir o seu dinheiro em bebidas mais sofisticadas.”

Concluí-se, portanto, que o mercado atualmente é ainda um oligopólio dominado pelas empresas de massa. Em contrapartida, as *homebrewing* vêm crescendo mais a cada dia, desde a década de 90, e com isso vêm permitindo que as cidades onde estão localizadas as fabricas se desenvolvam mais por conta dos empregos gerados. Além disso, os consumidores possuem mais opções de escolhas cada vez mais abrangentes e diversificadas, fazendo com que fiquem mais exigentes, gerando um mercado cada vez mais competitivo.

Quando se fala de microcervejarias, há dois pontos muito importantes no aspecto teórico desse novo segmento para o mercado cervejeiro que são: a qualidade de

relacionamento entre parceiros e empresas da rede de negócios, e o turismo e sua rede de negócio.

Em relação ao primeiro tópico, pode-se dizer que os estudos sobre qualidade no relacionamento entre cliente e fornecedor são recentes, pois até a década de 80 essa interação era considerada apenas uma relação estritamente comercial (DEL CORSO, et al. 2005). No entanto, com o passar do tempo, a globalização na economia gerou cada vez mais concorrência entre as empresas em todos os setores, afinal as possibilidades de parcerias aumentaram à medida que não se havia apenas as empresas perto de sua localidade como opção; a globalização expandiu o raio de alcance das pessoas e as empresas que atendiam suas necessidades. O mercado começou a ser direcionado pela demanda ou invés da oferta (VANALLE, 2011). Levando em conta isso, os fornecedores buscavam cada vez mais aumentar seus níveis de desempenho, elevando sua qualidade na entrega para seus parceiros (SOUZA, et al. 2005). Dessa forma, os benefícios eram uma via de mão dupla, essa confiança gerava fidelidade, o que permitia uma vantagem sólida contra os ataques da concorrência com mais vantagens competitivas nos nichos de mercado. Uma vez que as empresas confiavam no serviço e matéria-prima de seus fornecedores já usuais do que em um estranho, que poderia ter acabado de entrar no mercado (SEBAN, et al. 2002).

Na década de 50 surgiu o conceito empresarial chamado gerenciamento da cadeia de suprimentos (SCM), junto ao aumento da complexidade dos processos da cadeia de produção (CAMELO, et al. 2010). Esse conceito permite o gerenciamento de toda essa cadeia de produção e envolve desde a relação dos fornecedores, clientes e matéria prima até a entrega do produto para o destinatário, o que ocorre independente do setor.

Sob a perspectiva do SCM, o conceito mais recente de fornecedor traduz-se como uma pessoa física ou jurídica, que presta algum serviço ou mercadoria para o cliente por meio de prestação de serviço, pertencendo a uma rede de cooperação junto aos envolvidos na cadeia logística. Essa aliança logística resulta numa grande importância na economia atual, porque diferente da relação focal, simples relação de fornecedor e prestação de serviços, ela permite uma visualização mais ampla das empresas, otimizando processos das cadeias que integram todo aquele negócio (CAMELO, et al. 2010).

As alianças estratégicas também são consideradas alternativas organizacionais inovadoras, uma vez que proporcionam a complementação de recursos, redução de custos e a chance de ampliar seu mercado. No entanto, é indispensável o gerenciamento de conflito nessa parceria, pois gera um desgaste menor nessa relação e um rendimento maior (PREUSLER, et al. 2020).

Com todos esses fatores atrelados às micro e pequenas empresas (MPE), identifica-se que é ainda mais importante ter relações de qualidade, seja com fornecedores ou empresas parceiras. Isso porque há uma desigualdade ainda maior na concorrência se levarmos em consideração o fato de ser uma empresa com uma escala de produção menor e baixo volume de compras, o que impede uma negociação mais benéfica com fornecedores. Portanto, para se "igualar" com as empresas de grande porte é preciso fazer com que se diferencie das outras empresas, e umas das formas para que isso se dê é com o engajamento nas redes horizontais de cooperação, lhes permitindo a

sobrevivência e a organização para a competitividade em vários níveis. Segundo estudos, as MPE que são adeptas a essa cooperação indicam desempenho organizacional superior aos não adeptos (GOMES; CALLADO, 2017).

O outro tópico relacionado com o nicho das cervejarias artesanais e de extrema importância para o desenvolvimento dessas empresas é o turismo e sua rede formada com os negócios locais.

O turismo é uma atividade formada por um “agrupamento de setores”, fazendo com que mantenha uma rede de negócios com os demais, pois isso é essencial para a evolução econômica e social desse segmento. Um exemplo dessa dependência e relação é o papel do turismo para o setor público e privado; o turismo gera uma movimentação de capital permitindo o aumento no processo de urbanização daquela região (DA SILVA, et al. 2020). Para entender como funciona o turismo e sua rede de negócios é preciso estudar todo o sistema do qual faz parte, por conta da causa e efeito envolvendo essas variáveis. Não há como estudar apenas uma célula isolada do sistema, e sim a sua totalidade. Esse argumento é embasado na Teoria Geral de sistemas (BENI, 2019).

Essa dependência entre as variáveis do sistema também pode ser vista como uma rede de cooperação para garantir um lugar no mercado. Teixeira, et al. (2010, p. 3) defende essa ideia de consolidação por cooperação, usando como objeto de estudo a rede hoteleira:

“A formação de redes de cooperação entre empresas que compõem a rede turística e as que integram o setor hoteleiro permite, especialmente aos hotéis, obter vantagens competitivas, tornando-os mais eficientes e facilitando o alcance de seus objetivos. Redes são formas articuladas e permitem que empresas distintas trabalhem mutuamente de maneira organizada.”

Um fator crítico e fundamental para o turismo é a inovação, essencial para o alcance de vantagens na competição por turistas contra outros destinos. Além da luta diária com as constantes mudanças sociais e econômicas, para tal dinâmica é necessária uma rede de negócios para obter um fluxo de conhecimento que garante laços internos e externo entre o setor de turismo e os demais para que haja um sucesso e crescimento dos setores (ZACH; HILL, 2017).

Outra questão que, a princípio é algo positivo, é a instalação de um setor turístico nas pequenas populações, mas que também significa alteração em seus hábitos e cultura, uma vez que há um contato próximo com estrangeiros e suas culturas particulares. Por isso é necessário manter a conscientização dos cidadãos sobre os prejuízos que essa exposição da sua cultura e seu patrimônio, que é a cidade contemplada por recursos naturais ou patrimônios históricos. Além de ensiná-los a como se envolvem e recebem essas novas pessoas, ou seja, ajudar essa população a desenvolver essa capacidade de recursos humanos (RENNÓ, TEIXEIRA, 2007).

Ante o exposto, nota-se que uma rede de negócios envolvendo turismo é uma teia de elementos que são dependentes e influenciadores entre si, permitindo que o local designado se desenvolva e junto a isso haja uma troca de cultura e de experiências entre moradores e turistas. A partir disso, o local pode desenvolver diversos tipos de turismo como o turismo cervejeiro que permite o desenvolvimento da economia local e o reconhecimento daquela região por conta daquela atividade. Desse modo, o

turismo tem cada vez mais perfis turísticos diferentes para explorar e mais economias se desenvolvendo seja isoladamente ou em conjunto.

Sendo ele o turismo cervejeiro, o diferencial é que esse nicho é novo, com forte tendência de crescimento no Brasil e pouco explorado ainda, sendo uma herança do turismo cultural (COSTA, 2019).

2. Metodologia

Segundo Prodanov e Freitas (2013), é necessário obter métodos corretos e abrangentes para conseguir construir um conhecimento e com isso defender a validade da sua argumentação através de observações, descrições e pesquisas de campo. Com isso pode-se dizer que este trabalho apresenta uma pesquisa abrangente que corresponde a pesquisa qualitativa, baseada na técnica metodológica de estudo de caso múltiplo.

Nesta pesquisa observamos o fenômeno das microcervejarias na região da Serra da Mantiqueira, realizando um mapeamento das cervejarias artesanais. Assim, temos como objetivo obter um estudo mais aprofundado sobre os atuantes do segmento de microcervejarias do mercado cervejeiro, com ênfase no nicho localizado na região turística de Campos do Jordão, que dispõe da maior concentração de microcervejarias artesanais.

Ademais, este trabalho se caracteriza como qualitativo, pois segundo (PRODANOV, FREITAS, 2013) uma análise qualitativa implica vários fatores como dados coletados, a extensão de amostra e estimativas teóricas que orientam a análise em questão. Esse método prioriza a compreensão desse fenômeno social, abordando a perspectiva dos protagonistas desse fenômeno (SILVESTRE, et al, 2020). Esse segmento também tem o papel de fazer avaliações qualitativas a partir dos resultados de estudo de casos, estratégia que procura compreender de maneira completa um fenômeno social, no caso deste as microcervejarias na Mantiqueira (MARTINS, ANDRADE, 2008).

Esse trabalho é configurado também como um estudo exploratório, pois essa tipologia é usual em pesquisas que tem como objetivo explorar temas ainda pouco estudados (SAMPIERI et al., 1991, p. 59), o que ocorre com as microcervejarias na Serra da Mantiqueira. Além disso, auxilia na identificação de relações potenciais entre variáveis. Para que ocorra esse estudo com sucesso é necessário que a flexibilidade seja uma característica importante, desse modo o pesquisador é capaz de identificar as inter-relações entre informações adquiridas e assim buscando novas ideias (RÉVILLION, 2003).

Junto a isso realizamos também o estudo de casos múltiplos, que possuem um enfoque holístico, portanto necessita de uma lógica de replicação, soma uma rica estrutura teórica, para acontecer e ser bem sucedido (YIN, 2001, p 68). Essa técnica é aplicada no momento que se seleciona cada caso (microcervejaria) e o analisa de maneira a identificar resultados semelhanças ou diversos em relação aos outros casos (MARTINS, ANDRADE, 2008).

Ademais, os dados levantados no trabalho possuem duas origens: dados primários e secundários. Os primários são provenientes de entrevistas feitas com gestores de três microcervejarias atuantes da região da Mantiqueira. A cervejaria Campos do Jordão, localizada no bairro do Capivari em Campos do Jordão, é uma cervejaria fundada há

oito anos e que está localizada na Serra da Mantiqueira há dois anos e surgiu de uma sociedade de amigos que tinham o hobby de produzir cerveja. Ela possui uma produção de 30 mil litros por mês, sendo esse volume dividido entre seus sete rótulos além das sazonais. Junto a essa cervejaria, a outra localizada na mesma cidade estudada é a Gard Cervejaria, fundada em 2005 e surgiu da vontade de produzir a melhor experiência cervejeira para seus visitantes e consumidores. Atinge uma produção mensal de 2000 litros dentre seus três rótulos fixos e diversos sazonais. Por fim, a terceira cervejaria é a Carijó e está localizada em Santo Antônio do Pinhal e foi fundada há três anos incentivada pela vontade de trabalhar com cerveja. Atualmente possui oito rótulos que são responsáveis por uma produção mensal de 1000 litros. Já os dados secundários foram compostos por artigos acadêmicos que abordam sobre o tema, provenientes de revistas e periódicos brasileiros e internacionais.

Ademais, para execução desse estudo, foi desenvolvido um questionário estruturado para ser aplicado junto aos gestores de microcervejarias da região analisada. O questionário (anexos 1 e 2) foi baseado e adaptado a partir de Drago (2019). A aplicação se deu junto aos gestores entre os meses de agosto e novembro de 2020, por meio digital (e-mail), devido à pandemia. As microcervejarias localizadas na região de Campos do Jordão são: Caras de Malte e Gard Cervejaria. Já na região do estado de Minas Gerais está localizada Cervejaria 3 Orelhas, ZalaZ, Wals, Gorillaz, Krug Bier e Cervejaria Kud.

Há também a parte do estudo descritivo, utilizada para pesquisas que pretendem relacionar variáveis e investigar a relação de causalidade entre as variáveis e o fenômeno para garantir bons resultados (FONSECA, 2002). Isso garante uma ampla visão sobre o assunto e permite determinar sua natureza sem necessariamente explicar os fenômenos, ainda que usem deles como base para justificar tal explicação (VERGARA, 2000).

O levantamento das informações sobre as microcervejarias e mapeamento delas deu origem a um material contendo os nomes, locais e quantidades de microcervejarias na região, material que ainda não foi desenvolvido por conta do estudo raso desse tema na região.

3. Resultados e Discussão

As empresas entrevistadas (Cervejaria Gard, Cervejaria Carijó e Cervejaria Campos do Jordão) responderam que o fato de estarem localizados em uma região turística é essencial para o desenvolvimento de seus negócios e promoção de seus produtos, uma vez que a diversidade de pessoas que frequentam a cidade permite que haja um amplo público que está cada dia mais aprendendo a degustar uma boa cerveja com um bom prato. Junto a isso o fato do modelo de negócio ser focado em venda direta e, conseqüentemente, haver um maior número de clientes e mais visibilidade do produto. "Com o turismo conseguimos mais visibilidade do produto e valorizamos a região na qual estamos." (Jane, Cervejaria Carijó, 2020); "A importância, é a diversidade de pessoas que frequentam a cidade; para o ramo de turismo cervejeiro, focamos no público que está cada dia mais apreciando a cerveja e sua variedade de estilos, e ainda atrelado com a alta gastronomia; esse público está aprendendo a degustar uma boa cerveja com um bom prato, sendo um mercado que está sendo muito procurado no Brasil atualmente." (Marcio, Cervejaria Campos do Jordão, 2020).

Essas respostas permitem consolidar a ideia de Francioni (2012), que defende que as cervejarias artesanais ganham destaque por serem autênticas em oposição às cervejas produzidas em grande escala; bem como sua relação com a cidade localizada permitindo que o visitante interaja com a comunidade local. Além disso, destaca-se a importância de ter a atividade turística como aliada comercial (GIMENES-MINASSE, et al, 2016).

As microcervejarias estudadas apresentaram também seus respectivos parceiros, os quais são restaurantes, na maioria, mercearias, revendedores e até mesmo outras cervejarias artesanais. Esse último caso se mostra como um exemplo de que as empresas criam alianças estratégicas até mesmo com empresas do mesmo setor, como foi demonstrado pelo Fabio, sócio da Cervejaria Gard (2020) "Temos parcerias informais locais com alguns clientes (Restaurante Dona Chica, Sto. Emporio do Pinhal e Empório Reserva da Serra), também temos parcerias com outras cervejarias da região como Caras de Malte, 3 Orelhas e Zalaz." Com isso percebe-se que existem redes de cooperação e alianças estratégicas (entre setores distintos e relações internas entre empresas do mesmo ramo) e que essas possuem uma importância econômica local, permitindo a otimização de processos das cadeias que integram aquele negócio. (SEBRAE, 2017)

Por conseguinte, destacamos que os resultados consolidam a literatura existente acerca da importância do turismo para que o surgimento de microcervejarias ocorra nestes locais. Isso se dá devido à literatura apontar que as microcervejarias criam alianças estratégicas junto à rede de empresas da cidade turística, ou seja, uma rede de cooperação que possui uma importância econômica local, permitindo a otimização de processos das cadeias que integram aquele negócio, complementação de recursos e a geração de uma alternativa organizacional inovadora. Assim, as parcerias locais com empresas voltadas ao *trade* de turismo dessas cidades acabam não só favorecendo acesso a novos clientes, como também auxiliando na agregação de valor do produto, ao passo que possibilitam o acesso a fornecedores de produtos e serviços locais, que muitas vezes são diferenciados daqueles utilizados pelas *mainstream* (VARELA et al., 2021). Ademais, além da criação de uma vertente do turismo, recente no país, o turismo cervejeiro que permite os visitantes interagirem com a cultura e hábitos locais atrelado a uma experiência gastronômica em cervejarias.

4. Conclusões

De acordo com o que foi apresentado nesta pesquisa, as microcervejarias são um nicho do setor cervejeiro que vêm ganhando destaque desde a década de 90 e a partir disso ganhando cada vez mais espaço no mercado. De modo que ofereça um produto que se sobressaia ao oferecido pelo oligopólio das *mainstream*, nome dado as grandes empresas comerciais nacionais e internacionais. Para isso é de extrema importância que a localidade dessas cervejarias seja em cidades turísticas e que possuam alianças estratégicas e redes de cooperação com empresas locais turísticas a fim de otimizar processos, obter uma vantagem competitiva em relação aos seus concorrentes.

O foco desta pesquisa foi compreender melhor como funciona esse segmento do mercado cervejeiro e o novo fenômeno que ocorre com as microcervejarias na Serra da Mantiqueira e suas consequências para o mercado e para a cidade localizada. Além de preencher a lacuna literária referente a esse tema para que próximos estudos

tenham mais embasamento para se fundamentar, ou seja, este estudo contribuirá para a academia e para fins gerenciais de empreendimentos do setor cervejeiro.

Como conclusão, acreditamos que o surgimento das microcervejarias na região turística da Serra da Mantiqueira gera benefícios mútuos, atrelado a uma evolução econômica e social para o segmento turístico enquanto o mercado cervejeiro associado a produtores locais cria uma relação além da focal resultando em produtos exclusivos, vantagem competitiva, agregação de valor e mais visibilidade à marca.

Logo, este artigo traz muitas contribuições, mesmo que tenha ocorrido no momento de pandemia, o que gerou uma redução na quantidade de empresas pesquisadas e foi um empecilho para que acontecesse mais visitas presenciais nesses locais. Conforme dito, ele contribui para a academia de maneira que poderá ser utilizado como referência para estudos futuros focados em compreender melhor sobre o papel do contexto local para as microcervejarias ou relacionados a evolução desse segmento com o passar dos anos. Além das contribuições gerenciais uma vez que os gestores do ramo poderão se utilizar do mesmo para que consigam entender mais sobre o segmento que atuam e dessa forma desenvolver mais estratégias para o crescimento de seus empreendimentos, além de ajudar na compreensão mercadológica dos seus concorrentes. Contudo houve limitações que impediram que a presente pesquisa desenvolvesse todo seu potencial, uma vez que não foi possível realizar a pesquisa de campo presencialmente, mas apenas no formato remoto. Com isso não foi possível embargar as coincidências e diferenças visuais, geográficas e operacionais dos casos estudados. Além disso, o fato do estudo ser qualitativo não permite com que consiga representar toda a comunidade cervejeira. Por conseguinte, fica como sugestão para futuros estudos do ramo pesquisas quantitativas.

5. Referências

ALVARENGA, Darlan. **Número de cervejarias no Brasil quase dobra em 3 anos e setor volta criar empregos.** 2018. Disponível em: <https://g1.globo.com/economia/pme/noticia/numero-de-cervejarias-no-brasil-quase-dobra-em-3-anos-e-setor-volta-criar-empregos.ghtml>. Acesso em: 18 jun. 2020

AYER, Flávia. **Com 15 cerevjarias artesanais, Grande BH se consolida como "cinturão da cevada" em MG.** Estado de Minas. 2017

BENI, Mário Carlos. **Análise estrutural do turismo.** Senac, 2019.

Bujdosó, Z.; Szúcs, C. (2012). Beer tourism: from theory to practice. **Academica Turistica.** Slovenia, a. 5, n. 1, p.103-111, jun.

CAMELO, Gustavo Rossa; COELHO, Antônio Sérgio; BORGES, Renata Massoli. Alianças estratégicas com fornecedores: um estudo sobre a evolução do relacionamento cliente-fornecedor nos processos logísticos. **Semana de engenharia de produção Sul-Americana**, 2010, 10.

COELHO-COSTA, Ewerton Reubens. A bebida de Ninkasi em terras tupiniquins: O mercado da cerveja e o Turismo Cervejeiro no Brasil. **RITUR-Revista Iberoamericana de Turismo**, 2015, 5.1: 22-41.

COSTA, Ewerton Reubens Coelho. Turismo cervejeiro no Brasil: uma realidade?. **Turismo e Sociedade**, 2019, 11.2.

DA SILVA, Glauce Vitor; DE CASTRO GUIMARÃES, Jarsen Luis. **A importância do turismo para o desenvolvimento econômico local: um estudo em Alter do Chão (Caribe Amazônico), Santarém, Pará, Brasil.** TURYDES Revista Turismo y Desarrollo local sostenible, 2020, diciembre.

DA FONSECA, João José Saraiva. **Apostila de metodologia da pesquisa científica**, 2002.

DEL CORSO, Jansen Maia; SILVA, Wesley Vieira; SANDRINI, Giulliano. Alianças estratégicas e vantagem competitiva: uma visão analítica da cadeia de fornecedores. **REGÉ Revista de Gestão**, 2005, 12.4: 17-31.

DELIBERALLI, Camilo Camargo. **Cervejas artesanais no Brasil: análise da comunicação integrada de marketing da cervejaria Bodebrown**, 2015

DRAGO, Henrique Faverzani et al. **Comportamento estratégico e fatores críticos de sucesso: uma pesquisa em microcervejarias artesanais do Rio Grande do Sul.** 2019.

FRANCIONI, J. L. (2012). **Beer tourism: a visitor and motivational profile for North Carolina Craft Breweries.** 95f. Master of Science, University of North Carolina at Greensboro, Greensboro.

GIMENES-MINASSE, Maria Henriqueta SG; MAXWELL DE OLIVEIRA, L. Y. R. A.; DOS SANTOS, Regiane Piato. **Turismo Cervejeiro no Estado de São Paulo: análise e caracterização do cenário atual**. 2016.

GOMES, Ana Karla de Lucena Justino; CALLADO, Aldo Leonardo Cunha. Desempenho Organizacional das MPES: Estudo Comparativo entre Empresas Cooperadas e Não Cooperadas. **Revista Contabilidade, Gestão e Governança**, 2017, 20.3: 347-369.

LIMBERGER, Silvia Cristina; ÁVILA, César Augusto. Vantagens competitivas do oligopólio cervejeiro e a permanência de microcervejarias no Brasil. **Formação (Online)**, 2018, 25.44.

LOPES, Paulo Renato Matos; MORALES, Eduardo Marin; MONTAGNOLLI, Renato Nallin. Cerveja brasileira: do campo ao copo. **Contexto**, 2017, 31: 10.

MARTINS, Gilberto Andrade. Estudo de caso: uma reflexão sobre a aplicabilidade em pesquisas no Brasil. **Revista de Contabilidade e Organizações**, 2008, 2.2: 8-18.

MATOS, Ricardo Augusto Grasel, et al. **Cerveja: panorama do mercado, produção artesanal, e avaliação de aceitação e preferência**. 2011.

MEGA, Jéssica Francieli; NEVES, Etney; ANDRADE, Cristiano José de. A produção de cerveja no Brasil. **Revista Citino**, 2011, 1.1: 34-42.

OLIVER, Garrett. **A mesa do mestre-cervejeiro: Descobrimos os prazeres das cervejas e das comidas verdadeiras**. São Paulo: Senac, 2012

PLUMMER, R.; Telfer, D.; Hashimoto, A.; Summers, R. (2005). Beer tourism in Canada along the Waterloo-Wellington Ale Trail. **Tourism Management** 26(3): 447-458.

PREUSLER, Taísa Scariot, et al. Capacidade Relacional e Alianças Estratégicas de Pesquisa e Desenvolvimento. **Revista de Administração Contemporânea**, 2020, 24.3: 201-217.

PRODANOV, Cleber Cristiano; DE FREITAS, Ernani Cesar. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico-2ª Edição**. Editora Feevale, 2013.

RAMOS, Gabriely Caroline Bonalune; PANDOLFI, Marcos Alberto Claudio. A EVOLUÇÃO DO MERCADO DE CERVEJAS ARTESANAIS NO BRASIL. **Revista Interface Tecnológica**, 2019, 16.1: 480-488.

RENNÓ, Lúcio Couto; TEIXEIRA, Dalton Jorge. O impacto do turismo nos hábitos de consumo de uma comunidade de pequeno porte. **Turismo-Visão e Ação**, 2007, 9.2: 217-232.

RÉVILLION, Anya Sartori Piatnicki. A utilização de pesquisas exploratórias na área de marketing. **Revista Interdisciplinar de Marketing**, 2003, 2.2: 21-37.

RODRIGUEZ GOIA, Marisol; LAGO PEREIRA CHAVES, Renato. Cerveja artesanal carioca: A fabricação de uma cultura. **Revista ADM. MADE**, 2017, 20.2: 56-71.

ROSALIN, João Paulo. **Circuito espacial produtivo e círculos de cooperação no espaço do setor microcervejeiro no estado de São Paulo: uma proposta de estudo do processo de distribuição das cervejas especiais e artesanais**. 2019.

SAMPIERI, R. H.; COLLADO, C. F.; LUCIO, P. B. **Metodología de la investigación**. México: McGraw-Hill, 1991.

SANTOS, Rafael dos, et al. **As microcervejarias catarinenses: da gênese à dinâmica atual**. 2013.

SEBEN, Roberta; DA SILVA, Teodomiro Fernandes. **Rede de cooperação entre pequenas empresas do setor turístico**. Campo Grande, 2002, 1-21.

SILVA, Hiury Araújo; LEITE, Maria Alvim; DE PAULA, Arlete Rodrigues Vieira. Cerveja e sociedade. **Revista de Comportamento, Cultura e Sociedade**, 2016, 4.2: 85-91.

SILVESTRE, Juliane, et al. **Processos de criação e desenvolvimento de novos negócios: estudo de casos múltiplos em Uberlândia-MG**. 2020.

SOUZA, Manuel Fernandes Silva; MOORI, Roberto Giro; MARCONDES, Reynaldo Cavalheiro. Sincronismo entre clientes e fornecedores. **RAE-Revista de Administração de Empresas**, 2005, 45.4: 36-49.

SCHLUTER, R.(2003). **Gastronomia e turismo**. Aleph: São Paulo.

TEIXEIRA, Rivanda Meira; CERQUEIRA, Aline Cedraz de; SACRAMENTO, Patrícia Melo. **Redes de cooperação entre pequenas empresas do setor hoteleiro e a rede turística: um estudo de casos múltiplos em Aracaju, Sergipe**. 2010.

VANALLE, Rosangela Maria. Relacionamento cliente-fornecedor: evidências de estudos sobre a indústria automobilística. **Exacta**, 2011, 9.1: 13-28.

VARELA, Danilson Mascarenhas; DE SOUZA FERRAZ, Serafim Firmo; PAIVA, Luis Eduardo Brandão. REDE DE COOPERAÇÃO INTERORGANIZACIONAL NO TRADE TURÍSTICO DE TARRAFAL DE SANTIAGO (CABO VERDE). **Revista de Administração, Contabilidade e Economia da Fundace**, v. 12, n. 1, 2021.

VERGARA, Sylvia Constant. "Começando a definir a metodologia." **Projetos e relatórios de pesquisa em administração** 3, 2000: 46-53.

ZACH, Florian J.; HILL, T. L. Network, knowledge and relationship impacts on innovation in tourism destinations. **Tourism Management**, 2017, 62: 196-207.

Anexos

TABELA 1: Questionário sobre o perfil dos dirigentes das microcervejarias

1) Empresa:		
2) Gênero:		
3) Qual sua função na empresa?		
4) Trabalha há quanto tempo na empresa?		
5) Possui qualificação na área?	Sim ()	Não ()

FONTE: Os autores

TABELA 2: Questionário sobre o perfil das microcervejarias

Informações básicas		
6) Qual o nome da microcervejaria?		
7) Cidade localizada?		
8) Qual ano de fundação?		
9) Possui sócios?	Sim () Quantos?	Não ()
10) Os sócios são do mesmo ramo?	Sim ()	Não () Explique
11) Qual o principal motivo de abertura da empresa?		
Informações operacionais		
12) Possui quantos funcionários?		
13) Quantos litros de cerveja produzem por mês?		
14) Possui atualmente na produção quantas variações e rótulos?		
15) A fábrica se encontra no mesmo local?	Sim ()	Não ()
Informações sobre as redes de negócio		
16) A empresa possui parceiros locais estratégicos?	Sim ()	Não ()
17) Se sim, quais são eles?		
Você confia nos parceiros locais?	Sim ()	Não ()
18) Você realiza adaptações em seu produto para atender necessidades dos seus parceiros locais e clientes?	Sim ()	Não ()
19) Qual a importância da cidade ser turística para o seu negócio?		

FONTE: Os autores

O papel da qualidade do relacionamento do produtor local com os restaurantes de luxo para o surgimento de conhecimentos e inovação

The role of quality in the relationship between local producers and luxury restaurants for the emergence of knowledge and innovation

Sophia Pelligia Viana, Victor Ragazzi Isaac, Vítor Araújo Rabelo

Centro Universitário Senac Campos do Jordão- CAJ

Tecnologia em Gastronomia

sophiapelligia@hotmail.com; victor.risaac@sp.senac.br; arabelovitor@gmail.com

Resumo. O objetivo deste artigo é compreender como a qualidade de relacionamento dos produtores locais com restaurantes de luxo favorecem na troca de conhecimento e no surgimento de inovações. A revisão de literatura possibilitou a compreensão de que as relações comerciais entre produtores e restaurantes de Alta Gastronomia devem ser pautadas em relacionamentos de qualidade, facilitando a troca de conhecimento e informações de ambos os lados. O levantamento de dados para esse artigo foi realizado a partir de estudo de caso único por meio da aplicação de questionário semi-estruturado, com um produtor local da Serra da Mantiqueira, que possui como atividade principal a produção de queijos, em pequena escala, tendo como gestão e administração do negócio a agricultura estritamente familiar. Os resultados apontam que, pela concepção do produtor local, há uma situação de fornecimento configurado como de parceria, pautado em confiança e ao mesmo tempo de interdependência. Essa relação determina o sucesso de ambos e favorece a melhora da qualidade dos pratos oferecidos pelo restaurante e incentiva o pequeno produtor a produzir e oferecer produtos de qualidade.

Palavras-chave: *embeddedness; slow-food; pequeno produtor; Alta Gastronomia*

Abstract. *The purpose of this article is to understand how the quality of relationships between local producers and luxury restaurants favors the exchange of knowledge and the emergence of innovations. The literature review made it possible to understand that commercial relations between producers and fine dining restaurants should be based on quality relationships, facilitating the exchange of knowledge and information on both sides. The data collection for this article was carried out from a single case study through the application of a semi-structured questionnaire, with a local producer from Serra da Mantiqueira, whose main activity is the production of cheese, on a small scale, having as business management and administration to strictly family farming. The results show that, according to the conception of the local producer, there is a supply situation configured as a partnership, based on trust and at the same time of interdependence. This relationship determines the success of both and favors the improvement of the quality of the dishes offered by the restaurant and encourages the small producer to produce and offer quality products.*

Key words: *embeddedness; slow-food; small producer; Gourmet*

1. Introdução

A importância da alimentação na vida cotidiana é estabelecida por costumes diversos que de acordo com a atividade e nível social do indivíduo, caracterizam o seu modo de alimentar-se e de conviver com a matéria prima que compõe aquele alimento. Muitas são as opções apresentadas para os comensais no sentido de oferecer, ainda que de maneira não tecnicamente nutricional, alimentos que satisfaçam sua necessidade de saciedade. Ademais, é importante salientar que o surgimento da Gastronomia mudou a vida dos seres humanos, uma vez que a necessidade de se alimentar transformação dos alimentos trouxe uma qualidade de vida, proporcionando uma mudança na história da alimentação e do mundo. De acordo com Franco (2006, p.17):

Quando o homem aprendeu a cozinhar os alimentos, surgiu uma profunda diferença entre ele e os demais animais. Cozinhando, descobriu que podia restaurar o calor natural da caça, acrescentar-lhe sabores e deixá-la mais digerível. Verificou também que as temperaturas elevadas liberam sabores e odores, ao contrário do frio, que os sintetiza ou anula. Percebeu ainda que a cocção retardava a decomposição dos alimentos, prolongando o tempo em que podiam ser consumidos. Identificava, assim, a primeira técnica de conservação.

Ademais, cabe ressaltar que o conceito de restaurante como local de restaurar surge em 1765, com o advento da “casa de restauração” que trazia à população (parisiense) um serviço de caldos e sopas. No perpassar das décadas, foram surgindo novos estabelecimentos no ramo, no entanto, seus objetivos foram modificados, surgindo, por exemplo, as primeiras cafeterias (Istambul) e, pouco tempo depois, os primeiros cafés, o que remeteu a novo modismo na época do Império Otomano, acontecimentos esses, datados no século XVI. Mais tarde na França, surgem os Bistrôs, que conceitualmente foram designados como tipo de restaurante dedicados ao serviço de comida aos mais humildes, sendo despertado o interesse de turistas que o elevaram à categoria de serviço simplista para um tipo de estabelecimento de luxo, destinado a degustação dos mais variados Queijos e Vinhos. (VESCHI, 2019) . Mediante isso, atualmente é compreendido que restaurantes de luxo são aqueles estabelecimento de A&B que muitas vezes adotam o movimento de slow food, com uma mão de obra especializada- comandada pelo *chef* de cozinha e que apresenta ingredientes, técnicas, métodos, preparos e serviço diferenciado quando comparados à cozinha popular, além de possuírem um *couvert* médio elevado, apresentar um cardápio inovador com produtos alimentícios e bebidas que possuem alto valor agregado, possibilitando ao cliente uma experiência única da gastronomia (HALLAK et al., 2018; TRUBEK, 2000; COLLAÇO, 2009).

Por outro lado, se no Brasil tínhamos desde sempre a ideia de que restaurantes de luxo eram somente aqueles que reproduziam gastronomia internacional, em especial francesa e italiana, nos últimos 10 anos temos visto uma crescente valorização da gastronomia brasileira, com *chefs* de cozinha nacionais (ex. Alex Atala) ganhando destaque internacional por se utilizar de produtos e ingredientes genuinamente brasileiros (SILVA et al., 2016). Com isso, temos observado um aumento de estabelecimentos de A&B de luxo que buscam cada vez mais realizar parcerias fornecedores locais de insumos e ingredientes que possibilitem diferenciação em seus produtos e serviços finais, favorecendo o ganho de vantagens competitivas para estes estabelecimentos (SALAZAR et al., 2016).

Nesse sentido, o relacionamento entre fornecedor e restaurante de luxo é um importante fenômeno a ser estudado, ao passo que impacta de forma positiva em ambos elos da

cadeia. Nos restaurantes de luxo a relação com produtores locais favorece o acesso a recursos diferenciados, tais como hortaliças, tubérculos, grãos e carnes (ex. restaurante Casa do Porco), possibilitando estes estabelecimento a inovarem em seus cardápios (KNOLLENBERG et al. 2020). Por outro lado, alguns estudos (KOTTILA, 2009; SHIN et al., 2017; TOVEY, 2009) têm apontado a importância da inserção dos produtores locais em redes de negócios locais ao passo que isso favorece a troca de conhecimentos a estes produtores, melhorando sua produtividade e ainda possibilitando na inovação de seus processos e produtos. Todavia, ainda que tais estudos estejam estimulando pesquisas nesses sentidos, poucas pesquisas têm sido realizadas para observar quais os ganhos que os produtores locais possuem ao estabelecer parcerias com restaurantes de luxo. Nesse sentido, o objetivo desta pesquisa reside em compreender como o relacionamento dos produtores locais com restaurantes de luxo favorecem na troca de conhecimento e no surgimento de inovações.

As contribuições desta pesquisa residem no campo acadêmico e gerencial. Pelo lado do campo acadêmico destacamos que essa pesquisa complementa a Teoria de Redes de Negócio, ao passo que fornece novos conhecimentos acerca da importância do relacionamento de qualidade entre os atores da rede de negócio no stor de A&B. Por outro lado, esta pesquisa traz contribuições gerenciais, uma vez que demonstra aos produtores locais e gestores de estabelecimentos de luxo de A&B, acerca da importância de se ter um relacionamento de qualidade com os parceiros da cadeia, a fim de obter vantagens competitivas e ganhos.

2. Revisão de Literatura

Slow food e restaurantes de luxo

Um movimento iniciado por Carlos Petrini, o slow food se caracteriza como o retorno do ato de alimentar-se por meio de ingredientes e insumos locais, com uma necessidade não só de restaurar o organismo, mas o de saborear e degustar aquilo que se leva a boca, ativando intensivamente as papilas gustativas. Não obstante a isto, o fato é que esse movimento levou a gastronomia contemporânea a repensar a maneira como se deseja alimentar.

Ademais, muitos insumos e produtos de produtores locais têm sido utilizado por restaurantes de luxo, ao passo que agregam valor aos restaurantes de luxo, possibilitando o desenvolvimento de cardápios diferenciados. Assim, a produção agrícola familiar, com sua singularidade em produzir o melhor produto que determinada região e terra podem oferecer, vêm gerando um grande impacto nas relações entre o mercado que abastece os restaurantes de alta gastronomia (ZANETI, 2017). Assim, essa relação comercial possibilita aos restaurantes de luxo resgatar o laço de afetividade existente na elaboração de um cardápio, sendo esse um outro diferencial que acaba agregando valor ao restaurante de luxo.

Dentro deste contexto, é importante destacar o surgimento de restaurantes de luxo no Brasil, que de acordo com DA SILVA et al. (2016, p.9):

A evolução da alta gastronomia no Brasil deve muito à contribuição dos chefs estrangeiros que imigraram para o Brasil a partir do final dos anos 1970. Esse movimento tem três fases bem distintas: a primeira formada por franceses pioneiros, a segunda pelos que aportaram aqui na década de 1980 e a terceira na década de 1990. Por fim, os anos 2000 assistiram à consolidação da gastronomia brasileira no plano nacional e internacional.

Nos últimos anos, o fenômeno dos restaurantes de luxo tem adquirido mais espaço no dia a dia da população, principalmente aos amantes de uma boa e clássica comida, com autenticidade e principalmente com ingredientes de qualidade.

De acordo com ZANETI (2012, p.16):

A gastronomia encontra-se em uma tendência que baseia seu consumo – as escolhas dos chefs para os preparos – nas premissas do comércio justo e verde, que, atualmente mostra-se como uma tendência global tanto de consumo, quanto de produção, contextualizando, portanto, a gastronomia interligada com os processos globais.

Juntamente com o crescimento desses estabelecimentos, um fato importante foi o ressurgimento e a valorização do trabalho dos pequenos produtores do nosso país, ganhando um grande espaço no comércio de distribuição de seus produtos únicos e com grande presença do *Terroir* de ingredientes produzidos por pessoas capacitadas e dedicadas no ramo há anos.

3. Qualidade de relacionamento e Redes de Negócios

A literatura de negócios evoluiu bastante nas últimas três décadas. Ao buscar compreender os fenômenos organizacionais, as teorias clássicas sempre se utilizavam a lente interna organizacional (ex. Teoria dos recursos) que possibilitava um olhar restrito sobre o cotidiano organizacional (SERRAA et al., 2008). Por outro lado, nas últimas décadas a literatura de negócios tem se utilizado cada vez mais da lente do ambiente externo para explicar fenômenos que ocorrem dentro das organizações (BARBOSA, 2002). Mediante isso, a literatura de redes de negócios tem sido muito utilizada pois favorece compreender os fenômenos há interdependência nas parcerias que as empresas firmam com os atores da cadeia produtiva (GRANOVETTER, 1985).

Assim, pela concepção de redes de negócios é devido ao *embeddedness relacional* (Compreendido como a qualidade do relacionamento dos atores/parceiros) que há inovação e troca de conhecimentos (ISAAC et al., 2019). Ou seja, nessa concepção as relações comerciais são decorrentes de relacionamentos sociais existentes entre as empresas (GIGLIO & CARVALHO, 2013). Segundo Santos e Oliveira (2019), um dos fatores compõem o *embeddedness relacional* é o da confiança. Na literatura de redes de negócios há diversas concepções para o que seria confiança. Segundo Newell e Swan (2000: 1293) confiança é "um conjunto de expectativas compartilhadas por pessoas, grupos ou firmas, com base na reciprocidade e boa vontade, expectativas estas, influenciadas pelo contexto institucional". Noutra esfera, diversos estudos entende que a confiança se traduz em lealdade, reciprocidade e atendimento de expectativas mútuas existentes entre os atores das redes (parceiros) (BREI; ROSSI, 2005). Desta forma, a confiança entre atores de redes do setor de alimentação acaba sendo preponderante pois impacta muitas vezes nas trocas comerciais existentes entre restaurantes de luxo e produtores locais (WEGNER, 2011). Por outro lado, ao obter um produtor local em sua rede de relacionamento, os restaurantes de luxo acabam por valorizar a utilização de ingredientes, insumos e produtos diferenciados, que possuem características locais e que acabam por possibilitar na inovação de seus produtos e serviços. Ademais, também há ganhos para o produtor local, que consegue atingir obter maior visibilidade junto ao mercado, além de desenvolver seus produtos a fim de atender a demandas dos parceiros.

4. Metodologia

Esta pesquisa possui uma metodologia de natureza qualitativa. Será realizado em primeiro um levantamento bibliográfico, que possibilitará a realização de uma revisão de literatura (ISAAC et al., 2019). Ademais, será utilizada a estratégia de pesquisa de estudo de caso único junto a um produtor local de queijo da Serra da Mantiqueira- Queijo Garrafão. Segundo Yin (2010) o estudo de caso único é considerado uma boa estratégia metodológica para testar uma teoria bem formulada, seja para confirmá-la ou ainda para contestá-la. Por outro lado, o estudo de caso como estratégia de pesquisa compreende um método que abrange tudo, com a lógica de planejamento incorporando abordagens específicas à coleta e análise de dados. Por fim, Yin (2001) os estudos de caso são indicados para pesquisas que buscam responder problemas de pesquisa formulados a partir de "como ou por que" uma variável impacta em outra variável. Por outro lado, a pesquisa foi realizada por meio da aplicação online de um questionário semi estruturado elaborado a partir da revisão da literatura.

Em relação ao contexto da pesquisa, é importante ressaltar que a produção queijeira da Serra da Mantiqueira, classificada nos estados de São Paulo, Rio de Janeiro e Minas Geral, é um dos destaques de produção artesanal da região, com premiações nacionais e internacionais que levam, não só o nome da região, mas também de todo o país ao patamar de destaque nas competições mundiais, influenciando seu valor comercial, mas, sobretudo, a qualidade do produto, cuja produção está harmoniosamente contextualizada à topografia local e seus elementos naturais, criando uma engrenagem perfeita.

Os queijos produzidos na Serra da Mantiqueira passaram a ganhar um maior valor, pois contam com aspectos do ambiente (*terroir*) (solo, relevo, vegetação e água) juntamente com a ação do homem (meio antrópico). Nessa seara, na cidade de Alagoa/MG foram contabilizadas 139 queijarias artesanais, gerando ao todo uma produção de 58,4 mil toneladas de queijo no ano de 2019. Assim, o estudo de caso será aplicado junto a um produtor queijeiro que provém da cidade de Alagoa, Queijo Garrafão. Ademais, o destaque na qualidade dos queijos desenvolvidos pelos produtores locais tem influenciado na gastronomia praticada pelos chefs de restaurantes de luxo da região, que buscam seu diferencial gastronômico com a utilização de matéria-prima com valor agregado o que remete, por sua vez, para a valorização da agricultura de conceito, com ênfase no pequeno produtor.

Por fim, destacamos que os dados coletados, juntamente com as análises realizadas, facilitarão o entendimento e evidenciará pontos a serem analisados nas relações entre pequenos produtores e restaurantes de luxo que, com o passar dos anos, ganham seu espaço em um mercado crescente, dando a oportunidade aos restaurantes da alta gastronomia de valorizar os produtores nacionais e regionais, sempre enfatizando a exclusividade do serviço oferecido ao estabelecimento e ajudando no processo de melhoria e crescimento de ambos os lados.

5. Resultados e discussão

O Queijo Garrafão está localizado em Alagoas, uma cidade mineira turística, com diversos pontos de turismo gastronômico a serem visitados. A produção dos queijos é oriunda de vacas da raça girolanda, raça esta característica na produção de leite e produtos laticínios. Ademais, é destacado que ambos produtores são responsáveis por gerenciar a fazenda e a produção, atuando como: produtores rurais, agricultores, produtores alimentícios,

administradores, mercadólogos, dentre tantas outras, sem deixar de praticar a hospitalidade ao atender e receber clientes, com disponibilidade em compartilhar o dia a dia da fazenda e suas conquistas que podem ser concretizadas com todo o esforço realizado, trabalhando de segunda à segunda, por aproximadamente 16 (dezesesseis) horas/dia, produzindo mensalmente cerca de 800kg a 1 T de queijo, que é distribuído para seus revendedores e aos estabelecimentos da Alta Gastronomia. Um fator relevante foi o registro de um período de pandemia no qual foi confirmado em FEV/2020 o primeiro caso, no Brasil, da COVID19. Período este em que uma quarentena foi determinada para o controle da disseminação. Esse fato, porém, não afetou diretamente a produção, uma vez que para realizar a distribuição estão envolvidos processos de maturação, que demanda tempo. No mês de outubro de 2020, houve uma redução na produção, demarcada por fatores físicos diretamente ligados a demasia de funções exercidas por Rita e Marcos. O cansaço e exaustão atrapalham no rendimento da produção total, porém, como salientado por Rita, situações como essa não acontecem com frequência na fazenda Garrafão.

A produção do queijo sob responsabilidade de Rita e Marcos, é relativamente nova, contabilizando um total de 3 anos. Como forma de divulgação dos produtos, buscam participar de concursos, sejam eles municipais ou nacionais; eventos como esse, reforçam a constante presença da fazenda nos concursos, atraindo novos clientes diretamente ligados ao setor de Alimentos e Bebidas que por sua vez, levam os produtos premiados até os estabelecimentos da Alta Gastronomia. Em anos anteriores, no concurso Municipal, na categoria peças até 1kg, o queijo conquistou o 3º e 2º lugar, na última edição do concurso em 2019, a conquista foi maior, ganhando a Medalha Super Ouro. Na categoria de peças até 5kg, conquistaram a medalha de bronze em 2019, também. Em competições de abrangência Nacional, no Prêmio Brasil em Florianópolis- SC, em sua estreia em competições como esta, o queijo Garrafão conquistou a medalha de Ouro na categoria de Queijos Maturados, concorrendo com peças de 45 e 120 dias de maturação. (BRASIL, 2019)

O queijo Garrafão ainda não participou de competições Internacionais, mesmo já tendo sido cotado para participar, ainda não existiu a oportunidade de se concretizar essa participação, uma vez que para a concretização da viagem, necessita-se de pessoas que possam tomar conta de toda produção dos queijos, alimentação do gado, possíveis manutenções da fazenda, entre outras situações presentes no cotidiano, além de todo o processo burocrático que envolve o transporte de alimentos de um país a outro, e toda a documentação necessária para viagens internacionais, tanto por parte de documentos de pessoas físicas como passaporte, por exemplo, quanto o de transporte das peças de queijo. Da parte dos proprietários, existe sim essa vontade de levar o queijo artesanal da Mantiqueira ao redor do mundo, que segundo Rita, esse acontecimento não está distante de acontecer.

Em competições como as mencionadas pelos produtores, os critérios de avaliação são: Aspecto, Aromas, Textura, Sabor e final do sabor. O júri é composto por dois grupos, técnico e sensorial. Jurados sensoriais, avaliam a partir de uma visão comercial olhando para qualidades gustativas e olfativas, possibilidades de receitas gastronômicas. Os jurados técnicos, avaliam os queijos quanto aos possíveis problemas tecnológicos em seu processo de fabricação. (BRASIL, 2019)

A cada ano que essas competições são realizadas, os seus objetivos relacionados ao concurso e a premiação são atualizados e ressignificados, uma vez que esse método

avaliativo busca levar aos produtores e aos consumidores a divulgação do queijo artesanal e fabricado por pequenos produtores de todo o território nacional, fortalecimento dos agentes da cadeia produtiva, destacando-se: produtores, transportadores, lojistas, pesquisadores, consumidores e instituições governamentais; reconhecimento e valorização do produtor que trabalha com prioridade a qualidade do produto fornecido, estímulo de melhoria, uma vez que a competição permite o *networking* e conhecimento entre diversos produtores, consumidores e especialistas quando o assunto é o queijo artesanal, o concurso promove, também, a ampliação do mercado artesanal e, ainda, destaca a importância em debater as legislações impostas pelo governo, visando a compreensão das necessidades e realidades do queijo artesanal brasileiro. Todos esses objetivos, estão voltados a constante melhora dos produtos, profissionalização dos jurados, com treinamentos e diálogos e, por fim, destacar a importância do conhecimento das características sensoriais e técnica dos queijos artesanais brasileiros, voltados aos lojistas, chefs, nutricionistas, consumidores, jornalistas e veterinários. É importante lembrar, que o intuito da premiação é a valorização dos produtos artesanais e não a competição entre os produtores. (BRASIL, 2019)

Um ponto importante a ser destacado é o relacionamento dos produtores com os estabelecimentos que utilizam o queijo como matéria prima. A relação de parceria, entre produtor, atravessadores e cliente é bem sedimentada, essa confiança se concretizou a partir do momento que foi realizada a terceira compra, onde ficou evidente a qualidade do produto, padronização do queijo e a utilização dos protocolos de segurança e higiene alimentar (ponto de grande importância ao possuir um estabelecimento ou empresa no ramo de Alimentos e Bebidas). A fazenda trabalha com atravessadores, que fazem o serviço logístico de entrega aos estabelecimentos mais distantes da cidade onde as peças são produzidas. No entanto, apesar de ser uma alternativa de venda com um bom retorno, há situações onde esses atravessadores adquirem o produto bruto e para a maturação adicionando outros ingredientes, e, ao repassar o queijo aos estabelecimentos, omitem a origem do produto. Essa situação coloca no anonimato os reais produtores perante ao cliente final. Esses atravessadores, no entanto, são os maiores compradores da fazenda trazendo sempre *feedbacks* positivos, situações como essa impedem o crescimento dos produtores, dificultando a expansão do negócio. Quando se tratam de atravessadores menores, o contato é mais próximo, permitindo que conheçam a origem do produto. De 20 atravessadores, 10 auxiliam na divulgação do produto e exposição da marca, enquanto outros 10, utilizam do queijo de forma anônima, sem qualquer divulgação dos produtos e/ou produtores. Em critérios, que compreendem o comprometimento, é nítido a cadeia construída, da parte da fazenda em sempre atender o pedido de cada cliente, no prazo correto e na padronização e, da parte dos compradores o comprometimento na compra, na busca pelo produto, divulgação e mantendo todo o fluxo de compra.

Em toda a produção envolvendo o processo de vendas recorrente, é comum que existam adaptações para atender as demandas necessárias para que a produção sempre atenda às expectativas do cliente final, para isso, a Fazenda Garrafão passou por diversas adaptações a fim de atender normas e legislações e adequar o sistema de produção que era adotado anteriormente, com equipamentos mais arcaicos. Deste modo, destacam-se mudanças como: higiene dos processos, criação do rebanho, alimentação com capim natural durante o período de chuvas e no período de seca, se alimentam com milho, capim, sorgo, aveia, soja e feno; pesagem das peças de queijo, embalagens à vácuo, salmoura feita com sal sem presença de Iodo; a água pura e filtrada para a queijeira e tratamento

do rebanho; rotulagem dos produtos; embalagem; testes para verificar a qualidade e as características do leite, entre outros. A partir dessas adequações os clientes puderam ter mais confiança no serviço prestado e hoje, o que pedem sempre aos produtores é que a qualidade se mantenha. Como consequência dessa cadeia produtiva, os clientes passaram a se interessar em conhecer todo o processo da fabricação queijeira.

Deste modo, os atravessadores, ao buscarem suas encomendas mensais aproveitam para conhecer toda a linha de produção, além de aproveitar para admirar toda a paisagem da fazenda Garrafão.

Oferecer aos estabelecimentos de Alta Gastronomia produtos premiados, garante uma sucessão de conquistas para ambos os lados, uma vez que os clientes passam a conhecer um produto de qualidade sem ter passado pelo processamento de grandes indústrias, passam a enxergar os pequenos produtores, gerando valor ao produto, a sua produção e a região de origem. A Serra da Mantiqueira, guarda em seus interiores pequenos produtores que juntos estão transformando a Alta Gastronomia Nacional, mérito dos produtores que fizeram com que seus clientes se adequassem a sua capacidade de produção, visando sempre manter a qualidade e transparência em todo o processo produtivo e na entrega final de seus produtos.

A analogia feita entre a revisão das referências bibliográficas, base desse estudo, com os aspectos administrativos e produtivos da Fazenda Garrafão evidenciam a necessidade do crescente aprimoramento da relação entre o setor gastronômico e o pequeno produtor. Nesse sentido os autores nesse trabalho corroboram com os resultados obtidos na pesquisa de campo onde observa-se que ainda há espaços em aberto quando se trata da distribuição dos produtos para o cliente final; ponto este, evidenciado pela ação dos atravessadores que mascaram a origem do produto ou, que não permitem o acesso direto ao produtor impedindo que haja transparência entre o cliente final e a origem de sua matéria prima.

Colocando em evidência e com o objetivo de dirimir a ação dos atravessadores, Wilkinson (1999) afirma:

“Que o futuro da agricultura familiar depende predominantemente de sua capacidade de criar novas formas organizacionais para alcançar uma articulação dinâmica com os mercados, o que exigirá desse segmento novos padrões de aprendizagem para explorar novas tecnologias, desenvolver novas formas de organização coletivas para a gestão de empreendimentos, capacidade de lidar com o mercado e de identificar e negociar com agentes financiadores. Ele caracteriza esse complexo processo de aprendizagem como desafiador por se tratar de atividades tradicionalmente não desenvolvidas pela agricultura familiar”

A partir desses pontos em aberto, ficam evidentes algumas perspectivas futuras que se resumem na melhora da transparência por parte dos atravessadores, expondo aos clientes finais a origem do produto, agregando mais valor e garantindo o devido reconhecimento dos produtores. (OLIVEIRA; MAYORGA, 2005)

Outro fator limitante no crescimento, ou reconhecimento desse pequeno produtor é a ausência de empregados, a qual determina a frequência de participação em eventos, feiras de negócios e competições. Não somente pela carência da mão de obra, como também pela elaboração da quantidade de documentações que são necessárias para transporte do queijo em grande distância. No entanto, conquistar mais uma premiação auxiliará no

processo de reconhecimento em proporções muito maiores e, perspectivas como essas mencionadas, ao se concretizarem farão com que o valor agregado sobre o produto gere crescimento em setores que, em conjunto, formam Supply Chain. De acordo com CRUNCHTIME (2020), esse termo pode ser explicado como a cadeia de suprimentos, referindo-se aos processos que o produto participa até a sua chegada no cliente final. Esse processo, na prática, está associado à compra dos insumos para a produção; transporte; armazenamento; transformação, embalagem, gerenciamento interno, venda e distribuição. Toda essa cadeia está diretamente ligada à infraestrutura física e a dos processos necessários à comercialização do produto. Adicionalmente a esses fatores, não se pode excluir as ações de *marketing*, atendimento ao cliente, controle financeiro e inovações aos produtos.

Em contrapartida, percebe-se a dedicação desse pequeno produtor com o fruto de seu trabalho, o que o incentiva a manter-se focado na obtenção de garantias e reconhecimentos, destacando-se de seus concorrentes com o aumento e permanência dos patamares de qualidade e padronização, fidelizando seus clientes e estabelecendo alto grau de confiança e transparência na relação cliente/fornecedor, o que pode ser definido pelo conceito de *embeddedness*. (FELDMAN, 2007)

Em termos práticos, o *embeddedness* pode ser aplicado em casos específicos onde “mais mercado e menos supermercado” pode ser traduzido pela busca da valorização do alimento e do produto que tem ocupado lugar de destaque, tanto no meio acadêmico, quanto entre os proprietários de restaurantes que querem, através da oferta de pratos/alimentos diferenciados no sabor e, especialmente, na qualidade, referenciar a valorização do pequeno produtor. Essa forma de conduta estabelece um vínculo entre produtor e comprador, resultando cumplicidade entre ambos e que, de certa forma, reforça critérios e compromissos com a produção que ultrapassa o fornecimento do produto em si, e institui tradicionalismo cultural como fator determinante no cuidado da produção (FONTE, 2006).

Segundo Fonte (2006), a produção de alimentos deixou de ser assunto global e casual para se tornar algo mais próximo e afetivo, e que remeta ao tradicionalismo valorizado na cultura familiar onde, outrora, se participavam de reuniões gastronômicas em suas residências, buscando a elaboração de cardápios com os produtos disponíveis no próprio quintal, com a atenção e carinho que seus convidados merecem. Assim, a alta gastronomia resgata o laço de afetividade existente na elaboração de um cardápio transportando seu comensal aos primórdios da ciência da produção de alimentos.

6. Conclusões

A pesquisa realizada resgata a verdadeira relação entre o ato nutricional com a sociabilização do ser humano a partir do momento em que recria o conceito de alimentar-se como os primórdios da sociedade, tratando essa necessidade como uma relação direta entre comer e se alimentar destacando o trabalho do pequeno produtor como peça chave do sucesso e diferencial do setor de restaurantes de luxo.

A gastronomia se reinventa todos os dias, a partir do momento que surgem novos ingredientes, novas inspirações, referências, técnicas e principalmente conhecimentos. Nunca se ouviu tantos termos “gastronomia” e “gourmet” como nos últimos anos. Enquanto que de um lado temos um público menos preocupado com o valor nutricional de sua alimentação, de outro temos um setor seletivo que exige de si mesmo um

comportamento alimentar mais focado no valor proteico e nutricional, porém com um objetivo intrínseco atribuído ao fato de que esses nutrientes são caracterizados por um diferencial de exclusividade daquele empreendimento. Visando atender esse público, o setor de restaurantes de luxo tem se preocupado não só com sua rotina, mas, principalmente, com as memórias das raízes gastronômicas de séculos passados onde se praticava a alimentação com um ato de sociabilização e reunião familiar.

Seu maior diferencial está focado no desenvolvimento de fornecedores da agricultura familiar, artesanal e local, com parcerias quase que exclusivas e, em alguns casos, com destaque a consultoria no desenvolvimento da produção da matéria prima de interesse do comprador, desenvolvendo o setor priorizando a produção artesanal da matéria prima, baseado em conceitos de sustentabilidade, ambientação climatológica, valor nutricional, padronização de ingredientes e, sobretudo, exclusividade de fornecimento. O setor busca associar o diferencial do produto artesanal a referência e tendência mundial do setor da Alta Gastronomia. Do lado do pequeno produtor existe um sentimento de amor, qualidade, padronização, exclusividade e pertença, dentro daquela produção onde se redescobriu sabores, texturas, aromas e Terroir peculiares possibilitada não só pela ausência de uso de elementos industrializados, mas pela singularidade. Acredita-se que o crescimento das parcerias entre pequenos produtores e restaurantes de luxo, se deve ao fato de buscarem expor a valorização do produto regional, suas brasilidades e características que proporcionam emoções, sensações e conforto, destacando a qualidade do produto oferecido.

Juntamente com o advento desse setor, observa-se um crescimento das regiões onde se localizam esses produtores e os estabelecimentos da Alta Gastronomia. No caso deste artigo, a Serra da Mantiqueira se consagra como berço dos pequenos produtores e uma parcela dos restaurantes de luxo, destacados por se localizarem em uma região naturalmente turística e familiar. Desse modo, conclui-se que essa relação vai muito além de negócios, gerando um equilíbrio em aspectos como economia, vantagens competitivas, valores agregados e espaço de crescimento ao pequeno produtor.

O período de pandemia da COVID19, limitou o processo de pesquisa de campo e visitas técnicas nas instalações do produtor estudado, porém, não impediu a conclusão deste artigo que pode ser bem desenvolvido resultando numa coesa conclusão firmada por conhecimentos adquiridos no meio acadêmico, na revisão de literatura realizada e com as respostas fornecidas pelo produtor que enxergou, neste artigo mais uma possibilidade de crescimento, sucesso e valor.

Em âmbitos gerenciais e acadêmicos, o desenvolvimento deste artigo proporcionou uma ampliação nas conexões realizadas, refletindo na aproximação da realidade do setor de negócios em Alimentos e Bebidas: o produtor e a Alta Gastronomia. Para o setor acadêmico, amplia referências em pesquisas voltadas à Serra da Mantiqueira e, principalmente, aos produtores que constroem a rede de negócios do setor gastronômico, pelo aperfeiçoamento de técnicas e manejo que repercutem em novas conquistas, premiações, novos produtos e clientes, cada vez mais satisfeitos com o resultado final. A fazenda Garrafão com seu processo artesanal de produção, é apenas uma dentre tantas outras, que contam a história de Alagoa, de Minas Gerais, de restaurantes da Alta Gastronomia e pratos de sucesso, mas que ainda almejam ter seu lugar de reconhecimento e destaque no setor de Alimentos e Bebidas. Neste contexto, reconhece a produção quejeira como parte colaborativa na conclusão deste artigo, abrindo precedente para a continuidade de estudos outros pertencentes a técnicas de manejo e estruturação.

7. Referências

- ACESSIVEL, Alimentação. **Alimentar-se é um ato nutricional, mas comer é social.** 2017. Disponível em: <https://alimentacaoemfoco.org.br/historia-da-alimentacao-marcella-lobes/>. Acesso em: 27 fev. 2021.
- AGROTURISMO NA SERRA DA MANTIQUEIRA.** São Paulo: Senac São Paulo, v. 4, 1 set. 2015. Semestral. Disponível em: http://www3.sp.senac.br/hotsites/blogs/revistacontextos/wp-content/uploads/2015/10/42_CA_dossie_Vol_4_n_1_2015.pdf. Acesso em: 27 mar. 2020.
- ANDERSSON, U.; FORSGREN M.; HOLM, U. The strategic impact of external networks: subsidiary performance and competence development in the multinational corporation. **Strategic Management Journal**, v. 23, n. 11, 979-996, 2002.
- BORGATTI, S. P. Centrality and network flow. **Social networks**, v. 27, n. 1, p. 55-71, 2005.
- BRASIL, Premio Queijo. **Premio Queijo Brasil: como funciona.** Como funciona. 2019. Disponível em: <http://www.premioqueijobrasil.com.br/index.php/evento/como-funciona#:~:text=Os%20queijos%20ser%C3%A3o%20avaliados%20e,Sabor%2C%20e%20Final%20do%20Sabor..> Acesso em: 27 fev. 2021.
- BRILLAT-SAVARIN, Jean-Anthelme. A fisiologia do gosto. São Paulo: Cia. Das Letras, 1995.
- COMÉRCIO, Diário do (comp.). **ESTUDOS AMPLIAM VALOR DO QUEIJO DA SERRA DA MANTIQUEIRA.** 2020. Disponível em: diariodocomercio.com.br/livre/estudos-ampliam-valor-do-queijo-da-serra-da-mantiqueira/. Acesso em: 27 mar. 2020.
- CRUNCHTIME. **Restaurant Supply Chain Management: the top 10 requirements for an integrated solution. The Top 10 Requirements for an Integrated Solution.** Disponível em: http://cdn2.hubspot.net/hub/145227/file-17844431-pdf/docs/10_reqs_int_supp_chain_v1.pdf. Acesso em: 16 abr. 2020.
- COLLAÇO, J.H.L. Mudanças conceituais dos restaurantes. In: Montebello, N.P.; Collaço, J.H.L. Organizadores. **Gastronomia: cortes e recortes.** Brasília: Editora Senac, 2008. Acesso em: 27 fev.2021
- DA SILVA, G. F., de Aguillar Pinho, M. L. C., da Rocha, A. M. C., & de Aguillar Pinho, C. R. (2016). **Alex Atala e a promoção da gastronomia brasileira.** . Disponível em: https://www.researchgate.net/profile/Maria-Luiza-Pinho/publication/312295626_ALEX_ATALA_E_A_PROMOCAO_DA_GASTRONOMIA_BRASILEIRA/links/5878c63408ae8fce493253fb/ALEX-ATALA-E-A-PROMOCAO-DA-GASTRONOMIA-BRASILEIRA.pdf Acesso em: 27 fev. 2021.
- DONG, M. C. et al. Opportunism in distribution networks: The role of network embeddedness and dependence. **Production and Operations Management**, v. 24, n. 10, p.1657-1670, 2015.
- FELDMAN, Daniel C.; NG, Thomas W. H.. Careers: Mobility, Embeddedness, and Success. **Journal Of Management**, [s.l.], v. 33, n. 3, p.350-377, jun. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0149206307300815>.

FELDMAN, Daniel C.; NG, Thomas W. H.. Careers: Mobility, Embeddedness, and Success. **Journal Of Management**, [s.l.], v. 33, n. 3, p.350-377, jun. 2007. SAGE Publications. <http://dx.doi.org/10.1177/0149206307300815>.

FONTE, M. Slow Food's Presidia: What do Small Producers do with Big Retailers?. **Research In Rural Sociology And Development**, [s.l.], v. 12, p.203-240, 2006. Emerald. [http://dx.doi.org/10.1016/s1057-1922\(06\)12009-0](http://dx.doi.org/10.1016/s1057-1922(06)12009-0).

FRANCO, A. **De caçador a gourmet**: uma história da gastronomia. 4. ed. São Paulo: Senac, 2006. Acesso em: 27 fev.2021

GODOY, Arilda Schmidt. PESQUISA QUALITATIVA: TIPOS FUNDAMENTAIS. **Revista de Administração de Empresas**, São Paulo, v. 35, n. 3, p.1-10, maio 1995. Mensal. Disponível em: <http://www.scielo.br/pdf/rae/v35n3/a04v35n3.pdf>. Acesso em: 28 mar. 2020.

GOVINDARAJAN, V.; RAMAMURTI, R. **Global Strategy Journal**, v. 1, n. 3-4, 191-205,2011.

GRANOVETTER, M. Economic institutions as social construction: a framework for analysis. **Acta sociologica**, n. 35, p.3-11, 1992.

HEDLUND, G. 9 Assumptions of Hierarchy and Heterarchy, with Applications to the Management of the. **Organization Theory and the Multinational Corporation**, p. 11,2016.

IBARRA, H. Network centrality, power, and innovation involvement: Determinants of technical and administrative roles. **Academy of Management Journal**, v. 36, n. 3, 471-501.

INGENITO, Leonardo F. S.; BUCKUP, Paulo A.. The Serra da Mantiqueira, south-eastern Brazil, as a biogeographical barrier for fishes. **Journal Of Biogeography**, [s.l.], v. 34, n. 7, p.1173- 1182, jul. 2007. Wiley. <http://dx.doi.org/10.1111/j.1365-2699.2007.01686.x>.

JONES, Peter; SHEARS, Peter; HILLIER, David; COMFORT, Daphne; LOWELL, Jonathan. Return to traditional values? A case study of Slow Food. **British Food Journal**, [s.l.], v. 105, n. 4/5, p.297-304, maio 2003. Emerald. <http://dx.doi.org/10.1108/00070700310477095>.

MEYER K.; MUDAMBI R.; NARULA R. Multinational enterprises and local contexts: the opportunities and challenges of multiple embeddedness. **Journal of Management Studies** v.48, n. 2, 235-252, 2011.

MORAN, P. Structural vs. relational embeddedness: Social capital and managerial performance. **Strategic Management Journal**, v. 26, n. 12, 1129-1151, 2005.

OLIVEIRA, Antonio Dimas Simão de; MAYORGA, Maria Irles de Oliveira. OS IMPACTOS DA PARTICIPAÇÃO DO ATRAVESSADOR NA ECONOMIA DO SETOR AGRÍCOLA: um estudo de caso. In: CONGRESSO DA SOBER "INSTITUIÇÕES, EFICIÊNCIA, GESTÃO E CONTRATOS NO SISTEMA AGROINDUSTRIAL", 43., 2005, Ribeirão Preto. Artigo. Ribeirão Preto: Congresso da Sociedade Brasileira de Economia, Administração e Sociologia Rural -Sober, 43, 2005. v. 1, p. 1-13. Disponível em: <http://www.repositorio.ufc.br/handle/riufc/5335>. Acesso em: 13 mar. 2021.

PAULO FILHO, PEDRO. **História de Campos do Jordão**. Aparecida: Editora Santuário.

1986. PROJETO LUPA.

SANTOS, Daianna Marques dos. **História da Gastronomia Mundial**. Indaial: Centro Universitário Leonardo da Vinci – Uniasselvi, 2018. Disponível em: <https://www.uniasselvi.com.br/extranet/layout/request/trilha/materiais/livro/livro.php?codigo=29176>. Acesso em: 27 fev. 2021.

SECAF, Vera Maria Stuart. **Cadeia de valor e cadeia de suprimentos: abordagem inicial. abordagem inicial**. 2018. Disponível em: www.setting.com.br/blog/gestao-empresarial/cadeia-valor-cadeia-suprimentos/. Acesso em: 16 abr. 2020.

TIAGO. **A lenda da Serra da Mantiqueira (A-man-ti-kir)**. 2015. Disponível em: www.fenope.com.br/a-lenda-da-serra-da-mantiqueira/. Acesso em: 27 mar. 2020.

TRUBEK, A.B. **Haute Cuisine**. How the french invented the culinary profession. Pennsylvania: University of Pennsylvania Press, 2005. Acesso em: 27 fev. 2021

VESCHI, Benjamin. **ETIMOLOGIA DE RESTAURANTE**. 2019. Disponível em: <https://etimologia.com.br/restaurante/>. Acesso em: 27 fev. 2021.

WILKINSON, John. **Mercados, redes e valores: o novo mundo da agricultura familiar**. Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2008

WILKINSON, J. Os mercados não vêm mais do “Mercado”. In MARQUES, F. C.; CONTERATO, M.A.; SCHNEIDER, S. (ORG). **Construção de mercados e agricultura familiar – desafios para o desenvolvimento rural**, Porto alegre: UFRGS, 2016.

YIN, R. K. **Estudo de caso: planejamento e métodos**. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2001.

ZANDER, I.; MATHEWS, J. A. Beyond heterarchy: Emerging futures of the hypermodern MNC. In U. Andersson, U. Holm (Eds.), **Managing the Contemporary Multinational: The Role of Headquarters**, 33-59. Cheltenham: Edward Elgar Publishing, 2010.

ZANETI, Tainá Bacellar. **COZINHA DE RAIZ: as relações entre chefs, produtores e consumidores a partir do uso de produtos agroalimentares singulares na gastronomia contemporânea**. 2017. 373 f. Tese (Doutorado) - Curso de Ciências Economicas, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2017. Disponível em: www.lume.ufrgs.br/handle/10183/164708. Acesso em: 16 abr. 2020

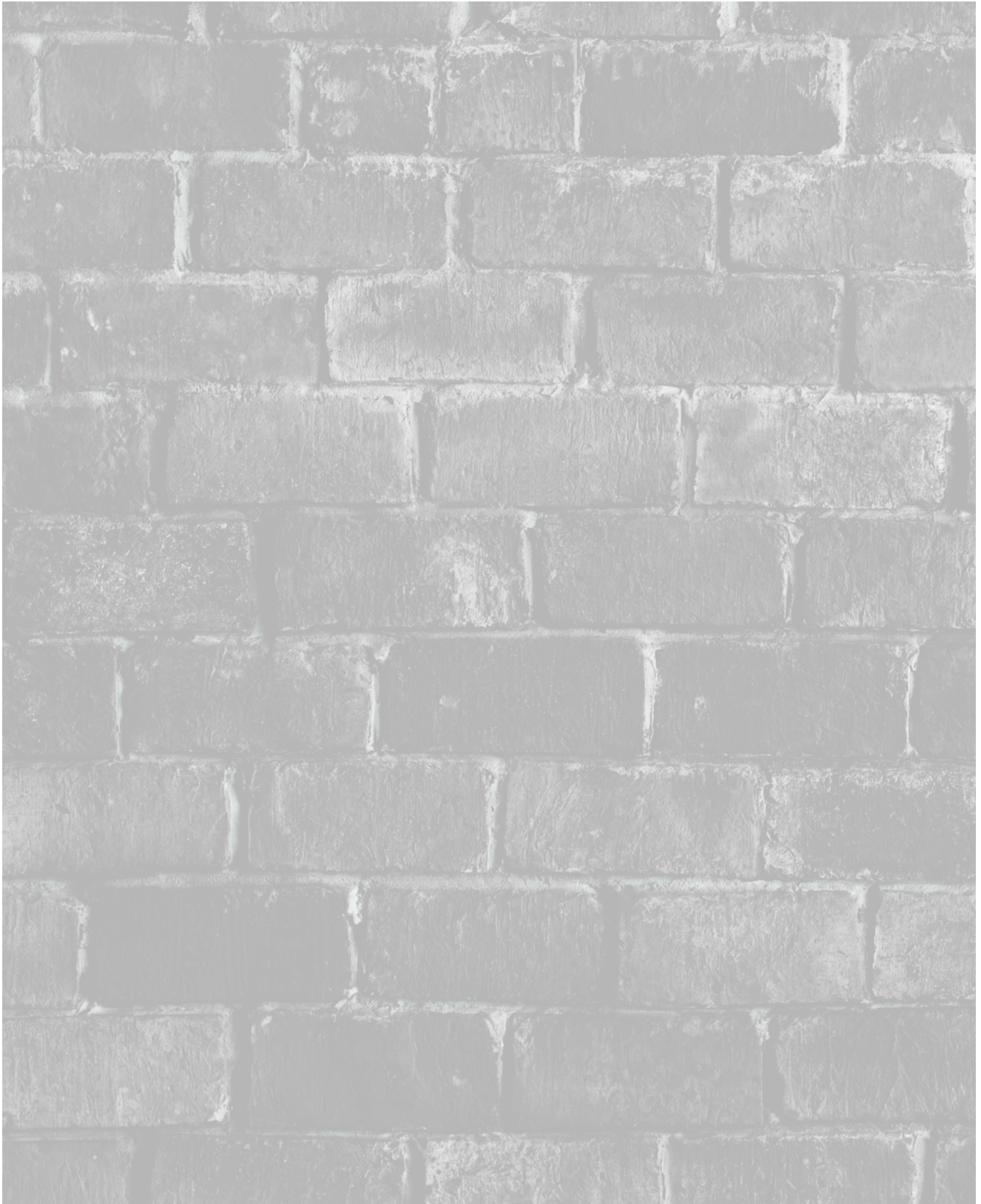
ZANETI, Tainá Bacellar. **DAS PANELAS DAS NOSSAS AVÓS AOS RESTAURANTES DE ALTA GASTRONOMIA: os processos sociais de valorização de produtos agroalimentares tradicionais**. 2012. 182 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Agronomia, Universidade de Brasília, Brasília, 2012. Disponível em: <https://repositorio.unb.br/handle/10482/12019>. Acesso em: 27 fev. 2021.

APÊNDICE 1

- 1- Nome da empresa.
- 2- Número total de empregados
- 3- Setor de atuação
- 4- Qual a capacidade de produção mensal?
- 4.1 Essa redução da produção foi ocasionada por conta da pandemia?
- 5- Qual o período de produção?
- 6- Já venceu alguma premiação nacional ou internacional?
- 7- Quais os itens da produção são considerados em uma premiação nacional. Citar qual produto ganhou e como a parceria com estabelecimentos de A&B de luxo impactou nesse processo.
- 8- Quais os itens da produção são considerados em uma premiação internacional. Citar qual produto ganhou e como a parceria com estabelecimentos de A&B de luxo impactou nesse processo.
- 9- Como é a relação do relacionamento com os parceiros locais do setor de A&B de luxo?
- 10- A confiança é algo presente? Explique melhor
- 11- Há comprometimento recíproco entre as partes?
- 12- Há adaptações mútuas para atender as necessidades dos parceiros e vice-versa? Como ocorrem (explorar produtos/processos serviços).
- 13- Quais são as principais dificuldades existentes no relacionamento com os parceiros locais do setor de A & B de luxo?
- 14- O que a premiação representa para os estabelecimentos de A&B de luxo para onde seus insumos são vendidos?

Projeto editorial
Editoração - Maria Amorim
Capa - Kazé Carvalho
Equipe Senac em Movimento

Fonte editoriais Arial Narrow
Fonte artigos Verdana



volume 1 • número 1
são paulo, outono de 2022